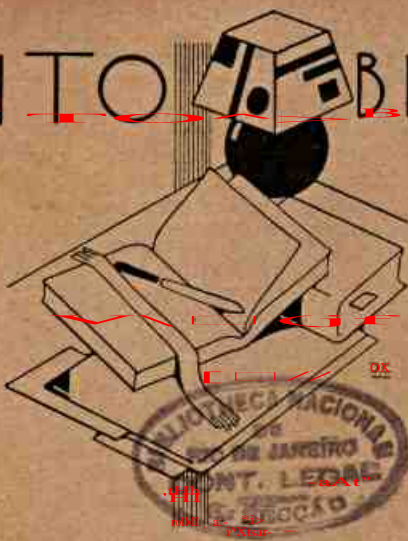
FON-FON
Anno XXVIII - N.º 41
Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1933
— PREÇO: 1$000 —
ORDEM E PROGRESSO

O CONTO BRASILEIRO

Um Homem Proverbial

De Mauricio Pinho

MEU amigo Astrogildo sempre foi um apologista dos proverbios. Seu pae, de quem herdára a mania, era ferreiro, e, crendo ser "de pequenino que se torce o pepino", acostumára os filhos, desde tenra idade, a prezar os proverbios; assim, para não desmentir, e como exemplo, tinha, em casa, um espêto de páo.

Possuia, portanto, Astrogildo, algumas razões em cultivar os proverbios, pois — dizia elle — cultivava assim tambem a memoria paterna. Era a todo momento que citava os mais variados dictados, e, si não fôsse essa sua mania, eu talvez o procurasse mais para fazer-me companhia.

Tendo emprehendido uma viagem ao norte do Brasil, passei annos sem ver Astrogildo. Quando voltei, encontrei-o envelhecido em excesso. E elle me contou tudo o que se passára em sua triste vida:

— Você sabe, eu era solteiro. Pois bem. Certa tarde, em que me achava romantico, encontrei, numa casa pequena á beira da estrada, debruçada na janella, uma morena linda; subitamente apaixonado, e, partindo de "quem muito escolhe pouco acerta", resolvi casar, já que "não se deve deixar para amanhã o que se póde fazer hoje". Eu ganhava bastante para sustentar mulher, e até filhos; portanto, casando não desrespeitaria o dictado "quem não póde com o tempo não inventa modas". Por outro lado, sendo a morena um mimo, em belleza e educação (apparentemente), havia de ser uma bôa companheira, e notei bem que assim estaria annullado totalmente o "antes só do que mal acompanhado". Eu ia casar, e, "como um homem prevenido vale por dois", e "quem vae ao mar avia-se em terra", comprei logo um revolver. Estando bem com Deus e com os anjos, julguei certo ir encontrar a felicidade no casamento, pois "casamento e mortalha, no céo se talha". "Quem casa quer casa", pensei. Comprei uma; e casei-me.

"Havia passado poucos dias, quando, ao ver a linda esposa de um vizinho, eu quiz alimentar o proverbio que diz que "a gallinha do vizinho é mais gorda do que a nossa"; porém deixei de contemplal-a ao lembrar-me que "quem tem, telhados de vidro"...

"Entretanto — calcule você o meu azar! — com o correr das semanas fui notando que a minha mulher não era o anjo que eu julgára; geniosa, não tolerava nada; gostava de discutir, e eu, sempre amigo dos proverbios, discutia tambem, não só porque "da discussão nasce a luz", mas tambem porque "quem cala consente". Não demorei a convencer-me que me havia casado com uma verdadeira jararaca, e, reflectindo que "de cobra não nasce passarinho", principiei a ficar horrorizado ao imaginar a linda próle que eu poderia paternizar. Naturalmente, os filhos sahiriam á mãe!

"Tendendo a crer que "quem o feio ama, bonito lhe parece", eu já começava a achar minha mulher feia, sem a belleza que meus olhos apaixonados haviam encontrado nos primeiros dias: era o meu amor que se extinguia...

"Um bello dia, saturado, e aproveitando um raro momento em que ella se mantinha calada, falei, esbravejando:

"— Mulher! "Quem diz o que quer, ouve o que não quer!" Sempre achei que "duro com duro não faz bom muro"; por isso vejo a necessidade da nossa separação. Não posso modificar o teu genio, porque "santo de casa não faz milagre".

"Sem mais conversa, e como "quem quer vae, e quem não quer manda" — e eu não queria ir — mandei-a embora... Vê você? Foi essa embrulhada toda a causa do meu envelhecimento precoce."

— Sim — falei eu. — Coisas da vida... Infelicidades... Porém isso tudo talvez não acontecesse si você não seguisse tanto o que dizem os proverbios... Abandone-os, emquanto é tempo...

— Não, meu caro! Que absurdo, o seu! Sáiba que agora, mais do que nunca, não os abandonarei!

— Não vejo porque...

— Eu explico: reflectindo bem, verifiquei que minha infelicidade teve origem na inobservancia de dois proverbios.

— Qual!... Você...

— Pois é. Assim, notei que encontrei minha ex-esposa, pela primeira vez, á beira da estrada, como laranja madura: era fatal! Tinha que ser azeda ou ter maribomdo!

— Sim... esse é um proverbio... E o outro?...

— Ora! O outro é banal, banalissimo, mas certo como só o sabe ser um proverbio. Minha infelicidade nasceu, quasi que exclusivamente, da desobediencia a elle.

— Mas... diga...

— "Quem pensa não casa!" meu caro, "quem pensa não casa!"...

O PETÉCA

QUANDO desembarcou em Santo Antonio do Rio Doce, assestou o monóculo para aquellas casas que branquejavam ao sol ao redor da estação, e indagou do carregador que corrêra a tomar-lhe as malas:

— Onde é o melhor hotel disto aqui?

— E' ali defronte, nhônhô — respondeu-lhe o rustico homem.

No hotel, occupou o melhor aposento: o de janellas para a rua.

Ao jantar, appareceu aprumadissimo dentro de um irreprehensivel jaquetão côr de cinza, e de flôr na lapela, e tão compenetrado devia estar de que a sua elegante pessôa, chegadinha do Rio, ou de que o seu physico robusto, de athleta, infundiam respeito a uns pacatos sujeitos que ali na sala palitavam os dentes ou enrolavam cigarrinhos de palha, que nem sequer me viu a um canto, numa cadeira de balanço, onde eu sempre me sentava após o jantar, a descançar das fadigas de um dia inteiro de árduos trabalhos de medição de terras...

Ao Zéca, o copeiro expedito, que o attendeu, pressuroso, a tratál-o de "seu doutor", — pediu uma mesa!

Deu-lhe o Zéca um logar á unica mesa que se via ali, uma mesa immensa que ia quasi de uma a outra parede daquella immensa sala de jantar.

Sentou-se com solennidade. Limpou o disco do monóculo num lenço que tirou de dentro da manga, entalou-o com um movimento de abrir e fechar o queixo e inspeccionou a sôpa que lhe foi servida. A seguir, pediu o cardápio.

— Quê? — fez o Zéca, curvando-se, sem entender.

— Oh, senhor! O cardápio, o *menu!*

O Zéca ficou na mesma. Accudiu o gerente, o sr. Pecegueiro, um portuguez ruidoso e serviçal, que deixou a registradora e foi, curvado e submisso, ennumerar ao "dutor" os pratos do dia e os vinhos especiaes da casa. O "dutor", porém, achou tudo muito trivial e ordinario. Aborreceu-se até, porquê não houvésse peixe e nem siquer uma sardinha.

— Com que então aqui não se tem o que jantar?! — clamou, impaciente, a rodéla do monóculo a rebrilhar junto á physionomia atarantada do bom Pecegueiro.

Por fim, acabou escolhendo mesmo entre os pratos do dia, e os vinhos que o hoteleiro garantia serem excellentes. Esclareceu bem as suas requintadas exigencias gustativas, e, minutos depois, em meio do pasmo dos que ali palitavam os dentes ou fumavam cigarrinhos de palha, saboreou, com gestos lentos e muito elegantes, o *bifte a cavallo* do unico hotel de Santo Antonio do Rio Doce, a pittoresca cidadezinha do leste de Minas!

No emtanto, da minha cadeira de balanço, eu o reconhecêra immediatamente. Fôra meu collega de turma no Collegio Pedro II. Era o Petéca o terror dos calouros e o *shoot* mais possante do *team* de *football* do Collegio!

O Petéca!

Ainda o vêjo, durante as aulas, mollemente recostado á carteira, o olhar perdido em alguma táboa do assoalho ou fixo nas páginas de uma revista ou de algum romance duvidoso que elle camuflava entre os livros de estudo.

As suas respostas ás perguntas dos lentes eram quasi sempre bitapafurdias e desencandeavam hilaridade na classe inteira. E foi com difficuldade e "pistolões" que fez os seus preparatorios, findos os quaes ingressou na Escola de Medicina, onde se distinguiu desde logo. Senão vejamos:

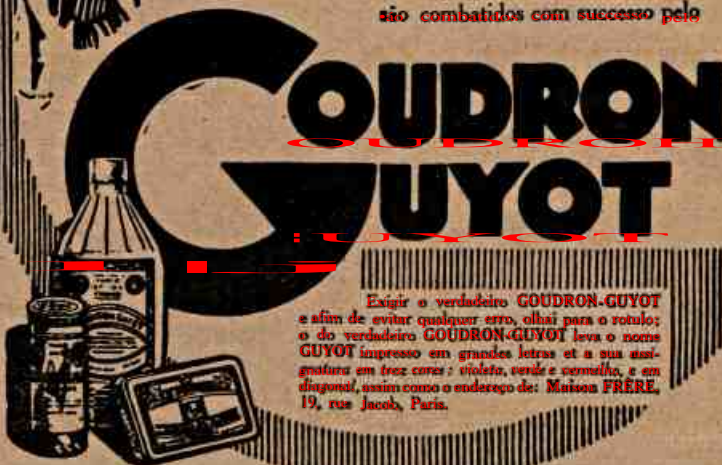
1º e 2º anno — Corredor de 100 e 200 metros razos.

3º e 4º — Campeão de bola ao cesto.

5º — Membro de uma embaixada que foi a Buenos-Aires e Montevidéo "estreitar relações entre a mocidade estudiosa do Brasil e das republicas amigas do Prata".

6º anno — Doutor em medicina e consultorio á rua dos Ourives (de 13 ás 16 horas).

E eis que, um anno depois, quando eu o suppunha receitando lá na rua dos Ourives, me surge elle ali em Santo Antonio do Rio Doce, na pessôa daquelle *snob* elegante! Sim, já não era o Petéca dos bons tempos: era o dr. Alberto Freire, — clinico especializado em certas doenças do homem e das senhoras, com longa pratica nos melhores hospitaes do Rio de Janeiro, — conforme rezou o annuncio que fez collocar na *Gazeta*

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1857

De Attila Paes Barreto

do *Rio Doce*, e segundo se leu na placa que mandou affixar á porta do consultorio, provisoriamente installado numa das salas do hotel.

* * *

Eu gostaria de vêl-o fazer uma larga e constante clientela ali em Santo Antonio do Rio Doce, mas succedeu que, logo no dia seguinte ao da sua chegada, elle começou a frequentar certas rodas de palestra que se formavam, á noite, na rua principal, ás quaes não eram estranhas pessôas as mais destacadas do logar, como o juiz de direito, o redactor da *Gazeta*, o cel. Sampaio e outras mais; e nessas rodas, e deante de taes pessôas, o meu ex-condiscipulo falava por todos os cotovelos em torno de tres unicos assumptos que acabaram por se tornar "enfastiantes", como disse o redactor da *Gazeta*: a sua vida ultra-elegante, no Rio, onde era socio de todos os *clubs chics*, as suas proezas esportivas, que, segundo elle asseverou, "assombraram o paiz", e as suas conquistas de "mulhelhes phenomenaes", ou de "garotas formidáveis", que elle fascinava, dominava e dellas obtinha tudo...

— As "melhores" do Rio eu as possuia quando e como queria! — exclamava, dando uma pancadinha no hombro austéro do cel. Sampaio, cujo charuto quasi se lhe despencava dos lábios.

E mais: não havia, por exemplo, politico em evidencia, cujo nome alguem annunciasse deante delle, que logo não fôsse "amississimo seu", ou de que elle não dissésse coisas como esta: "Não o conheci pessoalmente, mas dancei muito com a filha numa festa do Tijuca Tennis... Bôa pequena!"

E era de vêl-o envergar um de seus bellos ternos brancos, finissimo S. 120, e ir, majestosamente, pelas ruas da cidade, sem chapéo, de bengala, o monóculo entalado, a exhibir a sua linha e a sua elegancia á pacata gente de Santo Antonio do Rio Doce.

No consultorio, lia jornaes emquanto aguardava os clientes. Um dia appareceu um, que elle auscultou, interrogou, e a quem prescreveu um remedio qualquer. E não sei si farejou, tambem, no cliente, algum "jéca" endinheirado; o facto é que, depois, lhe enviou uma conta assim:

"Sua consulta, Rs. 40$000"

O cliente tornou ao consultorio:

— O doutor me desculpe, mas esta conta é um absurdo...

— Como absurdo?

— 40$000 é dinheiro muito.

— E acaso o senhor suppõe que eu fiz gratuitamente os meus estudos para vir curál-o de graça?

— Eu não supponho nada, doutor, mas o seu remedio fez-me cólicas...

— Qual cólicas, qual coisa nehuma! O que o senhor ha de ter sentido, foi apenas uma natural reação consequente do próprio medicamento!

O cliente pagou 10$000 e foi-se embora furioso, emquanto o doutor se sentia em parte caloteado. e, não obstante, embolsava o cobre que lhe rendia a primeira cura.

Assim, em vez de clientela, o que o joven facultativo e meu ex-collega Petéca rapidamente conseguiu, ali em Santo Antonio do Rio Doce, foi, pesa-me dizer, uma fama de... refinadissimo "garganta"!

* * *

E não perdia vasa o "refinadissimo garganta" de crivar a cidade e os seus habitantes com as setas da sua critica terribilissima. Certa vez, achando-se commigo á porta da igreja matriz de Santo Antonio, que, no alto de uma verdejante collina, joga para o céo uma torre muito branca e muito esguia, apontou lá para baixo, para a cidade, indicando, numa rua mais estreita, um Fordéco que buzinava desesperadamente atraz de um lento carro de boi, e mais alem, num quintal, um bando de urubús que disputavam os detrictos arremessados da janella de uma cozinha, — apontou para tudo aquillo e fulminou:

— Isso não é terra em que se viva!

E na noite em que o Cinema Rio Docense augmentou a illuminação da fachada para a exhibição de *Ben Hur*, namoricava elle a senhorita Gertrudes, recem-eleita "*Miss*" *Rio Doce*, e ria da gente endomingada que se amarrotava e se pisava á porta do cinema, na ansia de conquistar um bom logar, quando passou um tal Alarico, valentão temivel, cuja gravata, de um vermelho escandaloso, lhe ins-

(Continúa na pag. seguinte)

CONCEIÇÃO

CONCEIÇÃO... semblante divino de emoção, numa esquálidez de sonho e soffrimento...

Um sonho peregrino e singelo anda na subtilidade commovente de seu olhar... Um silencio religioso na tolerancia e gratidão de seu sorriso de bondade...

Uma leveza sobrenatural, uma delicadeza de ternura e sentimento eu vejo no gesto brando de seu andar...

A's vezes, vejo-a de olhar perdido na amplidão; outras vezes, de olhos cerrados... talvez vendo sua alma, colorida de segredos lindos, numa interior contemplação...

E que illusão... que illusão ás vezes entrevejo nas maneiras, gentis de sua perenne e dolente meditação!...

Recorda, um arrependimento doloroso, uma grande mágoa, o seu modo suave e terno de falar...

Lembra uma lenda remota e innocente que se ouviu contar...

Na lentidão dolorida da sua voz, fala sempre dum sonho malogrado, dum contentamento reprimido, duma saudade inseparavel, que fere dolorosamente a minha sensibilidade...

* * *

Um sonho torturado... uma mágoa viva e inquieta... uma illusão extincta... eu creio na serenidade commovente de Conceição...

SANTOS JUNIOR

---

pirou logo algumas de ironia e de debique.

No dia immediato, o Alarico apregoou por toda parte que aquelle "armofadinha táva escalado pr'apanhar na primeira occasião".

* * *

Apresentou-se a occasião numa noite em que o Alarico e outros da sua súcia tocaiaram o doutor numa rua escusa e pouco illuminada; e quando o doutor passava, o pegaram e o mimosearam com indelicados safanões e lhe tiraram o monóculo, que andou de mão em mão, de olho em olho, até espatifar-se no chão.

* * *

Assim atacado e até achincalhado, o elegante homem de sciencia, a principio surpreso, se fez de valente por fim, e quiz pespegar uma licção naquelles *catagestes* atrevidos. Patifes! Desrespeitarem a elle, um doutor do Rio! E lá pôz em acção os seus músculos e a sua agilidade de antigo campeão de bola ao cesto; mas a lamina de uma navalha scintillou de chofre deante delle e tão junto delle, que o fez recordar-se das luminosas tardes de sol m que, na pista do Fluminense F. C., batêra varios *records* de velocidade em 100 e 200 metros razos: disparou o dr. Alberto Freire rua a fóra, numa carreira desabalada em direcção do hotel, onde chegou pállido, tré-

O PETÉCA

(Conclusão)

mulo, offegante, e onde, por mais de uma hora, hospedes e creados o ouviram bramar contra o despoliciamento e contra o atrazo

inaudito de Santo Antonio do Rio Doce, terra em que não ficaria nem mais um dia!

* * *

E não ficou, realmente. Nessa mesma noite, afivelou as malas e, pelo trem da madrugada, zarpou-se de volta para o Rio de Janeiro.

* * *

Cerca de 10 horas do dia, embarafustou-se pelo hotel um magricellas de paletó remendado. Queria saber do sr. Pecegueiro que historia era aquella da partida inesperada do dr. Alberto Freire. Pecegueiro discutia com um sujeitão de fartos bigodes escuros, que parecia nervoso e agitado. Interrompeu a discussão e foi ao encontro do magricellas, exclamando:

— Já sei, já sei! Ficou a dever-lhe tambem! A mim tapeou-me até a hora do trem partir e lá se foi sem me pagar a conta do hotel e do *bar!*

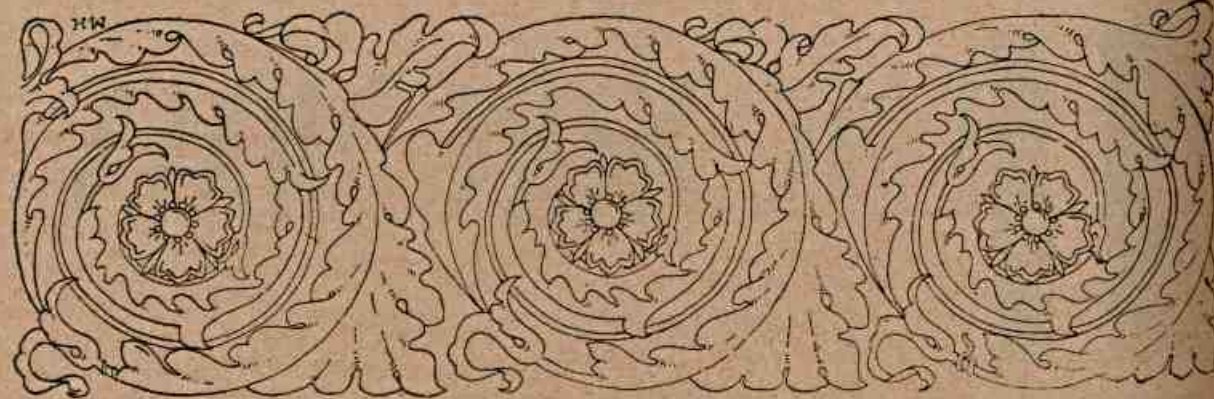
E indicando o sujeitão dos fartos bigodes escuros:

— E ali está o amigo Rachid que tem uma nota promissoria assignada por elle!

— E eu tenho tres... — gemeu o magricella de dentro do seu paletó remendado.

E desconsolado:

— Mas quem podia adivinhar? Um moço de tão bôa apparencia...

O HOMEM NEGRO

SAHIO de meu pequeno quarto da ilha Saint-Louis e caminho pelos cáes do Sena...

O rio, brilhante fita de ébano, despede baforadas de branca neblina. Fórmas caprichosas se despedaçam como carnes irreaes ao passar sob as negras abóbadas das pontes. Estas olham a noite com os olhos escarlate de seus pharóes de somno.

Quando lentamente detendo-me e debruçando-me ao parapeito para imaginar factos e personagens fantásticos, crimes hediondos, supplicios refinados... Embriagado pela idéa maléfica que se apoderou de mim, sinto delirar minha imaginação... Scenas ferozes, fantasmas espelhantes surgem do Sena. O ouvido aguçado por meu estado mórbido, escuto ruido de ossos arrastados pela corrente negra. Meus olhos, fóra das órbitas, vêem sahir do pérfido elemento uma longa procissão de espéctros. Dirigem-se para uma torre *nunca vista*, para uma torre que surge do passado como a recordação... E' a torre de Nesle! A' luz dos pharóes vejo as lascivas princezas que *tambem* brincaram com o coração do homem...

Todos nós conhecemos alguma princeza que se divertiu com nosso coração... Vejo sua boquinha cinzelada, seus grandes olhos e cabello... Sinto o coração sangrar: um soluço me suffoca. Penso em minha mãe, nella...

— Florence! — grito.

Uma suffocação espantosa, uma sensação horrivel nas entranhas: cáio... Vejo as aguas tumultuosas aproximarem-se... Grito... Abro os braços... Sinto a húmida respiração do rio no rosto... De repente, um choque feroz: não cáio mais.

Estou a menos de um metro da agua, que murmura sua eterna canção. Meu cérebro não póde explicar-me o que me occorre... Uma força sobre natural me sustenta no ar... Vejo a fria mortalha afastar-se... Sinto-me elevar...

* * *

UMA amplissima capa de velludo negro, com bordados de séda da mesma côr, envolve o esbelto corpo do desconhecido. Um turbante, negro tambem, cinge-lhe a fronte. Cara triangular, trigueira, nariz fino e de linha admiravel, bôcca grande, labios grossos e corados sob um bigode fino. Uma espessa barba de azeviche cobre-lhe a parte inferior do rosto. Atraz do arco formidavel das sobrancêlhas mephistophélicas brilham como brazas dois olhos infernaes.

Cobertas de luvas de séda negra suas mãos extendidas para mim parecem suster-me no espaço... De repente, não sei como, nem por que, estou a seu lado escutando suas estranhas palavras:

— Ouves o riso das princezas, o gemido dos violinos, o grito monótono dos sentimentos do Louvre? Carlos VI, rei de França!... Estamos no seculo XV! Não notas que a atmosphera é mais pura, mais oxygenada? Ouve o grito do burguez; ouve os passos da patrulha coberta de ferro...

— Sim, ouço as marteladas dos autómatos da Samaritana, o alarido do Pateo dos Milagres; vejo sombras suspeitas desamarrar uma barca e atravessar o rio... Vejo o resplendor do aço... Vejo o fulgor das tochas...

Longo silencio... Fui reagindo.

— Quem é o senhor? — perguntei-lhe, aggressivamente.

— Acaso me disseste teu nome?

— Não quero que me trates por tu. Eu me chamo...

— Alberto Moraes, de nacionalidade brasileira. Ha tres annos desembarcaste em Boulogne-sur-Mer, e desde então estudo literatura e philosophia na Universidade de Paris. O anno passado foste á Italia e seguiste um curso de trez mezes na Sapienza de Roma... Hoje mesmo, desesperado pelo abandono de tua noiva, Florence La Valette, quizeste acabar com a vida...

— Como o sabe o senhor?...

— Conheço todo o mundo... Perguntaste quem era eu? Sou Yenemleh Ker Sarkisian, imperador dos monges, rei da Persia e da Hungria, duque de Poltawa, de Kiew e de Sebastopol, conde de Transilvania e senhor de Macedonia, de Illiria e de outros logares.

— Ah, ah! — exclamo, convencido da loucura do Homem Negro.

— Não, não sou louco! — contestou-me elle, rindo. — Nem estás sonhando... Muito me interessas... Espero-te amanhã, ás dez da noite. Aqui tens meu endereço. Espero-te... Sim, virás, porque assim o desejo... Não penses que deixarás de vir. Sei que baterás em minha porta, amanhã, ás dez da noite.

Entrega-me um cartão e, dando dois passos para traz, desapparece numa onda de neblina.

Intrigado, curioso, apresso-me em chegar a meu quarto. Fecho a porta e a accendo a luz.

YENEMLEH KER SARKISIAN

Paris, Vienne, 89, rue Gilles Coeur.

Eis o que está escripto no fino cartão que tenho na mão.

De Ariel Aflán

Nervosamente, atiro-a sobre minha mesa, junto ás cartas dirigidas a minha mãe, a minha noiva e ao commissario de policia.

— Não irei. Que pensa esse charlatão? Não irei...

* * *

RUE GILLES COEUR — vejo escripto na placa collocada á entrada da rua. Caminho pela ingreme e escura travessa, vestigio do antigo Paris. O numero 39 é uma velha casa com porta de carvalho e fechadura de ferro batido.

Procuro a campainha e não a encontro. Tenho desejo de voltar e minha vontade se concentra para fazer-me avançar... Não sei como minha mão encontra o formidavel aldabrão, nem como o levanta e o deixa cahir violentamente.

A pancada se extende em circulos concentricos. A porta geme. A igreja de Sainte-Genevieve toca doze badaladas. A porta abre-se. Um gigantesco negro com turbante escarlate, as mãos cruzadas sobre o peito, inclina-se deante de mim.

— Monsieur Yenemleh Ker Sarkissian?

— Meu patrão o espera.

A casa está ás escuras. O negro atravessa varios salões luxuosamente mobiliados. Subito, me encontro em meio de um compartimento digno de servir de quadro a uma lenda oriental. Estou completamente só.

Um sofá coberto de pelles de urso negro do Tibet, de tigre real de Bengala, de panthera negra de Java, de leão gigante do Sudan, occupa a metade do compartimento. Tapetes maravilhosos cobrem com suas lãs multicôres um soalho de pão-santo. Moveis raros, contorcidos, madeiras exóticas curiosamente lavradas, idolos de pedra, monstros de porcelana, mesinhas turcas, vasos e pyras de bronze lavrado. Em uma das paredes, a que está deante do sofá, um enorme espelho de Veneza com uma antiquissima moldura doirada. Em torno delle, a parede está coberta de velludo côr de sangue, com estranhos bordados de flôres e aves desconhecidas, em oiro e prata.

Aproximo-me do espelho e nelle vejo, sobre o sofá, sentado em cima das pelles, o Homem Negro fumando tranquillamente em um narguillé. Volto-me violentamente, surprehendido.

— Bôa noite, Moraes.

— Bôa noite — respondo, numa tensão espantosa de minha vontade, para não deixar transparecer a agitação que me embaralha as idéas.

— Senta-te. Ali tens uma chicara de café com alguns doces árabes.

Sento-me sobre uns coxins, e de um sorvo bebo o café.

— Perguntar-me-ás por que te convidei hontem?

Como me incommoda que me trate por tu! Uma estranha sensação invade-me insensivelmente... Que terei?

— Verdadeiramente não comprehendo. Quizéra saber como...

— Como salvei tua vida?

— Sim, que fez para deter minha quéda.

— Saberás que no mundo tudo é energia. O phenomeno da gravitação universal é uma manifestação da energia. E' possivel ampliar, annullar ou reduzir essas ondas energéticas como se ampliam, annullam ou reduzem as ondas hertzianas.

Emquanto o homem Negro fala, sinto um somno invencivel turvar-me as idéas...

— A maneira de transformar a energia me foi revelada ha dois mil e seiscentos annos, em Eleusis. Deves ter ouvido falar no conde de Saint-Germain, em José Balsamo, conde de Cagliostro, cuja influencia... a Revolução do... e sem duvida...

As palavras chegam-me cada vez mais longinquas, mais sombrias... De repente, a escuridão!

* * *

O primeiro sentido que me volta é o ouvido. Escuto estranhas palavras:

— Preparaste o unguento?

— Sim, patrão.

— Trata do fogo...

Um momento de escuridão... e novamente ouço.

— Desta vez estou certo de que se me abrirão as portas da Immortalidade. A Immortalidade! Velho sonho dos alchimistas. Olhem-me vocês os que morreram pela Grande Obra! Olhem-me Nicolás Flamel, Nostrádamos, Heinrich Saitanos, Abd Avorrauld! Olha-me tu, o maior, Abraham Galles, tu que morreste no auto de fé de Sevilha, olha-me!... Tudo está prompto. Tenho *os trez vinos e o morto...*

A voz de bronze de um sino toca onze e meia... Abro os olhos. Sobre minha cabeça, a abobada de pedra de uma crypta. A luz provém de varias tochas fixadas na parede. Sombras extraordinarias e satânicas se contorcem. Instrumentos de aço polido... Um calafrio percorre-me o corpo deitado sobre uma mesa de marmore... Sim, de marmore frio, frio como a Morte.

(*Continúa na pag. seguinte*)

FAÇA ISTO DEPOIS DE UMA ENFERMIDADE

Como as pessôas franzinas obtêm rapidamente o peso e as forças que necessitam

FARTURA

(O trigo brasileiro)

A Assistencia Rural Brasileira, acaba de lançar no Brasil um novo cereal, destinado a resolver um dos maiores problemas da nossa agricultura.

Trata-se de um enxerto entre o milho e a canna de assucar, resultando uma planta de extraordinaria producção de grãos e de canna, esta á semelhança da de assucar, com 12, 33 % de saccarose no caldo.

O novo cereal presta-se magnificamente para o fabrico de pão e contem elementos nutritivos superiores aos do trigo, como se comprehenderá, uma planta de grande valor cultural cujo cyclo evolutivo é de apenas 90 dias sendo muito apropriada aos nossos climas.

Felizmente já é grande o numero de pedidos de sementes que aquelle Instituto tm recebido de todos os Estados do Brasil, o que attesta a efficiencia do enxerto.

DISTRACÇÃO DE VELHO — Que é isso? Por que está andando com um pé na calçada e outro no asphalto?

— Homem, obrigado pelo aviso! Ja estava pensando, até, que tinha ficado coxo...

O HOMEM NEGRO

(Conclusão)

Não posso mover-me. Estou seguro por correntes de aço. Levanto a cabeça e *vejo*, vejo trez meninos amarrados sobre bancos de madeira ennegrecida pelos seculos. Estão amordaçados e os olhos me olham. *Os trez vivos olham o morto*. Esses olhos exorbitados, injectados de sangue, lançam alaridos que perfuram como afiadas alabardas a sensibilidade esquisita de minhas retinas.

— Aaaaaaaaaah! — grito.

Uma sombra negra inclina-se sobre mim.

— Ho, ho! Despertou o morto... São doze menos cinco. Dentro de cinco minutos serás o morto mais morto do mundo.

— Mate-me agora. Não me torture. Para que esperar as doze horas?

— Para que? Mas não percebe a importancia incalculavel que tem essa *hora*? Fronteira entre dois infinitos! A Hora, o Minuto, o Segundo, o Instante Divino que separa os dois dias. Um dia desmorona no Nada, e ainda *nada* o substitue. E' um momento Infinito...

Uma badalada... outra...

Uma dôr aguda no peito. Um intenso cheiro de sangue me embriaga. O Homem Negro abre-me o peito com o fio de um escalpelo. Sinto um liquido quente que me corre pelo peito, pelas costas e chega á mesa de mármore... Em um espasmo de horror estiro os membros com força duplicada e peço que se me conceda um milagre...

E o milagre se faz: as quatro correntes que me prendem á mesa se quebram. Estou livre. Levanto-me, dou um murro feroz no peito do homem Negro, que tomba, e, olhando em torno, procuro uma sahida... Vejo uma porta de madeira... salto por cima dos trez meninos... ouço o Homem Negro levantar-se... Meus dedos tremulos se encarniçam contra a fechadura, que não se abre... Ouço os passos de meu verdugo... e, preso do mêdo mais horripilante, grito... Minhas unhas estalam, meus dedos sangram... A porta abre-se... Abre-se para um subterrâneo, que me lança na cara, como uma advertencia, sua respiração fétida e humida... Salto para fugir da mão que me queria segurar, e corro, corro para a salvação...

* * *

A agua do Sena fecha-se sobre o corpo de Alberto Moraes, que se suicidou por amôr, e que no ultimo momento de sua existencia viveu o mais horrivel pesadelo do mundo.

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as Aguas Purgativas, os Sáes Purgativos, os Pós Purgativos, os Xaropes Purgativos, as Capsulas Purgativas, as Tinturas, Pastilhas, os Oleos Purgativos, os Azeites Purgativos e as Pilulas Purgativas, são todos violentos irritantes e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um Vigorizador Especial das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

BOLAS!

MANOEL IGNACIO

Amo as bólas. Bólas de côr e gaz, em graciosos ensaios de ascensão. Vermelhas, azues, amarellas, verdes, presas em fios, num captiveiro inquieto, a esvoaçar.

Bólas de vidro, pequeninas, correndo sobre a terra, pelo impulso dos dedos dos garotos, como projectis graciosos de paz, na ansia modesta de attingir as cavidades do jogo de *gude*.

Bólas túmidas, raiadas, de *foot-ball*, que invadem as balizas, aninhando-se nas rêdes, na volupia gloriosa da victória. Petardos da força, em evoluções estheticas, no ar. Borboletas dos estádios. Lyrismo dos campeonatos.

Bólas de sabão, translucidas, irisadas, como divagações espirituaes da matéria.

Bailado circular das moleculas, no éther. Mundos pequeninos e fantasticos creados pelo sôpro.

Bólas de crystal dos adivinhos, aprehensivas, frias. Diminutos ventres, harmoniosos, cheios de acontecimentos e mystério.

Bólas — larvas das azas. Timidez do sonho humano do vôo. Bom humor do engenho. Poesia do útil. Versos da industria. Correndo, alçando-se, baliando, pontilham a vida de esperança, como realizações possiveis de chiméras.

Bólas! Evocam a ordem, o rythmo, na macieza integral do volume. Mensageiros do equilibrio, na graça das proporções. Integralismo das curvas, no espherico arremate.

Amo, sobretudo, as de côr — pequeninos balões —, que se vendem, nas ruas, ás crianças. Vendo-as, assim, em tão grande numero, e na divergencia tagarela das côres, acóde-me o desejo infantil de possuil-as, como si resuscitasse, de subito, rompendo a espessa incapacidade do homem, a sôfrega aptidão de minha meninice.

A divina metamorphose invade a vida toda. Folguedo colossal, a existencia despida de tragedia assume a vivacidade collegial da travessura, em algazarra de recreio.

* * *

Ambições, amores, conquistas, glorias... Bólas de adultos, vermelhas, azues, amarellas, verdes, presas nos fios heroicos dos esforços, povoando as almas de aspirações e de desejos.

Colorida sarabanda, inquietante saracotear dos destinos! Innumeras, bailam na seductora fluctuação.

Homem — garoto de hontem e de hoje — corre a perseguil-as, ardente. Deixa falar os philosophos dos máos presagios. Rheumáticos do afoito bando, não lhes crê na maldosa predica.

A Vida — bóla azul — sobre a bóla enorme da Terra, só vale pelas bólas!

saibam todos...

SANTINHO (Sergipe) — Meu caro *Santinho*... (Será de pau ôco?) A sua carta é muito interessante. E' pitoresca, reconheço-o. Mas, permitta a franqueza: não gosto dessa literatura de capiau, destinada a fazer rir. Preferia antes que escrevesse em linguagem correcta erudita. Gosto das coisas bellas, perfeitas.

E as phrases matutas que emprega, na sua missiva, não me causam senão um indizivel mal estar.

Muito bem.

O outro aspecto que a sua carta offerece é o de uma dualidade positiva: é confidencial, e de caracter publico.

De modo que não ha inconveniente em publical-a. Leiamol-a, pois:

"Yves, meu presado amigo (permitta, sejamos ainda bons camaradas):

Eh! Afasta!... P'ra fóra, cambada de poetaços! Poetas de rima, curta, poetastros intragaveis, pobres — coitados! —, pauperrimos de inspiração, por favor: "um forinha!"...

"*Um fóra*" para todos... sucia de importunadores!... Poetas agourentos... Chô, urubú!

Vocês, não teem sentimento, de enfadarem a paciencia do meu bom amigo Yves, quanto mais talento — essa "fructa rara" que bem poucos teem o dom de poder saborear — para fazer versos!

Hoje, — ouviram? — o Yves não pode attender a nenhum, vae me dedicar alguns minutos de attenção. Silencio!...

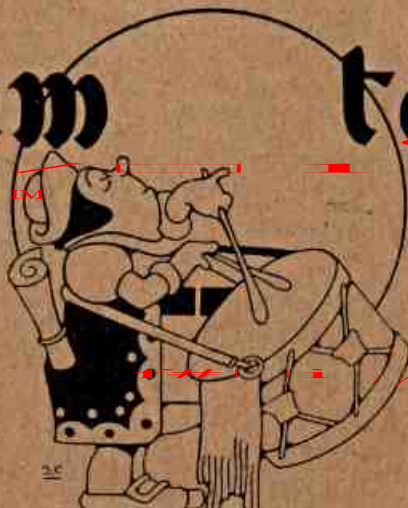
Yves, meu amigo, como vae você?

Já conseguiu publicar o seu novo livro de poesias "Azul e Rosa"?

Yves: tudo o que vem de si, da sua farta imaginação, da sua grande inspiração, do seu poderoso cerebro, é digno de ser lido e apreciado, portanto, é insophismavel o successo que o seu livro vae alcançar no mundo da literatura.

Eu, como patricio, embora ausente, sinto-me orgulhado e, antemão envio-lhe o meu abraço.

Você, com a successão das suas "Joias litterarias", tem sabido tornar-se merecedor d'essas glorias — que não, fazem nenhum favor em lh'as concederam, você bem as merece e muito mais.

Yves: não leve a mal eu ter perguntado linhas atraz: "já conseguiu publicar...". Externei-me d'essa maneira, por saber quão laboriosa é a sua vida, maxime, causticada com o recebimento constante de sonetos inqualificaveis que os "poetinhas forjados a ultima hora" submettem á sua critica.

Sempre que percorro a Secção "Saibam Todos" da sua revista *Fon-Fon* — pois ella tambem apparece *aqui no extrangeiro*, onde me acho exilado — lembro-me de você.

O "emblema" recente do Saibam Todos, aquelle "arauto" com honras de Z. Pereira, "focinho", como uma torre a espera do Zepelin, querendo varar o firmamento e aspecto imponente de verdadeiro alheamento ás coisas terrenas, em substituição ao antigo — velho austero, incansavel, que de tudo parecia querer tomar conhecimento e que, a despeito de possuir uma secretaria, não resistiu as amollações d'es taes poetas e foi forçado a renunciar o cargo — me diz claramente o quanto é atribulada a sua vida.

Não precisa m'o revelar, Yves; eu já sei, já tirei a conclusão.

A sua vida, a sua vida não é um segredo como as victrolas querem que seja a vida de todo o mundo, não.

A sua vida, a sua vida, Yves: eu comparo-a á de um artista; não de qualquer artista — é claro — mas, á d'aquelle celebre artista que, certa occasião, ahi no Brasil, proferiu um eloquente discurso que emocionou toda a assistencia.

Recordo-me perfeitamente como elle começou:

"O Altista... é qui nem uma licumutiva que atravessa os horizontes azús da vida.

Embora todo atapaiado e cheio de aveixames..."

O meu amigo, com a sua forte reminiscencia, deve lembrar-se dessa passagem, e, assim sendo, torna-se desnecessaria a reproducção completa.

Quero apenas deixar patente que, embora longe por força de circumstancias, não tenho esquecido o amigo; ao contrario, muito tenho me interessado por tudo o que lhe diz respeito.

Atravez os informes, as noticias, congratulo-me sempre com as suas victorias e compartilho igualmente dos seus maus instantes proporcionados pelos malditos poetas que lhe aniquillam a paciencia.

Creia, pois, meu amigo, na minha completa e perfeita solidariedade.

Yves, meu amigo: você não calcula o desejo immenso que tenho de ler o seu livro "Uma Garçonne Carioca"!

Tenho procurado em todas as livrarias d'este paiz, esse precioso livro, mas, de balde; não me foi possivel encontral-o em nenhuma. Por isso lhe ficaria muito grato, se o amigo adquirisse, ahi n'esse grande paiz, um exemplar de "Uma garçone carioca" e remettesse pelo correio — sob registro — ao meu endereço:

Santinho, Rua das Flores, Vilanova. (Sirjipe).

Por esse favor, eu não sei como lhe agradecer, pois julgo pouco a hypotheca do meu verdadeiro reconhecimento e o "enfesto" da minha solidariedade.

Adeus, Yves! não quero mais aborrecer-lhe.

Contando com a sua acquiescencia ao meu pedido, apresento-lhe as minhas excusas pelo tempo que venho de roubar-lhe e que talvez venha fazer falta ao seu futuro livro.

Disponha, com franqueza, do amigo certo e sincero. — *Santinho.*"

P.S.: A proposito da sua resposta para Snrta. Cecilia (São Paulo), no Saibam Todos de 5 d'este mez: "Será picive" que eu não seja attendido?"

Caro leitor. Com relação á parte que me parece confidencial, eu peço ás leitoras bonitas que guardem o mais rigoroso sigilo sobre o caso. Quanto á outra... A outra é a que se refére ao meu romance...

Ora, illustre *Santinho*, si o sr. faz questão absoluta de ler o meu livro, é só endereçar o seu pedido, á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166 ou a Livraria de Flores & Mano á mesma rua 145, nesta capital.

E' tudo quanto posso fazer. Si o não conseguir, eu lh'o enviarei de presente.

LILLIAN (Capital) — A missiva que v. ex. me envia é mais um inquerito do que uma consulta.

Vejamos o que v. ex. quer saber:

"Yves. Ha muitos dias que estou projectando fazer-lhe uma consulta, porem estive uns dias "na roça" depois uma coisa e outra, só hoje consegui tempo para lhe escrever. Trata-se do seguinte:

Ha um mez mais ou menos, V. disse a uma de suas correspondentes, na secção "Saltam Todos", que "gostava das morenas de typo "mignon", mas que tambem poderia amar uma loira, gorda, que fosse intelligente"...

Diga-me, Yves, V. acha mesmo que um homem pode amar u'a mulher somente pelo facto della ser intelligente? Eu acho isto impossivel e acho que entre uma intelligencia brilhante e um rosto lindo este terá sempre a primazia. Não quero dizer que as intelligentes não sejam amadas, mas si ellas não tiverem outro qualquer attractivo alem da intelligencia, coitadas, não serão felizes no amor. E fallo com experiencia propria... Não sou nada bonita de rosto, infelizmente; sou uma dessas morenas "à la Mussolini", grandes, fortes, que a gyria chama" um pedaço mas creio que tenho alguma intelligencia. Pois bem, dos dois homens que gostaram de mim, um foi attrahido pelas linhas sinuosas da minha plastica e o outro pela minha meiguice... E não se tratava de homens incultos ou estupidos; ambos eram homens intelligentes, instruidos e viajados. E um continua gostando de mim, sendo que o outro conservou o seu amor por mim até morrer. Creio, porem, que se eu tivesse um corpo mal feito ou um genio de fera nenhum dos dois me teria amado, por muita intelligencia que eu tivesse...

Que diz V.?

Sua valiosa opinião causara grande prazer a esta sua admiradora. — *Lilian*."

E' claro que v. ex. é um exemplo do que affirmo: — a mulher pode ser amada pela sua intelligencia, mesmo quando não é nada bonita. Mas, não se segue dahi que ella deva ser um jacaré, um elephante, uma onça, por exemplo. Não! Porque si fosse assim, o Jardim Zoologico estaria povoado de casaes...

V. ex. pelo que vejo, é uma belleza complexa e fatal (?) Cara de Mussolini, corpo de Greta Garbo, (bigodinho á Carlitos?) pernas "espirituaes" de Mistinguett, braços de Primo Carnera... Que é mais?

V. ex. é uma "feira de amostras" de bellezas, é um "armarinho de turco" de graças... variadas... é um "belchior" com um grande sortimento de encantos femininos e masculinos... De modo que não é uma mulher totalmente feia nem bonita: — passa... Mas, acima de tudo, está a sua intelligencia. Porque si não fosse ella V. ex. não teria inspirado as duas grandes paixões de que se pode orgulhar...

Essa é que é a verdade.

Não esqueça que a mulher bonitinha, mas ôca, sem intelligencia, sem espirito, pode agradar somente a primeira e a segunda vez... E' como doce de chocolate: — enjôa depressa. A mulher feia, mas intelligente, é como a feijoada brasileira: é pouco atrahente, pouco elegante, mas, alimenta e satisfaz; é supportavel o anno inteiro... (Desculpe a deselegancia da comparação...)

Em todo caso, o inquerito continúa aberto. Não haverá por ahi quem deseje dar a sua opinião sobre o assumpto?

"Alea jacta est!..."

ADELINO MAIA (Estado do Rio) — Olá, poeta de Nictheroy, viva! Até aqui, estou habituado a receber versos de "pés quebrados", onde os poetastros desconhecidos me desancam a pelle... Mas, desta vez, o sr. me elogia num soneto. Ora viva!

Vejamos a sua obra:

UM POETA PERNAMBUCANO

(Para o Bastos Portella)

Nascentes ao queimor do nordes- [tino
Sol que illumina o teu rincão [formoso,
Teu Pernambuco todo venturoso
Porque ouvio-te cantar, ainda me- [nino!

Foi lá, por certo, sim que peque- [nino
Tomou-te a Musa n'um gésto bon- [doso:
Fazendo-te um poeta caprichoso,
A cantar, neste mundo, o teu Des- [tino!

E cantando tu passas a existencia;
E, no brilho que dás a intelligencia,
Demonstras que o Destino te foi [bom!

Que te proteja, pois, a Natureza;
Tu, que cantas do Amôr toda a [belleza
E ainda bellezizas o "Fon-Fon"!

Adelino Maia.

Depois de ler esse seu soneto, — que muito lhe agradeço, aliás, — fico na situação de certos sujeitos a quem morre um parente rico. Ha o enterro. Gente a granel, no cemiterio. Todos chorando. Todo mundo com cara triste. Quando o caixão cáe, surdamente, no fundo da sepultura, o parente vivo (vivo? é claro... porque ás vezes o morto estremece, lá na cova...) o parente vivo desata a soluçar — não já pelo defunto, mas pelo soneto que um mau poeta recitou e elle ainda teve de supportar — elle, o vivo — e pela má sorte da poesia, que, mais uma vez, foi estropiada...

Entretanto o parente vivo (não confundir com o morto...) vem, debulhado em lagrimas, e sapeca um abraço no mau poeta, "agradecendo-lhe aquella prova commovente de solidariedade humana, tão bem cantada em versos magistraes."

Pois, meu caro, no caso do seu soneto, eu não sei como deva agir... Que devo ser para o sr. — o parente vivo ou o morto?

NINA (Capital) — Que diz? Uma carta? Mas, uma carta que nada explica, nada esclarece, nada commenta, nada diz, nada, tres vezes nada...

Quer uma prova?

Vejamos o que v. ex. escreve:

"Yves. Não tenha medo, porque não lhe pretendo fazer novas perguntas. Li a sua resposta e fiquei surphendida. Pensei que você fosse feliz.

Como me enganei!

Mas o Yves tem talento e uma grande dóse de experiencia. Agora eu, quantos desenganos não me estarão reservados.

"O amor é de todas as paixões a mais forte". Vou experimentar amar. Assim, poderei dar-lhe minhas impressões mais tarde. Que acha? Devo ou não?

Agora, seja bom para commigo, venha em meu auxilio. Pode fazel-o, sei bem.

Saúda-o a constante leitora e amiga. — *Nina*."

Vamos, D. Nina, que quer v. ex. dizer com a sua missiva?

Veja si no proximo sabbado me dirá alguma coisa menos apocalyptica... isto é, menos atrapalhada...

Pode ser?

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saltam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-9706
FON - FON — 14 - 10 - 933

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

VIOLETA BRANCA (Amazonas) — E' com o mais vivo encanto que leio a sua carta linda e amavel. Linda por vir das mãos gentis de uma formosa artista, que sabe dizer em poemas perfeitos, a graça, as bellezas, as coisas alegres ou tristes da vida; amavel por me cumular com a benevolencia e a cortezia das suas palavras de applauso e sympathia.

Illustre e adoravel collega, eu lhe agradeço o interesse e a admiração literarias que me testemunha na sua cartinha de letra que a graphologia chama — bizarra, e alta. Quer dizer — originalidade e orgulho. Isto sem anotar outros significados bons e maus.

Como, porém, o que interessa no caso é a sua missiva, eu a quero dar na sua integra:

"Yves. A sua promessa de muito breve dar a sensibilidade dos que sentem o rithmo das cousas lindas um livro, onde as cores da beleza, do sonho, e da poesia confundem-se no deslumbramento do "azul e rosa", encantou-me. Espero-o com a mesma alegria ansiosa com que esperaria um presente da felicidade. E as paginas, que voce escreve, não serão os mais lindos, sugestivos e luminosos presentes de felicidade?

Os seus versos tem para minha alma inquieta — espelho do sol e namorada dos rios — o mesmo fascinio misterioso da hara. Eles possuem para a minha vibratilidade creadora de simbolos e de alegrias, a sonora eloquencia de sangue mago e do pensamento iluminado.

Você, Yves, conhece o segredo da harmonia.

Com a simpathia maior de. — Violeta Branca."

MARUJO DO NORTE (Maranhã) — Li attenciosamente a sua carta. E por mais que me apiede da situação do poeta, seu amigo, nada encontro que me leve a applaudir os versos que elle escreve. Lamento a desgraça que o attinge; deploro o mal que o infelicita, mas não lhe teço louvores á poetica.

Os sonetos que lhe attribue são mediocres. Não dizem nada de novo, nem de grande.

E quanto ao seu, é ainda mais fraco do que os do seu apresentado.

Pezames a ambos.

E para distrair um pouco as leitoras bonitas, aqui vae o seu soneto pauperrimo:

RECORDAÇÃO

Quanta saudade tenho do passado,
Neste momento cheio de torpor,
Em que sinto meu amor apunhalado
Pela mão do destino enganador!

Como viver assim abandonado
No calabouço tetrico da dor,
Sendo o meu coração amargurado,
Cruelmente arrastado ao dissabor!

E's oh! creatura, a unica culpada!
De assim viver minh'alma massacrada,
Soluçando tão cheia de amargor!

Pois hoje existe desse amor passado,
Apenas no meu peito aconchegado
O fantasma feerico da dor!

Esse "fantasma feerico da dôr" deve ser uma especie de fogo de artificio. Não acha que um fantasma assim, ha de fazer muito pouco medo aos que soffrem? E a prova é que o sr. o traz "aconchegado ao peito", e não chega mesmo a espantar-se...

Não, seu Marujo, o sr. é, realmente, um marinheiro de primeira viagem. — em materia de literatura...

MARCOS MERELOS (S. Paulo) — O sr. sabe escrever bem. E' pena que o seu conto tenha terminado de modo tão vulgar. Em todo caso, "Historia de uma professorinha" será publicado.

Yves

O PRESENTE DA FADA

ERA um principe de lenda; louro e gentil, que errava de côrte em côrte e de terra em terra tangendo o alaúde, trovando e chorando a perda do throno e de seus maiores.

Quando elle nasceu, os reis seus paes tinham convidado todas as fadas bôas, suas amigas, para assistirem ao nascimento do principezinho, e ellas, attendendo ao convite, se abalaram dos mais longinquos confins do mundo e encheram durate varios dias o velho palacio real com seus beneficos dons, e presagiaram para o desejado infante toda sorte de venturas... Nos dias que procederam ao nascimento do menino, primeiro frueto dos régios amores, nem no ultimo recanto do alcacer se chegou a ver a antipathica figura da velha Etiqueta, e os reis paes viveram algumas horas como vivem os mendigos quando estão prestes a ver realizada alguma coisa que desejaram durante longo tempo: em pleno reinado da Esperança e da Illusão...

Pelas sumptuosas camaras e pelos amplos corredores do palacio andavam misturados, sorrindo-se uns áos outros como velhos amigos, as camaristas e as damas nobres, os pagens, os cavallariços e os gentis-homens do serviço dos reis com os gnomos e os anões do séquito das fadas...

Nasceu o principezinho. Prestaram-se-lhe honras de rei: até seu dourado berço chegaram os votos do povo, que lhe desejava prosperidades e venturas, longo e feliz reinado. E a senhora rainha, com lagrimas dulcissimas, que não tratou de occultar, e o senhor rei, seccando pressuroso alguma que lhe brotava dos olhos e ia correndo até perder-se furtiva entre sua barba esplendida, onde rebrilhavam alguns fios de prata, ouviram a voz das fadas bôas, que prophetizavam para o recem-nascido tudo de bom que podiam prophetizar...

— Será formoso como um dia de maio...

— Será louro como as messes maduras e branco como os raios da lua...

— Tangerá o alaúde como tangem as brisas da primavera nos jardins...

— Trovará cómo os rouxinóes no silencio da noite...

O sabio (distrahido). — Creio que esta nota interessará muitissimo á Sociedade de Archeologia.

— Viverá longos e ditosos annos...

E quando mais embevecidos ouviam o senhor rei e a senhora rainha os preságios das fadas; quando um fio de sol beijava a boquinha risonha do menino, que parecia no dourado berço um passarinho novo em ninho de branca plumagem e ouro puro; quando se escutavam os écos das musicas com que o povo festejava o nascimento do seu principe — como entra nas choças dos pobres a desgraça, quando menos se espera, entrou na camara real, toda coberta de negros crepes, indignada e terrivel, a mais velha das fadas, a mais sabia e a mais poderosa de todas ellas, que havia sido esquecida pelos reis quando estes convidaram as fadas bôas a presidir ao momento ditoso em que o menino real viesse á luz...

Extendendo sua dextra sobre o recem-nascido, exclamou:

— Sim: será formoso como um dia de primavera e louro como as messes, e branco como um raio da lua cheia; e tangerá como as brisas, e trovará como os rouxinóes; viverá longos e ditosos annos... Mas, tú, rainha, e tú rei, não conseguireis que elle se sente no throno que lhe preparaste... Chorae, paes: vosso unico filho não será rei deste povo que hoje celebra seu nascimento...

E, depois de assim falar, indignada e terrivel como havia entrado, a fada sahiu da camara real, fazendo flabelarem ao vento seus negros crepes...

Mas, rompendo o silencio, uma fada, que ainda não tinha falado, disse, collocando uma caixinha aos pés do berço do infante, cujo sorriso semelhava o arco-iris em hora de chuva, porque todos estavam chorando:

— Não será rei de seu povo, mas reinará de um throno que conquistará. Tu, rei, e tu, rainha, deveis ensinar-lhe a não se afastar nunca desta caixi-

De Emilio de Rueda

nha, que é o meu presente: o que está encerrado nella lhe dará a força de que necessita para cumprir o seu destino. Mas elle não deve abril-a sinão depois de ser rei, e quando já tiver passado o momento solemne do perigo que o ameaçou...

* * *

CUMPRIU-SE a prophecia da vingativa fada. Os povos são como as ondas do mar: beijam as areias da praia emquanto as impellem suaves e benignas brisas, e destróem bramindo quanto encontram si as move violento o furacão nas terriveis horas tempestuosas...

Os reis paes morreram de pesar e o principe não chegou a cingir sua cabeça com a corôa que lhe prepararam. O proprio povo que com os seus alegres clamores rodeou o berço do infante o expulsou com gritos hostis do palacio em que nascera...

* * *

ANDOU o principe, errante de côrte em côrte e de terra em terra, em busca de auxilio para reconquistar o que fôra propriedade de seus paes. Mas, ninguem o ajudou, que bem poucos ha no mundo dispostos a proteger majestades que cahiram. Porque os felizes são avaros de sua felicidade, e os desgraçados, olham indifferentes a desgraça alheia, attentos sómente á propria desventura...

Afinal, teve de se convencer de que não podia esperar o auxilio de ninguem, e o pobre principe de lenda, louro e gentil, tangia o seu alaúde e trovava chorando a perda do throno de seus maiores...

* * *

CHOROU o desthronado seu abandono e tremeu deante da visão de seu triste porvir. Mas, á medida que passava o tempo, sua afflicção foi decrescendo...

Ao seu espirito, como aos de todos os homens, se foi impondo, lentamente, a necessidade de crer...

Primeiro acreditou que herdaria o throno de seus paes. Perdido o throno, julgou que poderia reconquistal-o com a ajuda dos outros. Quando deixou de crer nisso, se lembrou da prophecia da bôa fada e da encantada caixinha que ella lhe déra...

Por que não crer nellas?... Seus paes, os reis, mil vezes lhe disseram que sua ultima esperança era aquella prophecia e sua ultima força estava encerrada no presente da fada...

E a ellas se agarrou como se agarram os naufragos á taboa que o Acaso lhes apresenta...

Não mais chorou. Trovava e tangia seu alaúde e errava de côrte em côrte e de terra em terra. Já não solicitava ajuda, nem chorava o passado, mas apenas esperava a occasião em que se realizaria a prophecia da fada bemfezeja, contando com a força mysteriosa que havia de prestar-lhe seu presente encantado...

* * *

CHEGOU, emfim, a uma côrte abalada pela desgraça. Vibravam os clarins e rasgavam o ar clamorosos pregões convocando os paladinos esforçados que quizessem vingar a offensa que havia feito ao velho rei um feiticeiro seu inimigo... A linda princezinha herdeira do throno fôra sequestrada e gemia, guardada por ferozes dragões, em lobrega caverna, onde a encerrára o malvado feiticeiro. E o rei, desesperado, offerecia sua corôa e a mão de sua filha ao herói que ousasse arrostar com as iras do mago e salvar a bella prisioneira.

Grande e tentadora era a recompensa. Mas quem seria bastante atrevido para ir medir suas forças com as do poderoso feiteeiro?...

O desterrado principe não vacillou, no emtanto: ali estava a sonhada ventura que havia de fazer possivel e realizavel a prophecia da fada benefica...

(Continúa na pag. seguinte)

Ella. — Mas, por que não me disseste antes que teu pae era millionario?

Elle. — Tive medo que te «passasses» para elle...

Separadas pela Grande Guerra, ainda ha familias que procuram os seus filhos atravez da França

As dolorosas circumstancias que surgiram depois da guerra de 1914 criaram um estado de alma, um anseio collectivo, que, ao par de uma prece entoada por mil vozes, chamaram e obtiveram o auxilio dos que podem alliviar muitas angustias.

Vive em Saint-Quentin, velha cidade da Picardia, que conta mais de vinte seculos de existencia, um homem eminentemente generoso e bom, cuja obra sublime, ultrapassa de tal modo o sentimento commum de caridade christã, que se receia não mencional-a com bastante respeito e emoção.

Esse homem chama-se burguezmente o senhor Lechantre. Ex-director das escolas, presidente da obra dos pupilos da Nação de Saint-Quentin e membro do Conselho Superior do Officio Nacional, alem de presidir a muitas outras obras de nobresa moral, elle só procura attenuar as amarguras dos que o acompanham na sombria jornada da vida.

Durante os longos annos da Grande Guerra, muitas vezes elle tivéra occasião de evocar para nós as paginas mais negras desse drama mundial. O olhar perdido, como num sonho doloroso, falava longamente com a voz tremula e surda.

"A guerra não esgotou ainda suas tragicas consequencias. Não

(Continúa na pag. seguinte)

O PRESENTE DA FADA - (Concl.)

E quanto á força para vencer o poderoso inimigo, elle contava com a ajuda sobrenatural que lhe prestaria o que, com tanto cuidado, guardava a caixinha encantada...

Apresentou-se, pois ao, rei.

Apresentou-se, e prometteu vencer o bruxo e salvar a princezinha ou morrer na empresa.

Recusou quanto auxilio lhe offereceram, e só e magnifico partiu...

* * *

CRUEL foi a luta. O bruxo lançou mão de todas as suas artes endiabradas, mas de nada lhe serviram estas, que nada valem sortilégios de maleficos feiticeiros quando se lhes oppõe a força que se assenta na pratica do bem e a inalteravel confiança do que crê e espera...

Vencido o mago, morreram os feros guardiães da cova em que chorava a captiva...

E o paiz inteiro acclamou o principe errante que soube expôr sua vida para salvar a de uma debil e linda princezinha...

E o velho rei premiou a façanha cedendo sua corôa ao salvador da filha que alegrava os ultimos dias de sua vida...

E a princezinha salva premiou o heroico principe com um amor sem limites, que pareceu ao amado a mais formosa recompensa de quantas recebêra...

* * *

COMO já era rei, o que havia sido triste desterrado quiz ver o que encerrava a caixinha, o que tanta força lhe deu no transe angustioso de sua luta com o bruxo.

Em presença de sua esposa e do velho rei e do mais velho dos sabios que formavam o Conselho Real, aos quaes havia contado sua historia, abriu o presente da fada benéfica.

E na caixinha não havia nada!...

O facto assombrou sobremaneira a todos, menos ao velho sábio, que disse:

— Não vos admireis, senhor, que nessa caixa não haja nada: vossa força não estava ahi... As forças necessarias ás grandes empresas e aos grandes triumphos, dão-nos a fé e a esperança, e estas não se encerram em caixinhas encantadas, e sim no coração dos homens...

conheço, todavia, desastre maior, nem mais pungente, do que aquelle que fere as crianças que attingem agora a idade da comprehensão". "Levadas pela tormenta, brutalmente separados da familia e arrastadas, durante semanas e mezes ao longo dos caminhos desconhecidos, abandonadas emfim ao acaso, quantas pobres crianças supportaram o peor dos martyrios! Só de pensar nisto se nos aperta o coração!"

"Muitas, sem duvida, tiveram a ventura de encontrar, em seguida, um parente longinquo, ou um amigo que procurou fazêl-os viver uma infancia venturosa. Mas quantos, ai de mim!, recemnascidos, ou quasi, arrancados ao seio materno como passaros do ninho, ignoravam o seu nome, a sua idade e a quem deviam a luz do dia!

"Quantos filhos de soldados, mortos nos campos de batalha, nem puderam ser adoptados como pupillos da Nação, porque não foram identificados! Lutaram no rol dos orphãos, ou no rol dos expostos. Arribaram entre os muros de um hospicio, onde são certamente curados e educados com amor, mas onde choraram muitas vezes a falta da indispensavel justiça paterna... do tépido lar e dos braços carinhosos da mãe extremosa, que, no emtanto, existe, que está alhures, não se sabe onde, definhando na soffreguidão de estreitar contra o seu coração o filho perdido.

"Mais de cinco mil crianças foram assim involuntariamente abandonadas durante o exodo das populações para o Norte e para o Este, ficando separadas de suas familias. Abrigadas por pessoas caridosas, o maior numero foi repatriado, passando pela Suissa e ficando centralizado em Lyon. Algumas encontraram, emfim, suas familias, mas ha muitas que ainda não puderam alcançar essa felicidade!

"Eu mesmo, continúa o narrador, fui evacuado em 1917 com a população de Saint-Quentin, e vivi o atroz calvario das pobres crianças perdidas.

E' por isso que me impuz a humilde missão de consagrar minha vida a procurar os paes desses meninos e até hoje já pude reunir 25 crianças ás suas familias. E' minha maior recompensa. Minha tarefa, no emtanto, não terminou. Quantos episodios dramaticos se podem relembrar!

"A odysséa pungente de uma menina de 7 annos que se acordou alta noite, no meio da estrada, com o estrondo dos canhões e o barulho das carroças que passavam carregadas de emigrantes a chorarem, chamando pelos outros. "Mamãe! Mamãe!" gritou a pobre Raymunda, louca de médo. Mas a mãe não respondeu: tinha sido levada no turbilhão da fuga, empurrada longe da sua filhinha

(Continúa na pag. seguinte)

Separados pela grande guerra, ainda ha familias

pela rude disciplina da soldadesca, e não mais se encontraram. Raymunda foi recolhida por um duaneiro e sua mulher, que lhe deram um logarzinho no seu lar já repleto de crianças e de velhos. Mas os bemfeitores morreram, a familia se dissolveu, e Raymunda foi para o Asylo dos Orphãos da Caridade Christã. Foi somente em 1925 depois de insistentes pesquizas, que se descobriu sua fé de baptismo e a pista do avô materno, que ainda vivia numa pequena cidade do centro da França.

— Que bonito! Agora estás mesmo elegante!
— E' que só agora encontrei o alfaiate de que necessitava.
— Quem é elle?
— A modista de minha irmã.

(Continuação)

Outra menina de 6 annos, loura e linda como os anjos, perdeu o pae nos campos de batalha, emquanto a mãe morria de privações em Saint Quintin, deixando-a com mais trez irmãozinhos ainda menores do que ella. A evacuação da cidade, feita ás pressas, sem nenhum plano de organização separou uns dos outros os quatro irmãos. Só se achou Renée, que foi logo recolhida por uma excellente senhora, que a educou perfeitamente bem... Somente agora se poude identificar a familia a que pertence. Mas todos morreram, e os irmãozinhos desappareceram. Durante o êxodo, foram abandonados, talvez pisados, ou morreram á mingua, num canto da estrada.

Outro caso doloroso foi o da pequenina Eugenia. (Sempre meninas! Parece que o inimigo não poupava os varões, que desappareciam sempre! As meninas achavam melhor clemencia.) Passou-se isto durante a occupação allemã, que se estendeu por toda a região norte do departamento do Aisne.

Uma noite fria de novembro, uma mão desconhecida batera á porta da sacristia da igreja de Guise. O bom homem que lá estava exercendo as funcções de sacristão abriu, e achou sobre o lagedo uma criancinha recemnascida. Um papel estava pregado nas roupas, com esta phrase laconica, escripta com tinta azul:

"Chamo-me Eugenia; nasci de paes francezes!"

O caixeiro viajante (ao ladrão). — Tenho observado que vocês, os ladrões, nas photographias dos jornaes, estão sempre com a barba por fazer. Aqui está o meu cartão. Sou representante das navalhas X, as melhores do mundo.

que procuram os seus filhos através da França

(Conclusão)

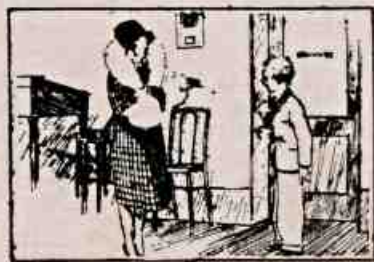
"Inscreveram-na no registro civil de Guisa, com o nome de *Eugenia Laguerre*, e foi entregue ao carinho maternal das irmãs de caridade de Guisa; mas em seguida entrou para a orphandade de Saint-Quintin. Passaram-se annos. As pesquizas não cessavam, quando, emfim, em 1926 se apresentou uma senhora, viuva Caudron, mãe de 15 filhos que poude provar ser a avó da pequena Eugenia.

"E outras e outras muitas aventuras dramaticas cujos heroes são quasi sempre meninas perdidas, que nos esforçamos para restituir ao ninho de onde cahiram uma noite de tormenta! Ainda ha, todavia, um sem numero de corações que soffrem e cada dia o correio me traz cartas angustiadas dos quatro pontos do paiz. Da Bretanha, da Normandia, dos Pyreneus ou da Saboia. São paes que me supplicam lhes procure os filhos! São moças e rapazes que me imploram os ajude a tornar a abraçar os paes!

— O senhor está com um ar de preoccupado...
— E' verdade. O casamento põe-me nervoso.
— Ha muito tempo que está casado?
— Não; mas vou casar-me amanhã...

Chegam centenas de cartas escriptas com lagrimas de sangue. E' um prefeito da Alsacia, cujo filho unico morreu pela França, em 1918 e que deseja adoptar um pequeno francez para se lembrar do filho desapparecido. E' uma senhora do Canadá, de origem franceza, que perdeu os seis irmãos na guerra e quer hoje deixar seu nome e sua grande fortuna a uma orphã da guerra da França. E' um pae de numerosa familia attingido pelos gazes quando capitão de reserva, que deseja criar uma pequena victima da terrivel guerra mundial... E outros... e muitos outros, que só procuram tornar-se uteis, cada vez mais unidos na sublime obra de aliviar as horrendas consequencias do flagelo!"

O sr. Lechantre tambem perdeu seus dois unicos filhos na guerra. Não podendo estancar suas lagrimas procura ao menos transformar em sorrisos, o pranto do proximo. E' um apostolo!

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

A esposa do chefe. — Si meu marido não está, sua secretaria deve saber para onde elle foi.

O garoto. — Está claro que sabe: elles sahiram juntos...

QUEIXA

DIZIA Heidenstam, não se queixar dos que lhe fizeram mal, nem dos que, podendo, não lhe quizeram fazer o bem.

Queixava-se — adduzia — delle mesmo, que não soube fazer mal, podendo, e quiz fazer bem, não sabendo...

Da mesma sorte, eu não me queixo, nem me deploro, daquelles que, podendo praticar o mal... praticaram covardemente, attentando contra todos os preceitos de humanidade e em nome de inexplicaveis principios...

Não lamento, nem guardo resentimento, das almas trabalhadas pela inveja, pelo despeito e pelo odio, que são punhaes diabolicos machinados pela inconsciencia, porque, menos dellas que de sua inferioridade originaria, reconheço as culpas e penas deformadoras do personalismo subjectivo...

Não sei, de outra parte, como queixar-me dos que não quizeram ser justos para commigo, no trato e ajuste quotidianos dos problemas attinentes á vida, fosse pela manifesta incomprehensão, o aturdimento, o desconcerto inspirado pela singularidade de meus sensibilismo, fosse satisfazendo absurdo e innocuo capricho...

E os homens que me calumniaram, e negaram a intelligencia de que me dotou a força maxima e suprema a que se submettem todas as energias, procurando despojar-me do unico thesouro que, pela existencia a fóra, venho desperdiçando, em vão, merecem a indulgencia absolutoria de meu perdão...

Os que roubaram, e mentiram, e fôram, da colera das palavras á acção tormentosa de processos aviltantes, numa triste exhibição das monstruosidades que o interior humano acalenta, carecem menos de um castigo que da prece redemptora...

Os ébrios, os loucos, os enfermos do corpo corroídos de psychoses estranhas, denotadoras das estreitas affinidades, entre o espirito, que é luz e subtilismo, e a carne, que é nervos, sangue, ossos e musculos, esses, forçados da condição abjecta em que viveram, dura pena pagaram pelas suas maldades, e, de certo, fazem jús a que lhes peçamos desculpas á dor que nos proporcionaram...

O de que jámais deixarei de me queixar, e imprecar aos céos, é da mulher ignorante (permittam assignale o pleonasmo), que fez de seu atrazo mental, da retrogradação cerebrina inherente ao sexo, um vil instrumnto de tortura e rebaixamento moral... Que profanou, conspurcou, infamou e condemnou a essencia dos melhores sentimentos com a peçonha de sua insciencia irremessivel...

Porque, a seus olhos, de intenso brilho — a cégueira ás vezes despede fulgurações — o bem se transformou em mal, o bom deixou de ser bom, a sinceridade extinguiu-se, de espanto, e o amôr tornou-se uma mentira...

Ante sua retina obscurecida, o ciume, com as côres rubras e violentas dos occasos em sangue, fez fluir uma caudal de rubis liquefeitos e tudo ficou inflammado, odioso, vermelho — pois que as tonalidades melancolicas, as *nuances* suaves, só as assimilam os séres de intelligencia...

E todo a maldade do mundo, seus dramas e tempestades resultam dessa lamentavel condição do interior feminino — a ignorancia — tributo pesadissimo que a Natureza, mulher e perfida tambem, impoz á sua belleza satanica...

GOMES NETTO

Notas de ARTE

COMPANHIA LYRICA ITALIANA DO THEATRO CARLOS GOMES. — A Fosca, de Carlos Gomes — *Libretto* de Antonio Ghislanzoni extrahido do romance de Luiz Capranica — *A festa das Marias*, onde figura o acontecimento historico da invasão da Igreja de S. Pedro de Castella e o rapto das esposas venezianas por corsarios da Istria chefiados por Gajolo, o que occorreu na 1.ª metade do seculo X da era catholica — a ópera *Fosca*, do celebre compositor brasileiro ANTONIO CARLOS GOMES, foi levada á scena pela primeira vez em Milão, no Theatro Scala, há mais de 60 annos, precisamente em 17 de fevereiro de 1873.

Como o de tantos outros, o assumpto do libretto é uma historia de amôr e de ciume.

Paulo, capitão veneziano, cáe prisioneiro dos corsarios da Istria, chefiados por Gajolo. Fosca, irmã do Pirata-chefe, apaixona-se por Paulo, que em Veneza é noivo de uma joven orphã, Delia. Miguel Giotta, pae de Paulo, obtem-lhe o resgate, mas Fosca oppõe-se á restituição do captivo, a quem confessa a sua paixão e de quem deseja vingar-se por sabel-o noivo de Delia. Não no consegue. Auxiliada por Cambrio, escravo a serviço de Gajolo e aspirante occulto á chefia dos corsarios e á posse de Fosca, esta obtem daquelle, mediante a promessa de ser-lhe esposa, seja de novo aprisionado Paulo e presa tambem Delia, no momento em que Gajolo e o seu bando, segundo um plano previamente combinado, atacarem a Igreja de S. Pedro de Castella, onde estarão reunidas para a cerimonia nupcial as noivas de Veneza, e onde irão tambem casar-se Paulo e Delia. Dada a invasão, Cambrio cumpre a promessa, mas se Paulo e Delia caem nas mãos dos piratas, Gajolo é tambem aprisionado pelos soldados de Veneza. Fosca, dialogando com Delia, se enternece deante do reconhecimento da rival pelo desvelo com que a irmã do corsario tratou a Paulo, do sacrificio de que Delia é capaz, renunciando á propria felicidade e deixando que se unam Paulo e Fosca; mas, estimulada por Cambrio, de novo se deixa levar pelo ciume, pelo desespero, quando sabe da falsa noticia da morte de Gajolo e se recorda da promessa feita a Cambrio, e manda supplicíar os noivos prisioneiros, ingerindo antes um veneno mortal, pois lhe repugna pertencer a Cambrio. No momento em que vão ser sacrificados os captivos, apparece Gajolo, que se comprometêra sob palavra perante o Doge de Veneza a libertál-os, ou voltar a soffrer o castigo applicavel aos piratas, se aquelles tivessem sido mortos. Paulo e Delia voltam a Veneza e Fosca morre arrependida, dando um ultimo adeus aos noivos que partem...

Eis ahi, em summarissimo esboço, o drama que inspirou a musica da *Fosca*. Dizendo da sua nova opera, depois de caracterizar *O Guarany* como idealização da brasilidade ancestral, "escripta, tendo no ouvido os lamentos de uma raça perseguida, as preces commovidas de um povo primitivo, dentro da moldura inegualavel dos sertões brasileiros" — Carlos Gomes escreveu: "A minha *Fosca* foi inspirada na humanidade de um entrecho de caracter geral, embora sejam antiquados os ambientes e recuados os tempos em que a sua acção se movimenta. Com a Fosca sou um compositor para o mundo todo, pois não são deste nem daquelle povo os sentimentos humanissimos que rythmei numa hora onde me banhei do sentimento universal. Amo a *Fosca* sobre todas as minhas outras operas porque a ouço como cidadão do mundo, dando por isso á sua partitura a largueza de traços estructuraes que ella contem."

A julgar pelo libretto, é sentença inappellavel o auto-juizo de Carlos Gomes. Aos musicistas que sejam criticos, ou aos criticos que sejam musicistas, cabe dizer, pelo estudo technico da partitura, qual o seu valor artistico real. Quanto a nós, que não pertencemos a nenhuma das duas categorias, que somos apenas chronista de impressões musicaes, só pudemos aferil-o ouvindo simplesmente a partitura. E' o que ora fazemos, á vista da unica audição a que assistimos na tarde de domingo, 1.º de outubro, realizada pela C. L. I. T. C. G., com a seguinte distri-

(Continúa na pag. seguinte)

buição, sendo regente da orchestra o mº Emilio Capizzano: *Fosca* — Carmen Gomes; *Delia* — Dora Solima; *Paulo* — Abel de Angeli; *Cambrio* — Paulo Ansaldi; *Gajolo* — Lisandro Sergenti; *Miguel Giotta* — Alberto Terrones; *O Doge* — José Zonzini.

Naturalmente cortada por necessidades da representação, o foi em excesso n'alguns pontos, muito principalmente no fim do 4.º acto, a 2.ª parte da scena 6.ª: corte brusco, que suspendeu muito sensivelmente a continuidade da acção, perturbando a emoção do espectador. Era indispensavel assistir-se á transição natural entre o momento em que se prepara o supplicio de Paulo e Delia e o da sua libertação por Gajolo mediante a chegada repentina do chefe dos corsarios. Não no permittio a extensão, a brutalidade do corte. A não ser isso, tudo o mais, dentro da relatividade com que deve ser julgada a Companhia, só merece louvores. Basta assignalar o extraordinario esforço, por ella desenvolvida dia a dia, para proporcionar-nos um espectaculo novo, quasi inedito para o Brasil, para o Rio, pois a *Fosca* não se representa aqui ha mais de 50 annos.

Yolanda Ferreira, a jovem e extraordinaria pianista, discipula de Henrique Oswaldo e Oscar Guanabarino, que o anno passado deslumbrou o auditorio do Theatro Municipal realizando, com arte invulgar, e pela primeira vez na America do Sul, um Recital-Liszt. Na proxima quinzena de outubro vêl-a-emos de novo provocar a mesma admiração executando com orchestra, regida pela talentosa maestrina Joanidia Sodré, uma das grandes obras de Tschaikowsky — o «Concerto, op. 22».

Ouvida, a *Fosca* se incorpora immediatamente á série de operas da escola italiana que nos encantam pela belleza melodica, sem pertencer comtudo ao grupo das que tudo deixam ás vozes e nada á orchestra. Ao contrario, ha trechos puramente instrumentaes, como o bello preludio do 3.º acto e outros, onde vozes e instrumentos se conjugam num só esplendor harmonico, como o final do 2.º acto, em todos os quaes se sente que, embora essencialmente melodica, possue a *Fosca* bellezas de opera symphonica.

A sua interpretação pela Companhia do Carlos Gomes foi digna dos grandes applausos com que foi recebida pelo publico e pela critica.

Carmen Gomes encarnando a protagonista, mostrou mais uma vez o seu valor de actriz-cantora. Cantou e representou com grande brilho. Apurando mais o papel,

que só estudou durante quinze ou vinte dias, se nos não enganamos, tel-a-emos natural interprete da Fosca, como já o é de Aida, da Tosca, de Leonor e de outras heroinas do repertorio lyrico.

Dora Solima foi digna parciaria de Carmen Gomes. A sua bella voz e a sua delicada figura adaptaram-se inteiramente á personagem da orphasinha veneziana, Delia.

Abel de Angeli, embora não pairasse no mesmo plano artistico das sopranos, foi muito apreciavel vivendo a figura de Paolo.

Paulo Ansaldi appareceu-nos esplendido Cambrio. Foi dos melhores interpretes da grande opera.

Lisandro Sergenti poderia ter sido melhor Gajolo; da sua voz, da sua arte esperava-se mais. O que não quer dizer tenha deixado de contribuir bastante para o exito do espectaculo.

Dentro dos seus pequeninos papeis, José Zonzini e Alberto Terrones concorreram muito discretamente para a harmonia do conjuncto.

Além de haver agradado todo

O criado. — Mando aprompatar o Rolls Royce, madame?

A artista de cinema. — Não; peça o carro blindado. Vou sahir com as minhas joias...

---

o espectaculo, é de assignalar-se mais especialmente: de Fosca, a *preghiera — Fratel... fratel..., da un fascino tremendo...* e a aria *A lei d'apresso egli era!*, numeros em que mais sobresahiram as bellezas vocaes e dramaticas da notavel cantora patricia, que é Carmen Gomes; a aria de Delia — *Ahimé!... Dove sono!*, a que Dora Solima deu bello realce, e o duetto de Fosca e Delia — *Ei vive si, ma non per te*, em que os dous sopranos proporcionaram aos ouvintes intensa emoção lyrico-dramatica. Ainda mais: a formosa melodia *Cara città natia*, a que Abel de Angeli imprimiu muito apreciavel poder communicativo, e finalmente toda a belleza vocal e dramatica com que Paulo Ansaldi encarnou a figura de Cambrio na aria — *Va, forsennata... va!* e na canção — *Io vengo dai mondi fulgenti di luce*.

Da orchestra, habilmente dirigida pelo m.º Capizzano, destacamos a execução dos *Preludios* do 1.º e do 2.º acto. Uma palavra ainda para os côros, que se esforçaram por fazer o possivel para não destoarem da harmonia do conjuncto.

Emfim, quaesquer que sejam as restricções a fazer, qualquer que seja a differença a notar entre o que foi e o que deve ser uma representação integral da *Fosca*, a verdade é que o espectaculo realizado pela C. L. I. T. C. G., valeu por um triumpho dos cantores, dos instrumentistas, do regente e da empreza que levou a termo a tarefa ingente.

OSCAR D'ALVA

Indanthren
CHUVA OU SOL
Com chuva ou com sol, conservam-se sempre, as mesmas, nitidas e vivas, as côres dos tecidos tintos com corantes
INDANTHREN.
Por isso, sempre que uma senhora fôr comprar uma fazenda para uzo pessoal, dos filhos, ou da casa, deve verificar se ella traz a etiqueta
INDANTHREN
que marca os tecidos de côres fixas, de resistencia insuperada ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

ANNO XXVII

FON-FON

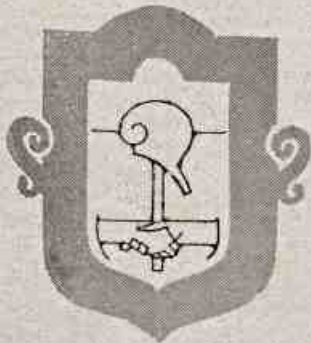
NUMERO 41

Rio de Janeiro, 14 de Outubro de 1933

Director: SERGIO SILVA

Argentina-Brasil

A expansão bandeirante em demanda do sul, o espirito de conquista dos portuguezes encontrou o espirito de conquista dos espanhóes, que pretendiam expandir-se para o norte. Deu-se o choque, reflexo, no fundo, do antagonismo preexistente na Peninsula. E houve castelhanos com Vertiz e Zeballos que subiram até Santa Catharina. E houve lusos e brasileiros com D. Diogo de Souza, Lecor, Curado, Porto Alegre e Caxias que entraram em Montevidéo, Buenos Aires e Assunção.

Dai uma oposição constante e uma desconfiança latente que a época actual não justifica mais. Todas essas lutas do passado, que serviram a constituir as nacionalidades deste lado da America ou a configural-as de modo definitivo, não devem ser esquecidas pelo ensinamento e pela gloria que dellas se tiram, nem devem ser condemnadas em nome de theorias abstrátas. O que se deve reconhecer é que passaram e que não ha mais razão para que prevaleçam os resquicios de seus ultimos effeitos.

Esse é hoje o consenso geral entre argentinos e brasileiros, talvez com raras excepções. Para isso o que mais póde contribuir é o conhecimento mútuo dos dois povos, conhecimento de seu carater proprio, de seus rumos diversos, de suas necessidades differentes, de seu espirito nacional, de suas manifestações literarias ou artisticas. Para que sejamos os melhores amigos deste mundo, bastará que reciprocamente conheçamos as nossas culturas. Veremos, assim, que, se nem tudo nos une, nada pelo menos nos separa. Essa é uma obra para gerações. Felizmente tem sido feita de ha bastante tempo e é agradavel reconhecer que está bem adeantada.

O primeiro grande passo de aproximação foi dado pelas sympathicas individualidades de Julio Roca e Campos Salles. O segundo dál-o agora o general Justo. Saudemol-o, pois, como um novo arauto da amizade necessaria entre dois grandes povos, que se estimarão e respeitarão vivamente no dia em que puderem ler claramente os pensamentos um do outro.

Inaugura-se para o mundo a éra do banimento das manobras secretas. Ellas é que geravam as desconfianças, mães dos odios e rivalidades sem motivo.

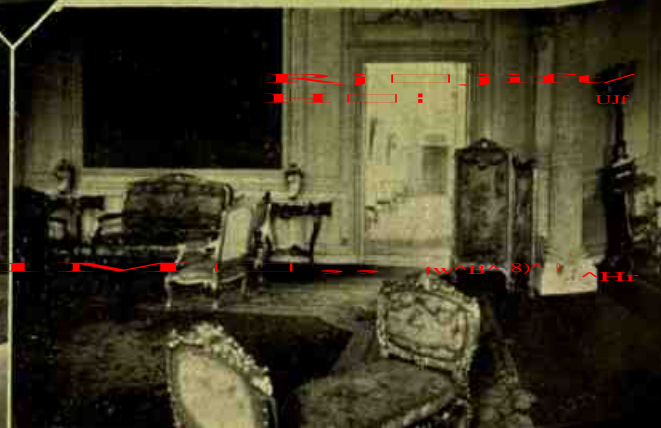
Gustavo Barroso

O PALACIO GUANABARA, RESIDENCIA DO PRESIDENTE JUSTO NO RIO DE JANEIRO

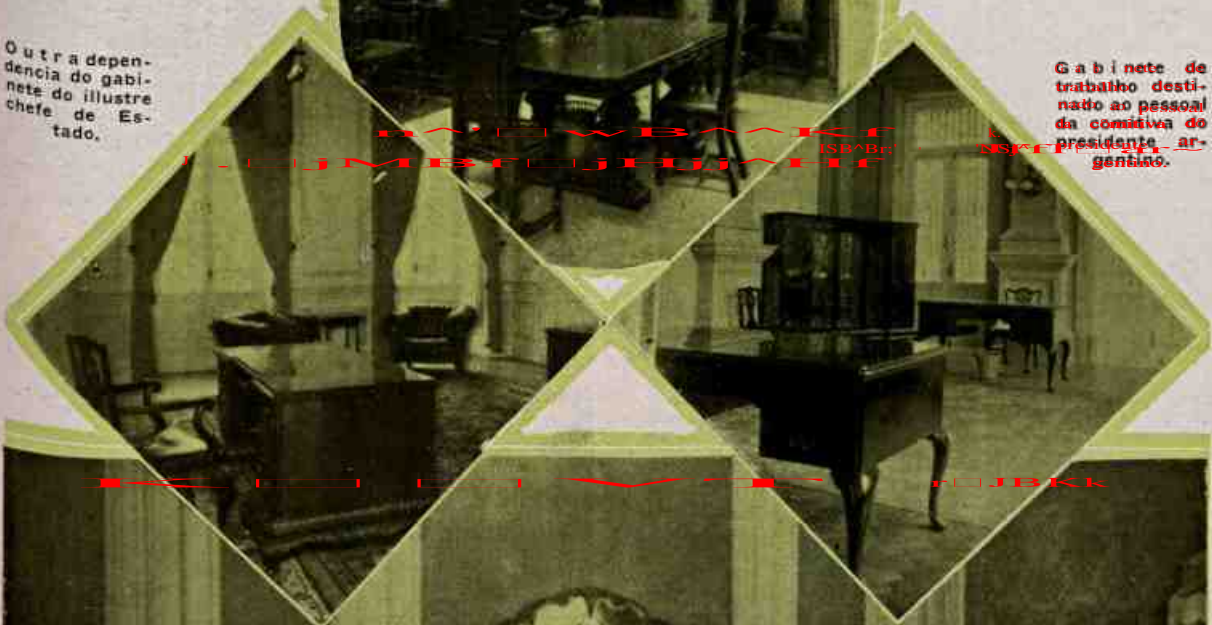
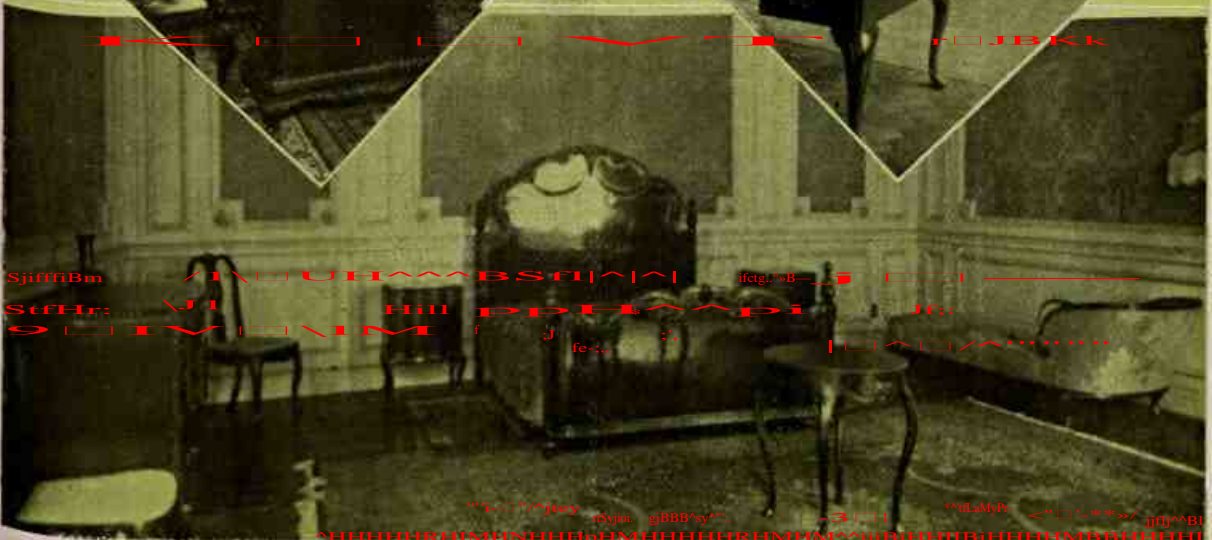
Uma visão do sumptuoso palacio que hospeda o presidente da Republica Argentina e sua comitiva.

O parque do Guanabara, amplo e cheio de belleza, numa photographia tomada especialmente para FON-FON.

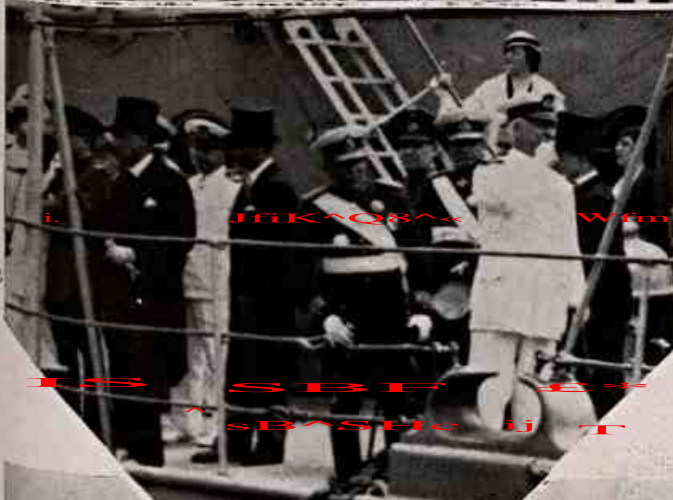
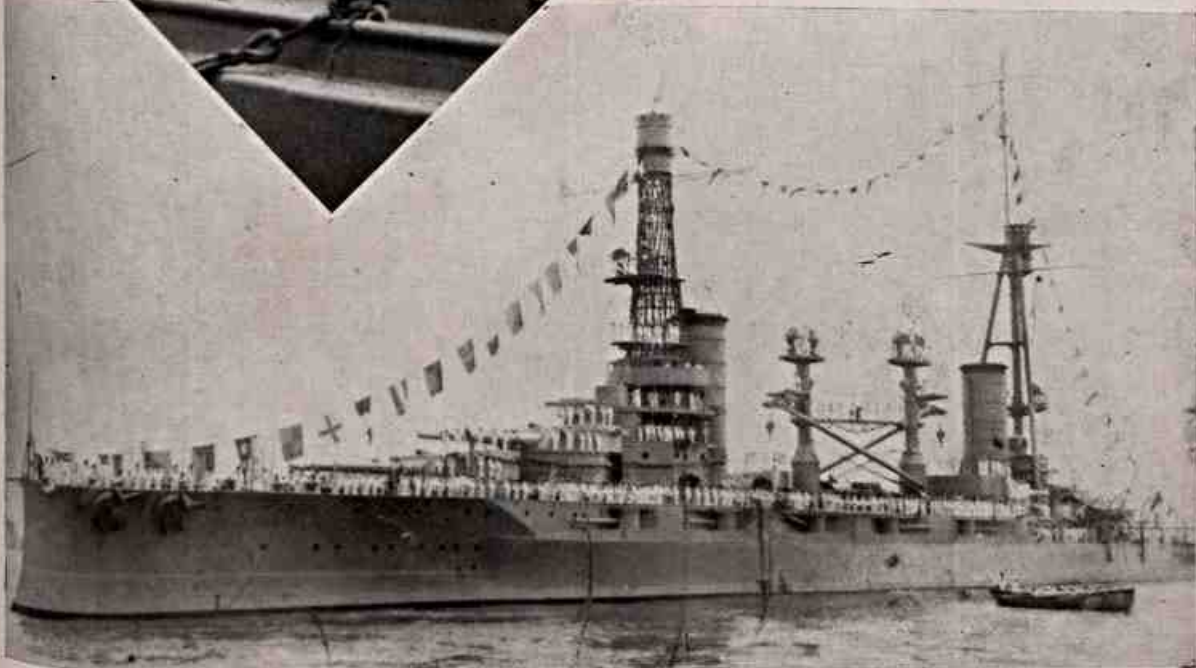
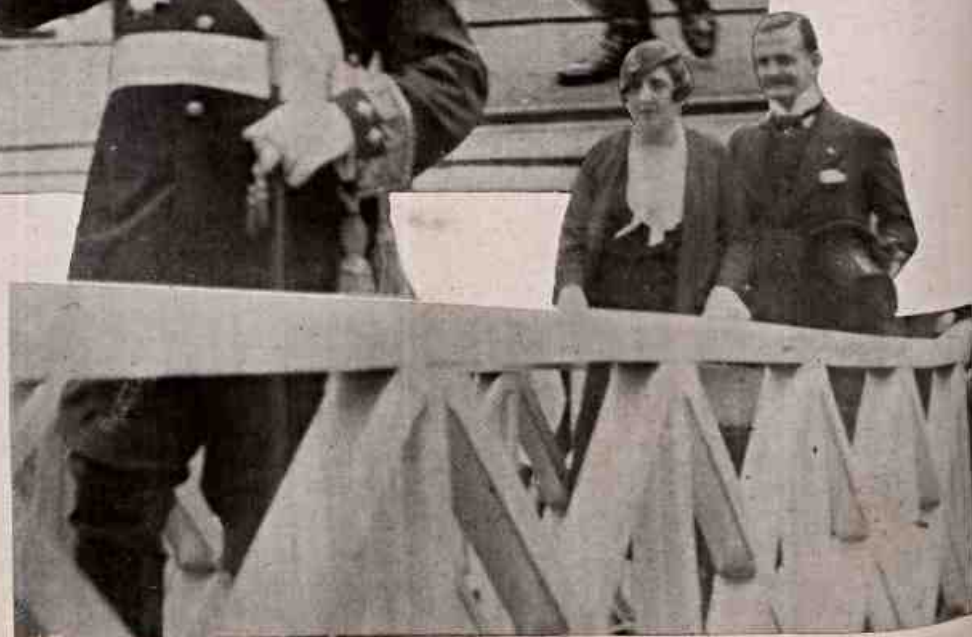
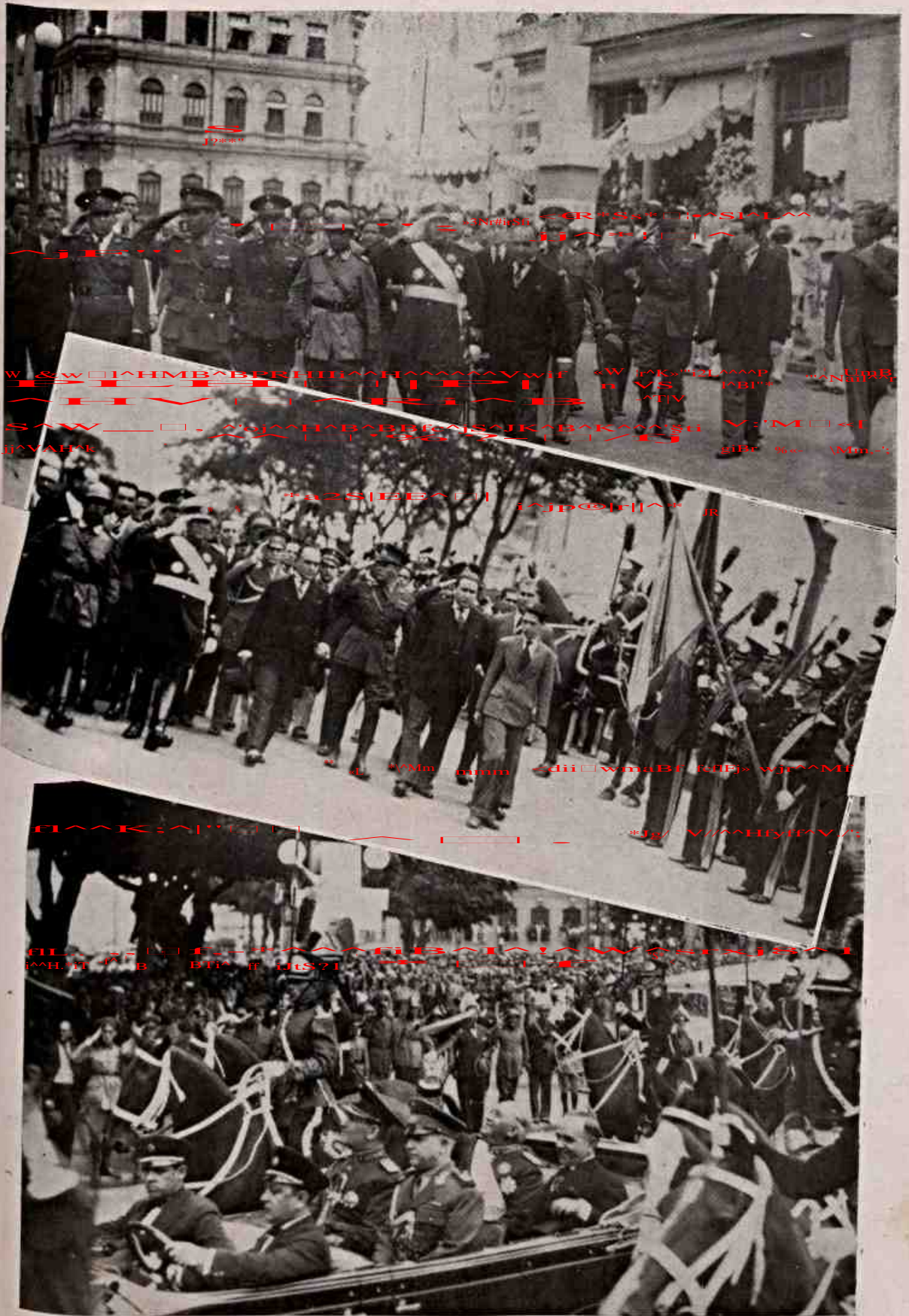
O salão de recepção.

Um detalhe do salão nobre.

No alto: salão de jantar.

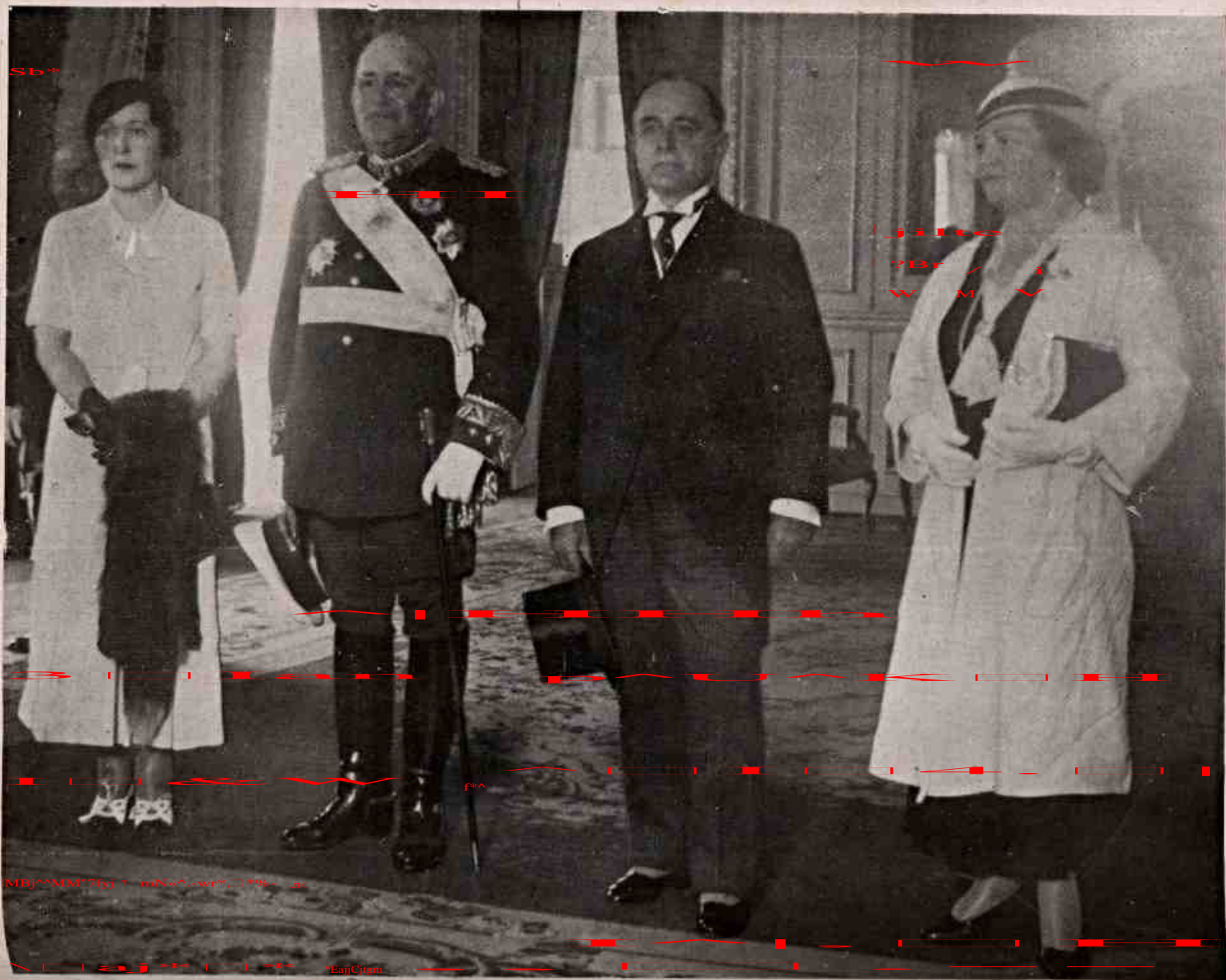
No medalhão: gabinete de trabalho do general Justo.

Outra dependencia do gabinete do illustre chefe de Estado.

Gabinete de trabalho destinado ao pessoal da comitiva do presidente argentino.

Outro aspecto dos aposentos particulares do general Justo: o dormitorio.

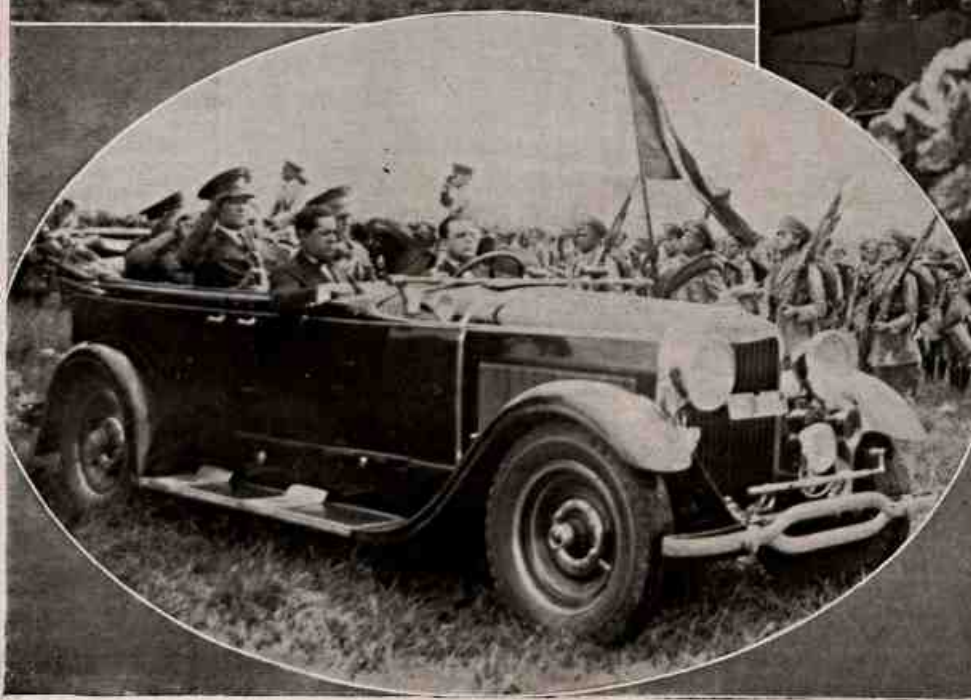
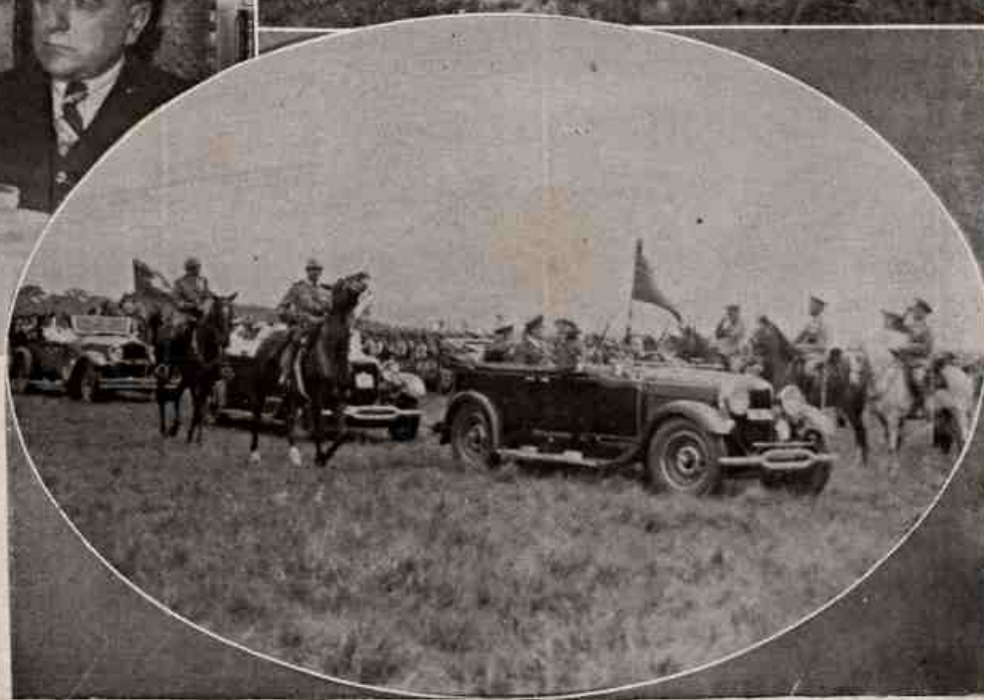
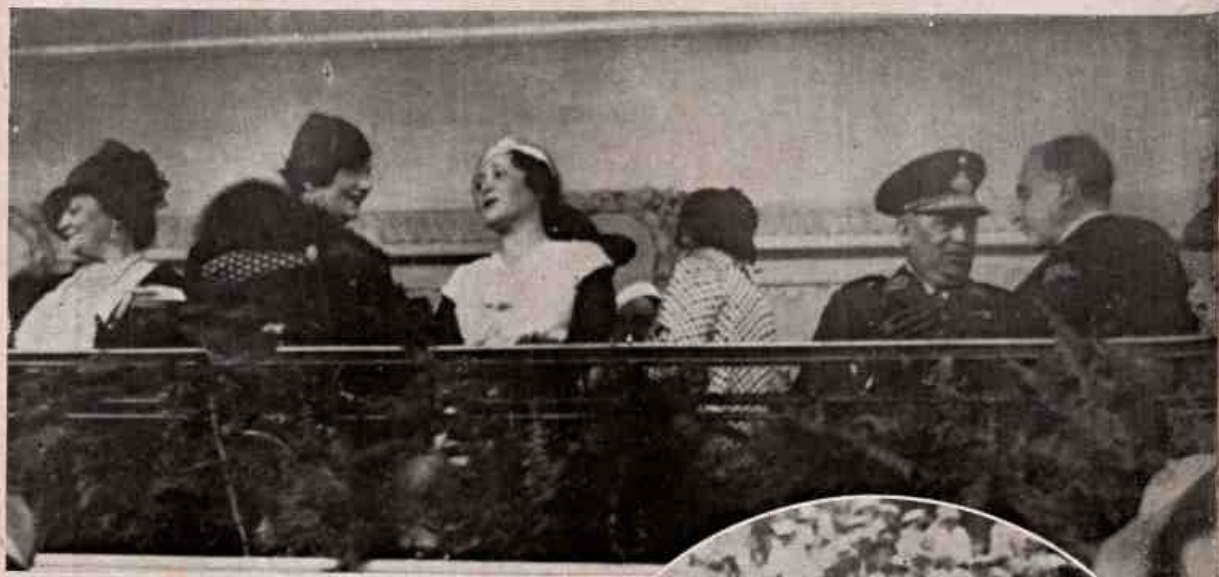
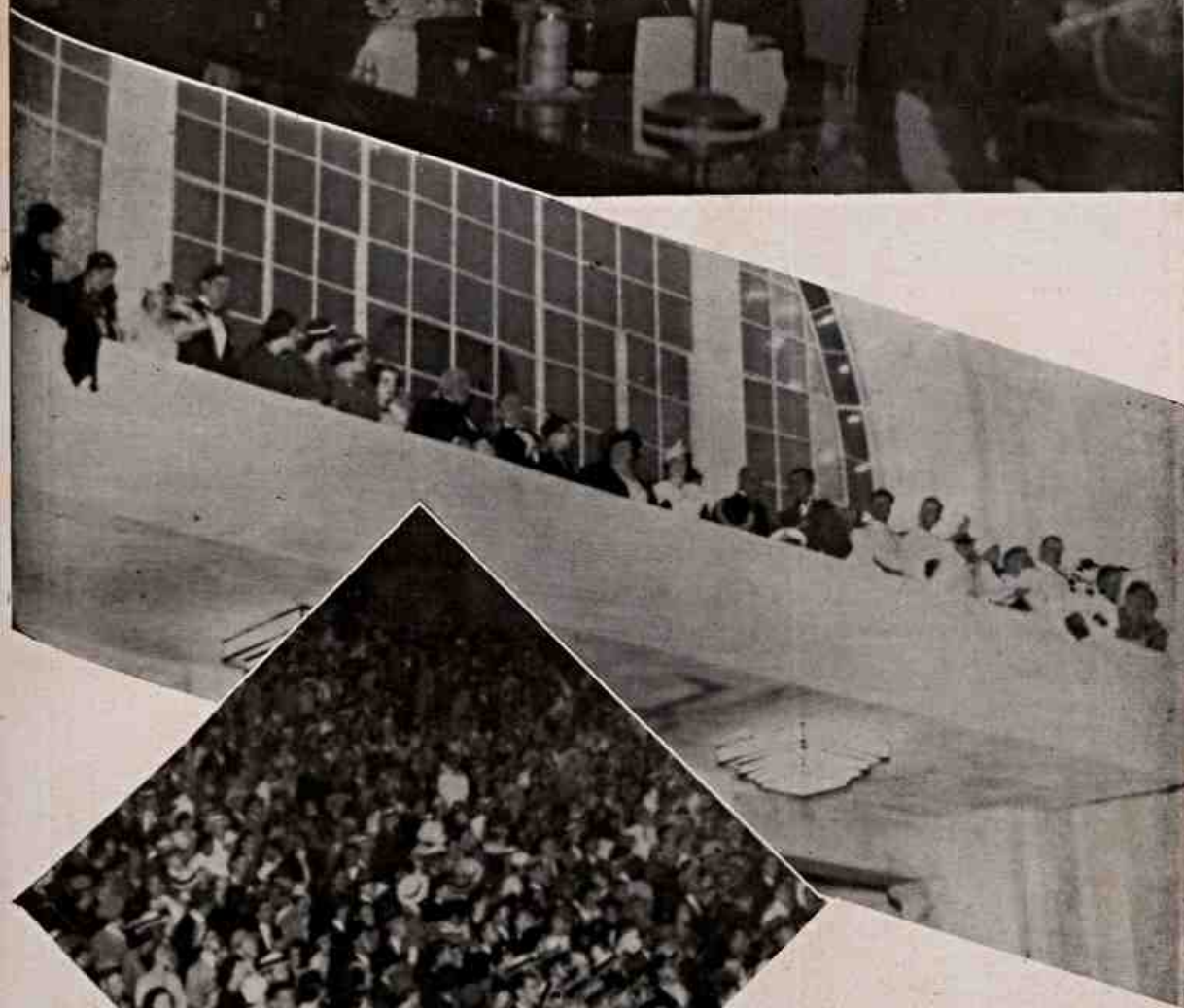
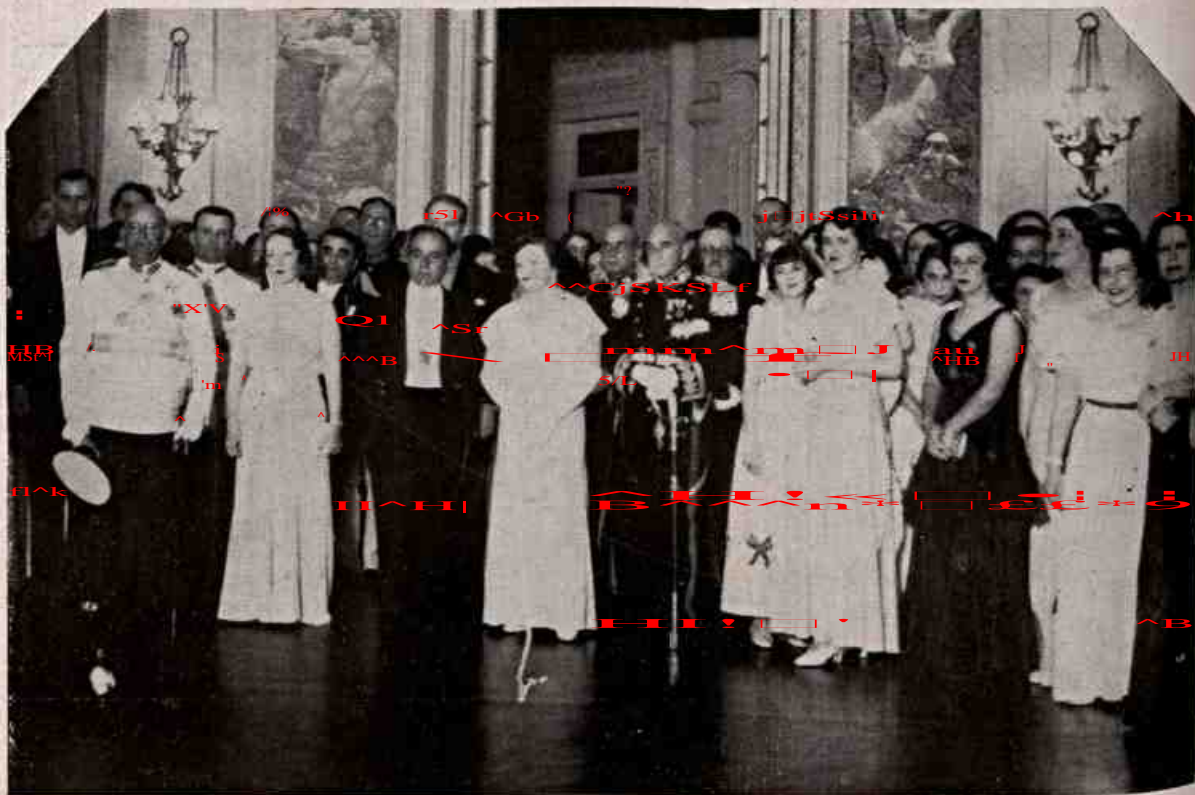
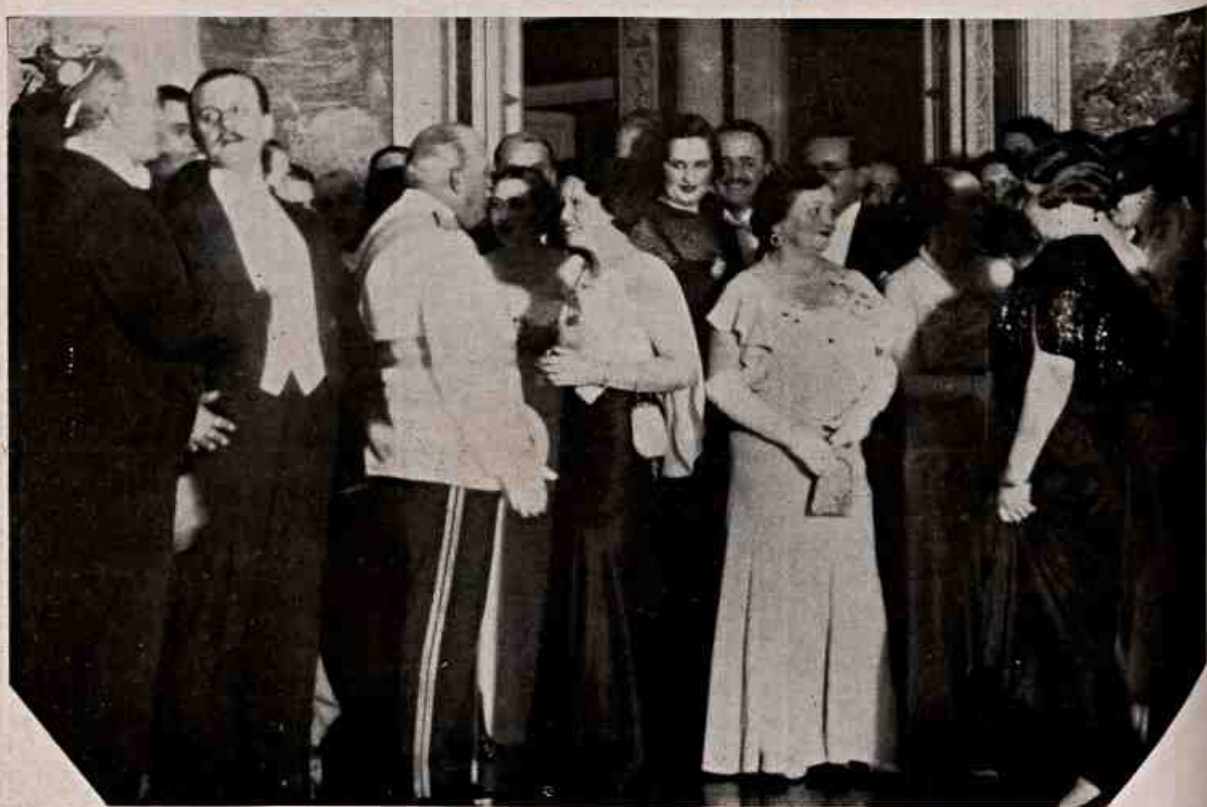
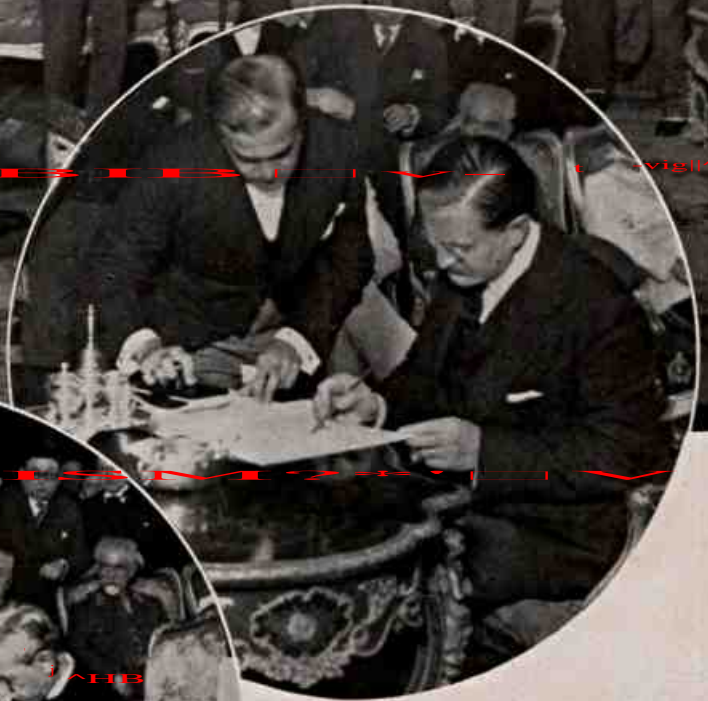
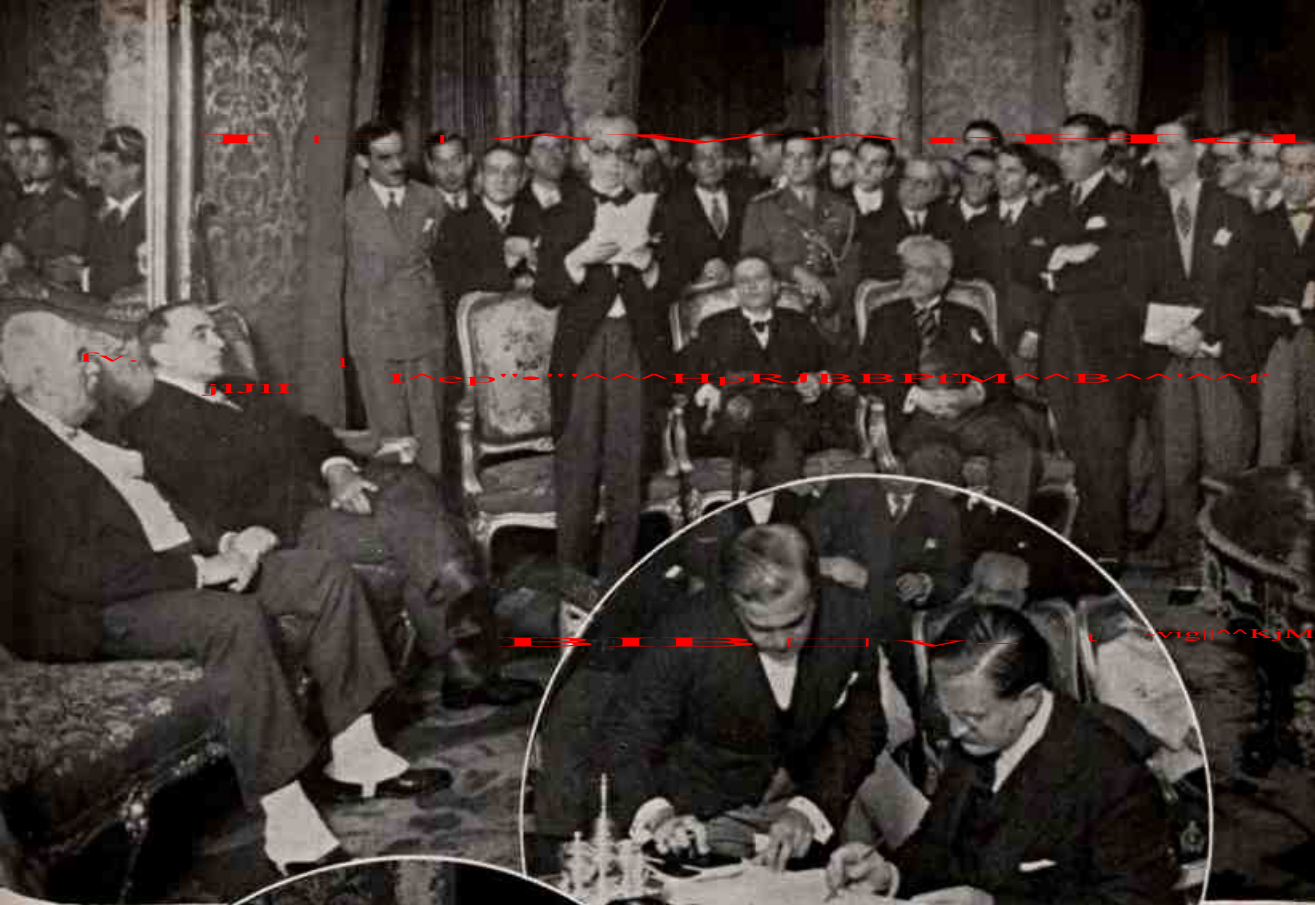
AS HOMENAGENS DA NOSSA AVIAÇÃO MILITAR AO CHEFE DO GOVERNO ARGENTINO

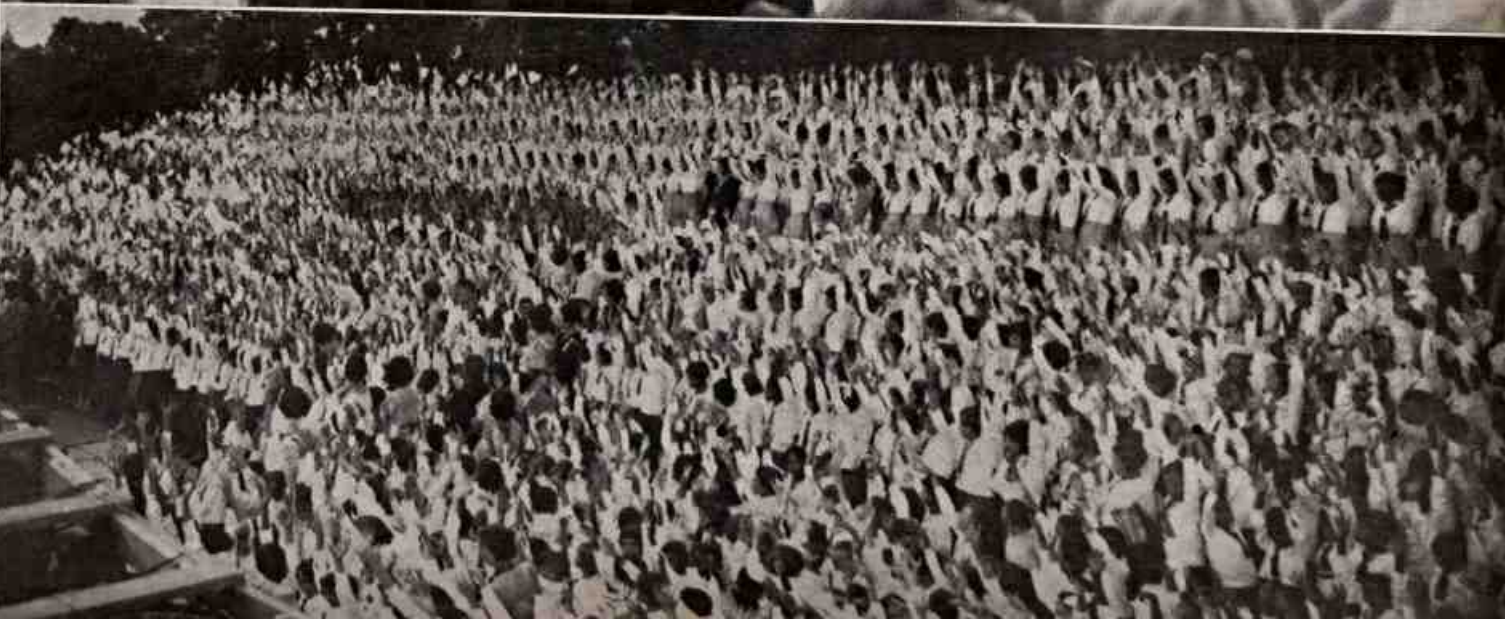
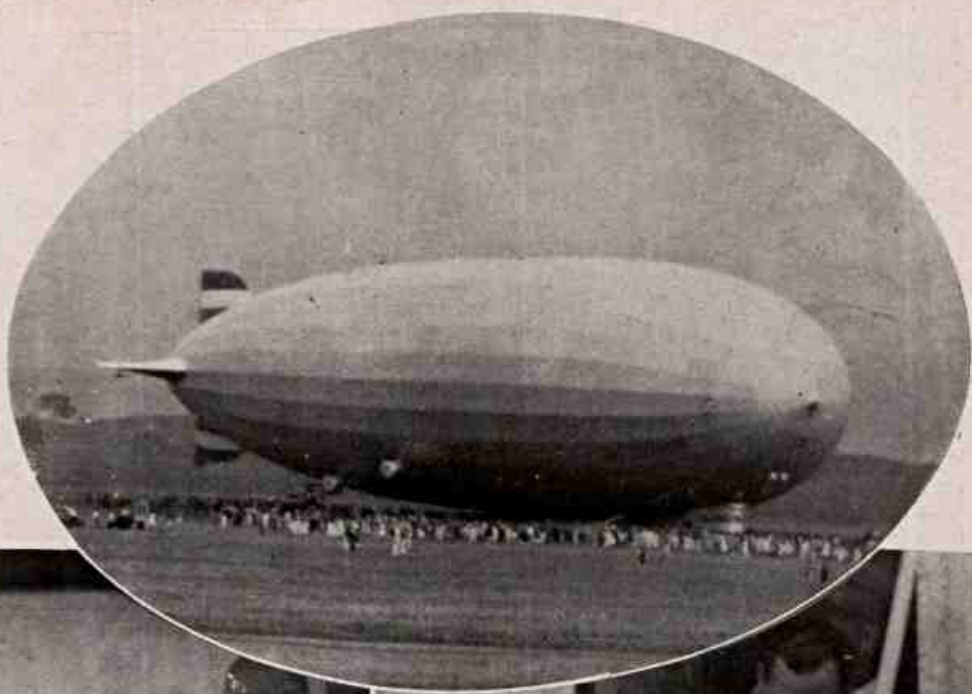
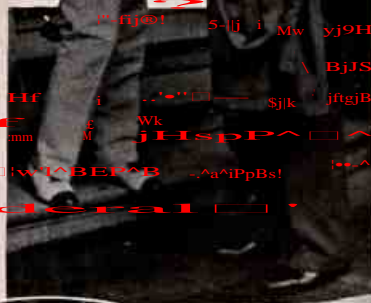
A Aviação Militar Brasileira prestou altas e expressivas homenagens ao general Agustin P. Justo, illustre chefe do governo argentino, designando uma das suas esquadrilhas para comboiar o cruzador «Moreno» e realizando, depois, uma grande parada aerea em honra do eminente estadista. Nesse desfile, que se realizou na ultima segunda-feira, formou um destacamento sob o commando do coronel Newton Braga, commandante do 1.º Regimento de Aviação, constituido de dois agrupamentos: um do 1.º R. A. e outro da Escola de Aviação Militar. Esta pagina focaliza: no alto, alguns dos apparelhos que tomaram parte no empolgante desfile aereo; a seguir, os aviadores que commandaram os diversos grupos. Nos medalhões: pilotos do primeiro e do segundo grupos do 1.º Regimento de Aviação.

O general Agustin P. Justo, illustre presidente da Republica Argentina, chegou ao Rio na manhã de sabbado ultimo, 10 do corrente, tendo uma recepção que excedeu a todas as espectativas. Vestiu-se a cidade, para receber o eminente hospede, das galas festivas de seus grandes dias. E a praça Mauá, onde desembarcaram o insigne chefe de Estado e sua distincta comitiva, ficou literalmente cheia. O general Justo deve ter sentido, na alma popular do Brasil agitando-se na inquietação urbana, a sympathia com que o nosso povo sabe corresponder á sympathia da Argentina. Esta pagina apresenta as primeiras photographias do general Agustin Justo no Rio de Janeiro, tomadas ainda a bordo do «Moreno», e um aspecto do cruzador argentino em aguas cariocas.

Foi acompanhado do embaixador Ramon Cárcano, do ministro Muniz Aragão, chefe da Commissão de Recepção ao Presidente da Republica Argentina; de officiaes do Exercito e da Marinha postos á disposição de s. ex., que o general Agustin Justo desceu, na manhã de sabbado ultimo, a escada do «Moreno». O chefe da grande Nação vizinha e amiga, que ostentava a farda de general do Exercito argentino e a faixa presidencial, desembarcou sob vibrantes e enthusiasticas acclamações da massa popular que se comprimia no cáes, recebendo, então, os primeiros cumprimentos das altas autoridades brasileiras que alli o aguardavam. Focaliza o nosso «cliché» dois flagrantes do desembarque do presidente Justo e de sua comitiva, vendo-se s. ex., madame Agustin Justo, o chanceller argentino e madame Saavedra Lamas, e outras altas personalidades.

Instantaneos do general Agustin P. Justo momentos após o desembarque do presidente da Republica Argentina nesta capital, quando s. ex., acompanhado do dr. Getulio Vargas e dos generaes José Maria Sardoe e Pantaleão Pessôa, passavam em revista as tropas formadas na praça Mauá. Em baixo, o automovel presidencial deixando a praça Mauá, em demanda do palacio Guanabára.

Depois de passar em revista a Escola Naval e a Escola Militar, formadas na praça Mauá para prestar a guarda de honra ao presidente argentino, o general Agustin Justo tomou o carro de Estado, em companhia do chefe do governo provisorio e dos generaes José Maria Sarobe e Pantaleão Pessôa, chefes das casas militares dos dois presidentes, dirigindo-se, pela avenida Rio Branco, sempre acclamado pelo povo, para o palacio Guanabara. São tres aspectos do cortejo presidencial o que fixam as nossas gravuras. De pé, no automovel, o general Justo agradece as manifestações populares.

Ao meio dia, precisamente, dava entrada no parque do palacio Guanabara o carro que conduzia os dois chefes de Estado, sendo as honras militares ali prestadas pelos Dragões da Independencia, formados em frente da residencia do general Justo. Pouco se demorou no Guanabara o dr. Getulio Vargas, que, depois de ali deixar o presidente Justo, se retirou para o palacio do Cattete. Estão nesta pagina alguns flagrantes da chegada do chefe do governo argentino ao palacio Guanabara: o automovel presidencial; instantaneo do general Justo ao lado do dr. Getulio Vargas; o chefe do governo provisorio e sua exma. esposa deixando a residencia do presidente argentino, e a senhora Getulio Vargas despedindo-se do general Justo.

Os presidentes Agustin P. Justo e Getulio Vargas no salão de honra do palacio Guanabára, em companhia de suas exmas. esposas, na manhã da chegada do chefe do governo argentino ao Rio de Janeiro. A senhora Darcy Vargas, o general Agustin P. Justo, o doutor Getulio Vargas e a senhora Anna Justo.

A visita protocolar do general Agustin P. Justo ao chefe do governo provisorio realizou-se ás 13 horas de sabbado, quando o dr. Getulio Vargas recebeu no palacio do Cattete o presidente da Republica Argentina. A photographia de cima offerece um aspecto dessa visita, tomado quando já se retirava o general Justo, que ahi se vê ao lado do dr. Getulio Vargas.

Sabbado ultimo, á noite, realizou-se, no palacio Itamaraty, o banquete, seguido de recepção, que o chefe do governo provisorio e a senhora Getulio Vargas offereceram em honra do presidente da Republica Argentina e senhora Agustin P. Justo. Foi uma festa de alta distincção, que decorreu cordialissima e brilhante, resultando, por isso mesmo, numa homenagem expressiva á grande Nação do Prata. O grupo do «cliché» de baixo foi tomado após o banquete e antes de ter inicio a recepção, vendo-se, no primeiro plano, o general Justo ladeado pela senhora Getulio Vargas e pelo cardeal d. Sebastião Leme, e a senhora Agustin Justo entre o nuncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella, e o dr. Getulio Vargas.

Foi magnifico e empolgante o espectaculo que as armas do Exercito brasileiro proporcionaram, na manhã de segunda-feira ultima, no Campo dos Affonsos, ao presidente Justo e ás altas autoridades argentinas, que ora nos visitam. A parada militar que ali se realizou constituiu uma das mais expressivas homenagens ao eminente visitante. O Campo dos Affonsos regorgitou, naquella manhã memoravel, ao concurso de uma multidão alegre e ruidosa, em perfeita confraternização com as nossas forças de terra e mar. Muito concorreu para o brilho da formatura o imponente desfile aereo, no qual tomaram parte numerosos aviões militares. A nossa pagina focaliza os flagrantes mais curiosos das homenagens prestadas ao presidente argentino, segunda-feira pela manhã, no Campo dos Affonsos, vendo-se num dos «clichés» um aspecto do almoço que, após o desfile, foi offerecido pelo Exercito ao general Agustin Justo.

A tarde hippica realizada no hippodromo do Jockey Club em homenagem ao presidente Justo foi um desses acontecimentos que hão de ficar assignalados com o mais brilhante relevo na historia do turf brasileiro. O povo soube, mais uma vez, testemunhar á nossa irmã do Continente, na pessôa do eminente presidente argentino, o quanto os brasileiros prezam e estimam os nossos amigos do Prata. Muitas foram as demonstrações de sympathia e de delirante enthusiasmo que a multidão alli presente testemunhou ao nosso illustre hospede e ás altas autoridades da Argentina. Não menos ovacionado foi tambem o chefe do governo provisorio, que, ao lado do presidente da Republica Argentina, viveu momentos da mais intensa emoção, sob as vivas acolamações da numerosa assistencia. Assim, o presidente brasileiro e o argentino viram, juntos, decorrer a tarde de grande animação sportiva e de alta significação de cordialidade continental, conforme attestam estes flagrantes photographicos.

Domingo á noite o chefe do governo argentino visitou, acompanhado da senhora Agustin Justo, a Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, alli chegando por volta das 22 horas. O recinto da grande exposição da avenida das Nações estava literalmente cheio, calculando-se em cerca de 100.000 o numero de pessôas que alli se comprimia. Altas autoridades da Republica, a começar pelo dr. Getulio Vargas, foram tambem visitar a Feira, em cujo Auditorium se realizou um grande concerto em homenagem ao general Justo.

Revestiu-se do maior brilho, constituindo uma nota de alta distincção e requintada elegancia, o baile de gala offerecido ao presidente Agustin Justo pela nossa marinha de guerra. Os salões do Club Naval, onde se realizou essa grande festa social, encheram-se do esplendor mundano de uma assistencia finissima, que formou o ambiente aristocratico da encantadora reunião. Além do presidente da Republica Argentina e sua exma. senhora, compareceram ao baile do Club Naval o chefe do governo provisorio e senhora Getulio Vargas, ministros de Estado, o embaixador argentino e outras illustres figuras do corpo diplomatico estrangeiro, e elementos representativos da nossa alta sociedade. As duas gravuras desta pagina fixam aspectos da deslumbrante festa, vendo-se, ahi, os presidentes Agustin Justo e Getulio Vargas acompanhados de suas exmas. esposas.

Photographias tomadas no palacio Itamaraty, terça-feira á tarde, durante a importante ceremonia da assignatura dos tratados argentino-brasileiros, que asseguram aos dois paizes a solidariedade politica, intellectual e economica e, pelo pacto anti-bellico, consolidam a paz no continente. Os chancelleres da Argentina e do Brasil apparecem, ahi, quando discursavam e quando assignavam os convenios em questão. O acto teve a presença dos chefes dos governos argentino e brasileiro, general Agustin P. Justo e dr. Getulio Vargas.

O presidente Agustin Justo visitou, na manhã de terça-feira, em companhia de sua exma. senhora, a Escola Argentina, um dos estabelecimentos modelares de ensino primario da Prefeitura do Districto Federal. Alli aguardavam s. ex. o interventor Pedro Ernesto, o dr. Anisio Teixeira, director do Departamento de Educação, e outras autoridades. Além do dr. Anisio Teixeira, falaram o almirante Storne, fazendo entrega de uma bandeira brasileira á Escola Argentina, e a professora Flora Nobre. Foram imponentes as demonstrações de canto orpheonico dirigidas pelo maestro Villa Lobos.

Após longa e demorada excursão pelo norte do paiz, regressou a esta capital, na penultima 5.ª-feira, o illustre chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, afim de aguardar a chegada do eminente presidente da Republica Argentina, general Agustin Justo. S. ex., os ministros da Agricultura e Viação, major Juarez Tavora e dr. José Americo de Almeida, o general Góes Monteiro e os membros da casa militar da presidencia da Republica tomaram o Zeppelin em Recife, no dia 4 do corrente, desembarcando nesta capital ás 6 horas da manhã do dia cinco. Nesta pagina vêem-se a grandiosa aeronave allemã, ao chegar ao Campo dos Affonsos, o dr. Getulio Vargas a uma de suas janellas, os srs. José Americo e Juarez Tavora desembarcando, e, em baixo, o presidente da Republica acompanhado de varios ministros e autoridades que o foram receber.

Esta pagina focaliza varios aspectos da chegada do presidente da Republica, dr. Getulio Vargas, ao palacio do Cattete, no dia de seu regresso do Norte, vendo-se, nos dois instantaneos do centro, s. ex. em companhia de uma de suas filhinhas, e em palestra com o interventor federal na Bahia, capitão Juracy Magalhães.

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photo especial para FON-FON).

Robe en crêpe noir. Manches et garnitures de piqué blanc. Rayures vertes. Toque de paille noire.

NO JOCKEY CLUB: O GRANDE PREMIO PRESIDENTE JUSTO

UMA tarde de sensação. Uma das reuniões mais deslumbrantes do Jockey Club. As corridas de domingo, com a presença do presidente Justo, de sua excellentessima senhora e das altas personalidades de sua comitiva, tiveram uma expressão de raro encantamento.

O Jockey Club viveu uma tarde gloriosa. Brilharam na magnifica séde da aristocratica sociedade os valores representativos da elegancia carioca, as figuras primaciaes da nobreza caracteristica da familia brasileira.

As damas e senhoritas, que floriram e decoraram a parada mundana de domingo, no Jockey Club, representam as linhagens mais puras da tradicional e respeitavel sociedade patricia.

* * *

As corridas foram, em verdade, um simples pretexto. Nunca me pareceram assim tão secundarias. O *turf* cedeu logar ás elegancias. Esse *meeting*, que attrahiu as attenções da cidade, mobilizou a fina flor da sua cultura, da sua belleza e do seu bom gosto.

Dir-se-ia que a sociedade do Rio reservou-se para prestar, naquella opportunidade, uma das mais brilhantes e seductoras homenagens á nobre nação argentina, nas pessôas de seu inclyto presidente, de sua dignissima esposa e demais componentes da comitiva presidencial.

A festa do Hypodromo da Gavea, em todo o luxo de sua decoração natural, deve ter causado no espirito dos eminentes hospedes uma impressão indelevel.

Para o carinho e os desvelos da hospitalidade brasileira, nenhum scenario mais condigno do que esse, em cujo seio o monumento architectonico do Jockey Club se ergue majestoso e solenne.

Havia mesmo, no sorriso amavel de todos, nas acclamações delirantes ao presidente Justo e ao seu grande povo, alli representado, por uma columna central da alta sociedade portenha, um expansivo e flagrante sentimento de amizade, para o qual a propria natureza parecia tornar mais azul a côr do céo e mais doce a impressão da tarde de primavera...

* * *

Quando o presidente Justo, abandonando os rigores de protocollo, procurou confundir-se na multidão, os applausos redobraram de enthusiasmo.

A figura altamente sympathica do presidente argentino empolgou pela simplicidade de suas maneiras e a confiança depositada no nosso povo.

Na tribuna de honra, após a victoria de *Luminar*, o ministro Oswaldo Aranha, proprietario do animal victorioso, recebeu muitos parabens. E era de notar-se a effusão dos cumprimentos dos eminentes hospedes do palacio Guanabara, que pareciam velho amigos intimos da alta sociedade brasileira...

* * *

De relance, vi na tribuna de honra: Os illustre presidentes da Argentina e do Brasil e senhoras Agustin P. Justo e Getulio Vargas; senhor e senhora Saavedra; senhor e senhora Oswaldo Aranha; senhor e senhora Cel. Sanchez Ferrero; senhor e senhora Salgado Filho; senhor e senhora Fernando Magalhães; senhor e senhora Rubens de Mello; senhor e senhora José Americo de Almeida; senhore senhora Antunes Maciel; senhor e senhora Luiz Aranha; senhor e senhora Luiz Betim Paes Leme; senhoritas Getulio Vargas; senhor e senhora Carlos Guinle; senhor e senhora Linneu de Paula Machado, etc.

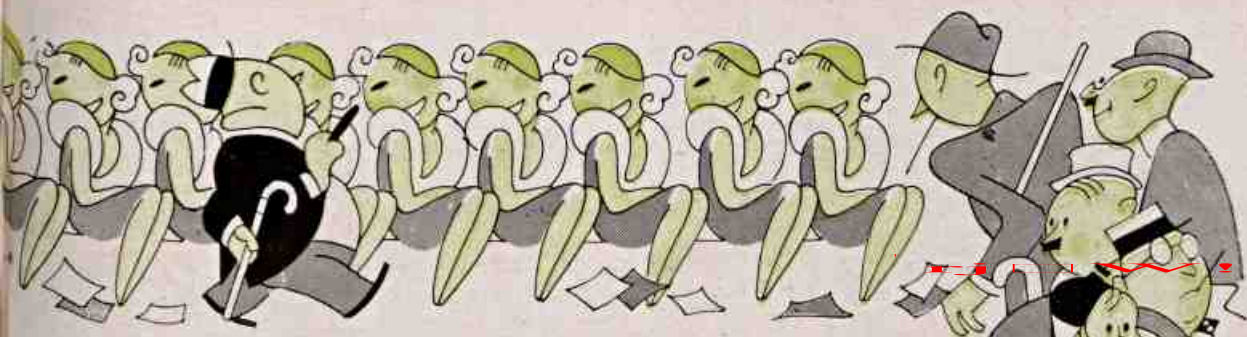
Na archibancada dos socios, na *pelouse*, em ronda de elegancia, vi mais a senhora Marcos Carneiro de Mendonça; a senhora Valladão Catta Preta; a senhora Alvaro Teffé; a senhora Armando Duval; a senhora Aprigio dos Anjos; a senhora Almeida Gonzaga Junior; a senhora Armindo Rangel; a se-

A PROPOSITO DA VISITA DO PRESIDENTE JUSTO

COM a presença do presidente Justo, a sociedade do Rio assistiu a uma serie de festas e de recepções, que se revestiram do maior fulgor.

O programma das reuniões em homenagem ao eminente hospede assegurou uma rara opportunidade ao nosso grand monde para brilhar e conviver entre as mais altas personalidades do governo argentino, a começar pela figura sympathica do Chefe de Estado.

Como representante da nobre mulher portenha, a senhora Justo veio trazer ás patricias brasileiras o testemunho de sua amizade, reflectindo ao mesmo tempo as virtudes do caracter feminino, de que é um exemplo magnifico.

Essa visita encerra um valor excepcional! Os deuses abençoam a feliz lembrança, inspirada nos melhores sentimentos de harmonia internacional! E.

nhora F. P. Carneiro da Cunha; a senhora Humberto Fernando; a senhora Adhemar de Faria; a senhora Alberto Betim Paes Leme; a senhora Augusto Corsino; a senhora Peixoto de Castro; a senhora Carlos Maximiliano; a senhora e senhorita Thompson Flores; a senhora Carlos Thompson Flores; a senhora Amaral Peixoto; a senhora Didimo da Veiga; a senhora Murillo Fontainha; a senhora Paulo Laport; a senhora Torres Carneiro; a senhora e senhoritas Affonso Penna; a senhora e senhoritas Salvador; a senhora Alvaro Goulart de Oliveira; as senhoritas Lobo Diniz, Costa Lima, Anysio de Sá, Isaura Liberal, Costa Lima, Carmen e Olga Fernandes, etc., etc.

NA EMBAIXADA DO CHILE

O senhor Embaixador do Chile, a senhora Martinez e senhorita Martinez offereceram uma festa de alta distincção ás suas relações de amizade.

Foi servido um jantar primoroso, que os convivas exaltavam, admirando de par ao gosto de Savarin a arte decorativa no arranjo da mesa.

O illustre diplomata e sua senhora têm o segredo desse *savoir faire*.

* * *

Passou a *soirée* num encantamento. Entre os presentes, notavam-se: O commandante Bradley e senhora; o senhor Ministro da Colombia e senhora; o senhor e senhora Herbert Moses; o embaixador Ramon Cárcano; a senhora Barroso Saavedra; o senhor Troubeck, Encarregado de Negocios da Inglaterra; a senhorita Thereza Barros Moreira; o embaixador Carlos Blanco e o consul Henriot.

CHEZ SENHORA BARONEZA DE BOMFIM

NA residencia da senhora Baroneza de Bomfim, realizou-se na penultima segunda feira uma brilhantissima recepção em honra de M. Robert Garric, notavel professor francez, que tem realizado nesta capital uma serie de conferencias.

A fina reunião foi presidida pelo espirito fidalgo da Baroneza de Bomfim, que a todos os convidados dispensou delicadas attenções, com aquella arte inegualavel de que a nobreza antiga tinha o invejavel segredo.

A senhora Jeronymo de Mesquita completou os encantos da hospitalidade, firmando as tradições de sua nobre linhagem.

* * *

Em torno do prof. Garric, formou-se um grupo ansioso para ouvir o eminente homem de letras, que não se cança de elogiar o Brasil e a sociedade carioca. Na roda mais proxima do notavel professor, viam-se: senhor e senhora Maurtua; senhora Mafra de Laet; visconde de Carnaxide; a illustre escriptora senhora Julio Lopes de Almeida; a esculptora e *diseuse*, senhorita Margarida Lopes de Almeida; as senhoritas Lourdes e Thereza Lima Rocha.

A recepção da Baroneza de Bomfim deve ter proporcionado a M. Garric uma impressão indelevel de bom gosto e de fina espiritualidade.

UM COCKTAIL

AS chronicas elegantes do Rio registraram, na ultima semana, um encontro fascinador: um cocktail na residencia Liberal, á rua Marquez de Olinda.

No ambiente de sonho e imaginação, que o fino gosto das senhoritas Isaura e Celina Liberal prepara, como uma preciosa obra de arte, uma sociedade elegantissima deliciou-se com um cocktail, que desafia os melhores do mundo.

Foi essa, pelo menos, a impressão geral.

Entre os presentes contavam-se a senhorita Laura de Barros Moreira, a senhorita Adelita Muniz, a senhora Macedo Soares, a senhorita Mariazinha Frias, a senhora Edward Keeling.

Marcos André sahiu encantado. E escreveu umas coisas bonitas onde ha impressões vertiginosas de authenticos *Bleus de Chine* e de um estranho whisky de raro gosto...

---

no dia em que aportou á Guanabara a comitiva do Presidente, todos os corações bateram pelo Brasil e pela Argentina, synchronizados num rythmo de affeição commum.

* * *

Poucas vezes, o Brasil tem recebido uma visita, que se iguale a esta, nas multiplas expressões de sua grandeza.

A' Argentina e ao Brasil está reservado no mundo um papel maravilhoso. Da alliança, pois, das duas nações, assegurando a paz continental, decorrem os mais bellos surtos do seu progresso, e da sua civilização.

Unidos, Brasil e Argentina serão invencíveis no Novo, como no Velho Mundo.

E' essa politica de fraternidade e de amor, que a visita do presidente Justo exprime, num momento historico para as duas maiores nacionalidades da America do Sul.

LUCIANO

NOCTURNO DE COPACABANA

COPACABANA não vive ainda as suas noites gloriosas do verão. O ar muito fresco da praia permitte que o achem frio e delle fujam os *habitués* do *footing* domingueiro. Ainda assim, começam a animar-se as noites e voltam a encher-se os passeios da Avenida com as figuras graciosas das moças mais bonitas do Rio.

Nunca se desejou tanto a volta do verão. Este anno, a *season* passa do inverno ao estio o sespiro da animação e da elegancia.

As praias vão ser o grande, o irresistivel prazer dos cariocas, como dos turistas e forasteiros. Copacabana enthronizará a sua Avenida deslumbrante a alma da belleza o espirito da graça e da mocidade.

* * *

O posto 2 conquistou ás tradições do posto 6 a fama da elegancia e do enthusiasmo. Primeiramente, foi só o Lido, evocando a Italia dos sonhadores e dos poetas com o seu *décor* romantico em frente ao mar barulhento e desigual.

Veio, este anno o O. K. como virá amanhã o theatro-cinema de Claudio de Souza. E o posto 2 se integra num prestigio verdadeiramente unico, que dará a Copacabana uma situação incomparavel na vida mundana e sportiva da metropole.

* * *

Ainda no penultimo domingo, do meu logar discreto no O. K., segui a ronda das garotas no passeio nas idas-e-voltas do *footing* domingueiro.

Perto a mim realizava-se um jantar. Um jantar de moças bonitas e intelligentes. A mesa era um encanto de bom humor e de espirito. Jantar no O. K. é uma prova de bom gosto, porque se casa a sensibilidade de um Brillat Savarin ao amor da natureza de um Ruskin.

Sentavam-se á mesa florida as senhoritas Odyla de Oliveira, Adrienne Rouchon, Baby Cockrane, Zana Wilson, Rosinha Carneiro Leão, Maria da Gloria Ney e Elvira Niemeyer.

Um jantar com a presença de moças bonitas é sempre um acontecimento. Quando, porem, a reunião é assim de senhoritas intelligentes e cultas, então o ágape assume proporções de grande sensação.

Proximo da mesa, com os olhos repousados na paizagem nocturna, rebrilhante e animada das figuras lindas das passeiantes, eu me volvi, de vez em quando, para o grupo das senhoritas e não tive duvida de que para se amar Ruskin é preciso tambem se comprehender Brillat Savarin...

* * *

A's 10 e meia da noite, quando o meu amigo Pinto de Moraes fazia com a sua elegantissima senhora o *tour* de Copacabana, acceitei o gentil offerecimento de um logar na sua barata e vim adormecer, num sonho lindo, a saudade da praia miraculosa...

PIC - NIC

A Pedra da Moreninha é um logar classico de pic-nics. Não ha, no Rio, creio eu, quem já tomasse parte numa festa dessa natureza e não conhecesse aquelle pittoresco recanto da Ilha de Paquetá, celebrado no romance de Macedo.

Ha razão para essa preferencia. Razão de bom gosto. A Ilha é uma das maravilhas menores dessa maravilha, que se baptisou com o nome de bahia da Guanabara.

Já os poetas a têm cantado. E as amantes felizes, ou infelizes, a têm eleito para theatro dos seus idyllios e de seus desesperos.

Raro é o domingo, que algumas dezenas de moças e rapazes não enchem da sua alegria e do seu enthusiasmo os silenciosos recantos de Paquetá, quebrando a monotonia da belleza parada da paizagem com a animação da presença humana.

* * *

E' de um desses passeios a Paquetá, de um pic-nic na Pedra da Moreninha, que esta nota se occupa, neste momento.

Um bando de moças, no esplendor da saude e da belleza. Raparigas contentes da vida. A juventude radiosa. E o amor da vida. E o elogio da mocidade. Que espectaculo mais amavel para os olhos e o coração se deseja?

* * *

A Pedra da Moreninha prestigiou-se com a presença, nesse pic-nic, das senhoritas Regina Affonseca, Heloysa e Yvonne Lopes, Maria Calmon de Gouvêa, Elza Xavier da Costa, Laura Costa Leite, Gilda Barros Franco, Sophia Sabola, Maria José, Sarmen Thomaz e Evangelina Olticica.

A elegancia dessa festa estava nas maneiras do naipe feminino, de um irreprehensivel gosto sportivo, á moda londrina.

CREPUSCULO, NO FLAMENGO

A Avenida Beira-Mar está na sua hora de maior movimento. Centenas de autos rumam a Botafogo. Os omnibus pesados transitam cheios. Um interminavel vae-e-vem de vehiculos sacode a monotonia da hora crepuscular.

No recorte do horizonte, alem da entrada da barra, as sombras da noite proxima desenham monstros marinhos, a que o Pão de Assucar parece montar guarda.

Nictheroy, ao longe, é um casario apenas. Só a cidade perto tem vida real. Tudo mais, na distancia, parece effeito de uma pintura impressionista.

E' o Flamengo o trecho do Rio de perspectivas mais scenographicas. O aristocratico pedaço da Avenida Beira Mar, que vae da praia do Russell á Avenida Oswaldo Cruz tem um prestigio impar como rua residencial e mirante das bellezas da famosa bahia.

Eu pensava estas coisas, em frente ao mar, que o crepusculo tingia de cores irreaes. E via a paizagem com a surpreza, que todo dia se renova, de um espectaculo delirante.

Nessa passagem do dia para a noite, a vida se magnetisa. E os sentidos se atropelam. Só fugindo ao mysterio da hora crepuscular, por uma escapada mais forte dentro do interesse da vida mesma, pode-se deixar de sentir o seu poder sobrenatural.

Sentado num banco do Flamengo, deixei-me embriagar com o vinho das impressões crepusculares. E a cabeça tonteou. O coração poz-se a bater mais forte. E eu penetrei a noite, como um ebrio emocional, que desejasse o repouso da solidão. Estavam fechadas todas as portas dos sentidos...

LUCIANO

MEUS LABIOS REVELAM

(MY LIPS BETRAY) - **Producção FOX**

Direcção de John Blystone — com Lilian Harvey, John Boles e El Brendel

NAQUELLE pequeno reinado, num recanto poetico da velha Europa, festejava-se a compra de um carro enorme, ou melhor um automovel colossal, que o rei Robert mandára adquirir, e cujo "croquis" fôra desenhado por elle proprio. Stigmat fôra encarregado de trazer o "colosso" para o palacio, e, com um fardão elegantissimo, elle conseguiu illudir a bailarina e cantora dos cafés concertos Lili Wieler, que o julgou um rei. Convencido da sua irresistivel attracção sobre a "pequena", Stigmat leva-a até sua casa no sumptuoso auto. O café em que Lili cantava e dançava estava atravessando uma crise séria e desastrosa. Até os seus encantos não arrastavam a freguezia, e o seu proprietario andava acabrunhado sem atinar com a sua verdadeira causa. Resolve como medida de economia despedir Lili, que anda á procura de emprego como se procura alfinete. Entretanto, após os passeios matutinos, Robert mandava Stigmat dar voltas de velocidade com o automovel afim de certificar-se de sua potencia. Stigmat, impressionado com Lili, ia todos os dias procural-a no café. Estacionado na porta aquelle "monstro", a freguezia foi retornando, entrando agora em franca prosperidade, devido á propaganda "real" da presença da supposta *Sua Majestade*. Como um louco, Weininger, o proprietario do café, procura Lili por toda a parte, até encontrál-a com o auxilio da policia. Emquanto isto se passava nas ruas, no palacio, a rainha mãe está indignada pelo "procedimento" do filho em arrastar azas a uma simples cantora, em vez de fazer a "côrte" á sua augusta prima, para quem estava arranjado um "regio" casamento. Intrigado e indagando a intriga que se passava, Robert vem a saber das conquistas de Stigmat e parte immediatamente para certificar-se quem era a victima de sua predilecção. Fascinado pela graça de Lili, sua majestade, que era um optimo compositor, dedica-se dia e noite á composição de uma canção de amor, que elle mesmo executa ao piano e Lili canta a seu lado. Sem saber que elle era o rei de "facto" e uniforme, pois elle dissera ser um dos guardas de S. Majestade, Lili, sentindo um forte e sincero amor, confessa-lhe não ser verdade o "que se dizia" de ser ella a favorita do rei. Não podendo esconder por mais tempo a sua identidade, Robert diz-lhe tudo até confessar o seu amor. Affrontando as iras reaes, Robert, para casar-se com Lili, resolve conceder-lhe o titulo de "marqueza", e satisfaz-se plenamente com a resolução de sua augusta promettida de fugir com um dançarino de tango!... Assim foi a historia de um rei que um dia beijou os labios de uma moça, cujo sabor elle nunca foi capaz de revelar...

No caminho da vida

Producção da Meschrabpom-Film Moscou

com
N. Bataloff, M. Jaroff
M. Jagofaroff e
I. Kyrla

LOGO após a guerra civil na Rússia, em que ao tzarismo succedeu uma nova forma de governo, milhares de creanças, pela morte dos paes, ficaram entregues ao mais triste destino, condemnadas a vagar pelas ruas ao sabor dos seus próprios instinctos. Não tendo nenhum freio moral a deter-lhes os passos, logo se converteram, ao contacto dos peores elementos da cidade, em pequeninos facínoras, bem mais temíveis talvez, na sua inconsciencia, do que os mestres consummados do crime.

Em torno desse grave aspecto social de creanças desamparadas e criminosas é que o film gyra.

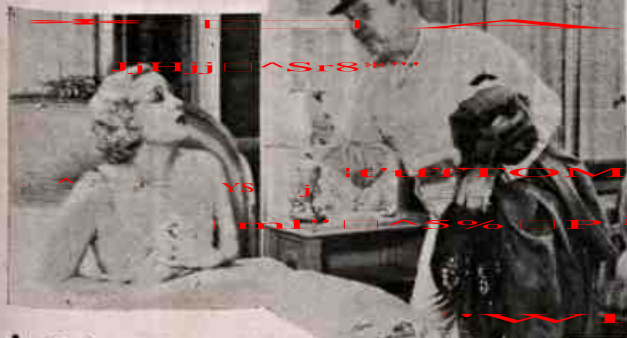
Kolka, um rapazelho de 15 annos, perde, num lamentavel accidente, sua mãe e é obrigado a fugir de casa, porque o pae, após a morte da esposa, se entregara ao vicio da embriaguez e o espancava diariamente.

Apesar de bem educado, Kolka, sob o aguilhão da fome, converte-se, por sua vez, em perigoso chefe de bando. Emquanto tal se verifica, Sergejew, joven idealista que encarnava os ideaes da pedagogia moderna, propõe ao Commissariado de Educação uma interessante experiencia. Entre milhares de creanças presas durante uma batida a que a policia procedeu nas ruas de Moscou, contava-se o bando commandado por Mustafa, o mais temivel de todos e cujas façanhas nada ficavam a dever ás dos mais audaciosos bandidos de todo mundo. E' justamente com esse grupo que Sergejew se dispõe a transformar em pratica as suas theorias inspiradas no mais alto senso de humanidade. Capta, pelo magnetismo forte da sua personalidade, a sympathia da malta perigosa. E condul-a para um convento, distante 50 kilometros de Moscou, afim de regeneral-a pelo trabalho e por um efficiente methodo de vida ao ar livre.

A experiencia, nessa phase inicial, é coroada de absoluto exito. Dos onze que compunham o grupo, nenhum se atreve a fugir durante o trajecto. E a communa dentro de poucos dias é uma colmeia esplendida de trabalho. Nem mais se assemelham, os seus componentes, agora limpos e disciplinados, aos miseros e audaciosos carteiristas e assassinos que perambulavam pelas ruas de Moscou, zombando da Lei e do Estado. Mais tarde, o grupo de Kolka, arrependido este da vida desregrada a que o forçava a adversidade, vem robustecer as fileiras, já numerosas, dos que trabalhavam sob a direcção benevola de Sergejew. Succede, porem, que, com a entrada da primavera, o trabalho escasseiou e, como consequencia, novamente os instinctos voltaram a espicaçar os nervos da rapaziada. Sem ter em que empregar o tempo, breve, os de temperamento mais irritavel, se entregam a toda sorte de depredações. Mustafa, porem, se regenerara por completo. Elle, ao lado de Kolka e de alguns outros, lutam por manter a ordem na communa, emquanto Sergejew se ausentava para conseguir em Moscou, meios de solucionar aquella situação difficil. Mas os exaltados são em maior numero. E, uma bella tarde, reduzem a escombros as officinas, inutilizam os machinismos, depredam tudo o que encontram pela frente. Quando Sergejew regressa, se lhe depara aquelle quadro desolador. Longe de se zangar, pois, conhece a fundo o que se passa no intimo atormentado dos seus subordinados, reune-os a sua volta e lhes informa, sorridente, que o governo lhe concedera autorização para que os membros da communa construíssem uma estrada de ferro, que a ligasse á cidade. O projecto é acolhido com enthusiasmo. E logo os trabalhos se iniciam. Os trilhos á medida que o tempo passa vão se estirando em direcção á cidade. Tudo iria muito bem se Fonka, perigoso ladrão, que vivia exclusivamente da actividade criminosa dos bandos de creanças, sentindo-se prejudicado com a regeneração destas, não idealisasse um plano capaz de desvial-as das suas actividades honestas para o genero de vida torpe que, antes de ser organizada a communa, haviam levado. Funda, com o auxilio de algumas mulheres de má fama e outros individuos da sua laia, um "cabaret" nas proximidades do logar em que os rapazes se dedicavam, com enthusiasmo, á construcção da estrada de ferro. Consegue obter com esse ardil, relativo exito. Alguns membros da communa realmente ali vêm ter, attrahidos pelas mulheres e pelo álcool. E outros mais viriam, não fôra a intervenção energica de Mustafa e Kolka. Estes, fingindo procurar o antro para os prazeres nelle promettidos tentadoramente por Fonka, applicam nos seus dirigentes formidavel surra e acabam em tres tempos com o sordido estabelecimento que tentava desfalcar a communa de seus membros. Fonka levaria a sua parte se não lograsse fugir rapidamente á sanha dos rapazes revoltados com o seu procedimento infame. Tal facto se passou na vespera da inauguração da estrada de ferro. Naquella noite

(Conclue na pag. 57)

Da Paramount

TORRE DE BABEL

A cidade de Wu-Hu, que não consta do mappa da China, por um lamentavel descuido dos cartographos, torna-se a Méca de todos os agentes commerciaes no dia em que o sabio chinez, dr. Wong, annuncia ter descoberto o seu radioscopio, um apparelho capaz de vêr e ouvir tudo quanto se passa em qualquer parte. E para demonstrar o seu invento e attender a todos, o sabio se installa no principal hotel da cidade.

O primeiro que alli apparece é o general Petronovitch, e logo nas suas aguas, Sir Mortimer Fortescue, a quem acompanha sua filha Carol. De temperamento britannico, Sir Mortimer considera a situação com calma. Não assim, porém, o general, que desde logo começa a tramar contra o representante de uma firma americana que tambem cubiça o negocio.

E' este Tommy Nash, e logo elle soffre um terrivel contra-tempo quando, acudindo á estação ferroviaria de Sanghai, afim de comprar o seu bilhete para Wu-Hu, é informado de que correu uma barreira, o que determinou a completa paralização do trafego. Resolve fazer, portanto, a viagem no seu proprio automovel.

Sobrevem Peggy Hopkins Joyce, uma norte - americana famosa pelos seus pendores para o matrimonio, e por suas artes, ella convence Nash a deixál-a ir em sua companhia. O intento da moça é ganhar em Wu-Hu um bom milhão, ou quando menos um bom millionario. Não sabe ella que já a precedeu naquella cidade o general Petronovitch, seu ex-marido, cada vez mais firme em desconhecer a validade do divorcio que ella obteve delle em Paris. Succede porém que o auto soffre um desarranjo em meio da viagem, o que obriga Tommy e Peggy a passarem juntos em pleno deserto uma noite inteira, noite perfeitamente innocente, mas no correr da qual as roupas de um e outro se misturam nas respectivas malas.

Tommy, apaixonado por Carol Fortescue, fica radiante quando a encontra no hotel, em Wu-Hu. Carol recebe-o com grandes prevenções que tambem attingem Peggy, mas afinal tudo se esclarece, e o horizonte dos dois namorados desde então não conheceria uma nuvem se não surgisse outra complicação ainda peor. Por duas vezes já, em vespera de se casarem os dois, Tommy foi accommettido de escarlatina, sarampo ou outra molestia infantil que determinou o adiamento do enlace. Agora, embora esteja elle na posse de documentos que provam a sua immunidade contra qualquer molestia, intervém o dr. George Burns e sua enfermeira Gracie e determinam que elle se recolha ao leito. E Carol, furiosa, declara que desta vez não haverá appellação: Tommy nunca mais será seu esposo!

Este conjuncto de circumstancias enche de satisfação a Petronovitch que, determinado o rigoroso isolamento do hotel, assim vê arredado justamente aquelle dos pretendentes a quem o dr. Wong parecia favorecer. O general convence as autoridades sanitarias a pôrem de quarentena Tommy no seu quarto, mas ellas levam mais longe ainda o seu zelo, pois submettem á medida todos os hospedes, inclusive o proprio sabio chinez.

A este tempo, o professor Codorniz, illustre poço de sciencia que percorre o mundo em auto-giro, engana-se de rumo e vae aterrar em Wu-Hu, julgando que aquella cidade é Kansas City, nos Estados Unidos. Para começar, nessa operação, elle deixa em lamentavel condição o telhado do hotel. Depois, muito distrahido como por norma são os sabios, aloja-se no primeiro aposento que encontra e mette-se numa das duas camas devolutas. Não sabe elle que Peggy repousa na cama ao lado e muito menos que da situação foi testemunha ocular o general Petronovitch, que logo parte para o hotel, resolvido a arrombar a porta do aposento e dar cabo do professor e de Peggy ao mesmo tempo.

Emquanto isto se passa, o dr. Wong está fazendo uma demonstração do seu radioscopio, em cujo écran passam successivamente Baby Rose Marie, Cab Col-

(Continúa na pag. 57)

Guia Scientifico de "Fon Fon"

Dr. **BRANDÃO FILHO** — **Rua Senador Dantas, 44.** 2as., 4as. e 6as., de 3 ás 5 hs. **Tel. 2 - 3737.**

Dr. **ADAUTO DE REZENDE** — Doenças das crianças. **Largo da Carioca, 15 - 1.º** 2as., 4as. e 6as., das 14 ás 16 horas. **Tel. 2 - 6950.** Res. **2 - 9850.**

Dr. **JOSE' DE ALBUQUERQUE** — Clinica Andrologica (Doenças sexuaes do homem). Cura da impotencia em moço. Diagnostico causal. **Rua 7 de Setembro, 207 - 1.º** Diariamente, de 1 ás 6 da tarde.

Dr. **LEITE DE CASTRO** — (Chefe de Clinica da Beneficencia Portugueza). Clinica Medico Cirurgica. Vias Urinarias — Electricidade Medica. **Assembléa, 98 - 3.º** De 12 ás 17 horas. **Tel. 2 - 0346.**

Dr. **ROSA MARTINS** — Da Faculdade do Rio de Janeiro e da Universidade de Bruxellas. Cirurgia, Vias urinarias, Gynecologia. **Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Tel. 2 - 7983.**

Dr. **A. CRUVINEL RATTO** — Vias Urinarias e Gynecologia. **Praça Floriano, 55 - 10.º andar.** Diariamente. **Tel. 2 - 7983.**

Dr. **ARTHUR BREVES** — Da Beneficencia Portugueza. Operações. Urologia. **Assembléa, 98.** De 1 ás 3 e meia horas.

TRATAMENTO DA PELLE — Couro cabelludo. Cirurgia esthetica. Dr. **PIRES.** (Com pratica dos hospitaes de Berlim e Paris). **Praça Floriano, 55 - 6.º andar. Tel. 2 - 0425.**

Prof. **A. GUEDES DE MELLO** — Tratamento da pyorrhéa alveolar. Raios X. **Praça Floriano, 55 - 8.º Tel. 2 - 2546.**

Dr. **CHRYSO FONTES** — Medico e Dentista. Prof. da Universidade. Clinica e Cirurgia Especialisadas da bôcca e da face. Prothese restauradora. **Praça Floriano, 55 - 10.º andar.** Diariamente. **Tel. 2 - 4386.**

Prof. **ABELARDO DE BRITTO** — Da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Dentes e Doenças da bôcca. **Av. Rio Branco, 111 - 5.º, sala 507. Tel. 3 - 0265.**

Dr. **MORAES GREY** — Cirurgia geral e urologia. **Assembléa, 67-4.º Tel. 2 - 7816.**

Dr. **RAUL PACHECO** — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hernias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. **55, Praça Floriano. Tel. 2 - 8305.**

INSTITUTO DR. ANYSIO DE SA' — Analyses Chimicas de qualquer natureza. 175 e 177, **Av. Rio Branco. Tel. 3 - 0449.**

Dr. **JARBAS PENTEADO** — Clinica Medica. Electricidade em Geral. Raios ultra-violeta, infra-vermelho, diathermia, banhos, condensadores, etc. **Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º** Diariamente, das 14 ás 17 **horas.**

Dr. **HERNANI LEGEY** — Da Policlinica Geral. Clinica Urologica. **Quitanda, 47 - 2.º Tel. 4 - 4513.** Diariamente, das 13 ás 8 horas.

D.. **HUGO W. LAEMMERT** — Cirurgia geral, doenças da mulher e partos. **Repª do Perú, 98 - 3.º** Das 3 ás 6 hs. Diariamente. **Tel. 2 - 1797.**

Dr. **MANOEL DE ABREU** — Da Academia Nacional de Medicina. Radiognostico. Radiotherapia profunda. **Av. Rio Branco, 257 - 2.º Tel. 2 - 0442.**

Prof. **LUIZ MEDEIROS** — Doenças da pelle e **syphilis. Assembléa 67, 2.º andra.** 4 ás 6 Residencia: **Barão de Ipanema, 67. T. 7-2898.**

Dr. **MIGUEL DIBO** — Clinica Medica. Doenças da nutrição. De 17 horas em deante. **Largo da Carioca, 15 - 1.º**

Dr. **MARINO MACHADO** — Medico dos Hospitaes da Santa Casa: Pulmão, Coração e Rins, das 13 ás 18 hs. **Uruguayana, 24 - 4.º Tel. 2 - 1348.**

Dr. **CARVALHO CARDOSO** — Molestias internas. Tuberculose. **Praça Floriano, 55. Tel 2 - 8305.** Residencia: **Soares Cabral, 88. Tel. 5 - 0032.**

Dr. **ERNESTO CARNEIRO** — Com pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Trata pelo processo moderno do prof. Zuelzer, de Berlim, as ulceras do estomago, e do duodemo sem operação; Novos meios de tratamento da hyperchlorydia, diarréas, colites, etc. **Rua da Quitanda, 11. Tel. 2 - 8862,** ás 15 horas.

Dr. **VILELA PEDRAS** — Assistente Hosp. São Francisco de Assis. Molestias Internas. **Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º** 2as., 4as. e 6as. Res. **Tel 8 - 1830.**

Dr. **LUIZ SODRE'** — **Varizes.** Tratamento medico sem operação e sem dôr. Consultas diarias com hora marcada. **Rodrigo Silva, 14 - sob. Tel. 2 - 0698.**

Dr. **CARL BRECOUR** — Medico Operador. Clinica Geral e Molestias de Senhoras. Consultas das 12 ás 2 e das 4 ás 6. **Praça Floriano, 55-10.º Tel. 2-8617.**

Dr. **ELYSEU GUILHERME** — Cirurgião. **Praça Floriano, 7 - 12.º** sala 1217. Terças, quintas e sabbados. Residencia: **rua Aureliano Portugal, 33. Tel. 8-4885.**

Dr. **PINTO DE AVELLAR** — Clinica Odontologica. **R. Ramalho Ortigão, 38 - 11.º** Diariamente. Telephone **2 - 5822.**

Dr. **MARIO BOTELHO** — Cirurgia e Clinica odontologicas. **Av. Rio Branco, 183 - 10.º Tel. 2 - 7591.**

Dr. **ANTONIO BRANDÃO** — Cirurgião-Dentista. Assistente da Faculdade Fluminense de Medicina. **Praça Floriano, 55 - 7.º Tel. 2 - 1408.**

Prof. **AGNELLO CERQUEIRA** — DENTISTA. Clinica especialisada de dentes artificiaes. **Rua Rodrigo Silva, 42 - 4.º andar.** Diariamente.

Dr. **ASDRUBAL ROCHA** — Da Policlinica Geral. Clinica de Molestias de Senhoras. Diathermia. Diariamente, das 13 ás 17 horas. **Quitanda, 47 - 2.º T. 4-1759.**

Dr. **ALEXANDRINO AGRA** — Dentista. Diariamente, desde 15 hs. **São José, 84 - 3.º Tel. 2 - 6200.**

Quando chega a felicidade...

De M. F. Leuer

LAURA agitava-se na cadeira, levada pelo interesse passional do film, a que assistia.

Na tela, o genial actor, aproximando-se do primeiro plano, com um olhar ebrio de amor pela heroina, dizia:

— *Por isso, meu amor que na vida nada póde supplantar o carinho que tudo esquece pelo ente querido.*

Seus labios proferiam incessantemente a eterna oração. Ella, displicente, inclinada sobre o sofá, ouvia-o exclamar:

— *Que é a vida sem amor?*

Laura suspirou, fechando os olhos.

Levou o lenço aos labios... e lembrou a insignificante figura de seu marido, que nunca lhe falára nesse tom.

Não é que ella não o amasse. Mas sentia que o marido não tivesse um pouco de romantismo e soubesse proporcionar esse véo de illusão que compensa as tristezas da existencia.

Realmente, seu marido nada tinha de extraordinario: pequena estatura, feições vulgares, cabello á americana com as temporas encanecidas, um bigode que lhe escondia os labios.

Sem personalidade. Olhos myopes, usando uns grossos oculos, tudo isso dpois de doze annos de casados

O film terminou bruscamente e a luz inundou a sala.

Os espectadores começaram a sahir.

Laura, aborrecida com o preço dos lugares, caros como nos cinemas de luxo, sahiu e, uma vez na rua, pensou no que tinha a fazer. Era um trabalho torturante esse de esticar o dinheiro para satisfazer á sua despesa diaria.

Ao chegar em casa, Jim, o marido, já estava.

O fogão ainda frio e a mesa meio preparada.

Laura olhou-o deixando a bolsa e o chapéo sobre uma cadeira.

— Fizeste compras, querida? — perguntou o esposo.

Ella respondeu, com a cabeça:

— Sim, umas tolices!

Em seu intimo uma voz lhe insinuava:

— Olha que pouca coisa! Como é feio e frio o teu apartamento!

E, em voz alta, continuou:

— Chegaste cedo, Jim?

O marido ampliou um sorriso.

— Sim... O filho do patrão casou-se hoje e nos deram duas horas de folga... Outra novidade agradavel festejando o facto: o patrão nos disse que ficava sem effeito a reducção dos ordenados para os que tinham mais de dez annos de casa.

Calou-se e corou até as orelhas.

— Ah!... Esqueci-me que nada te disséra... sobre isso. Não te queria aborrecer. Por isso calei-me... Pois o que te dava mensalmente já era tão pouco... Laura arregalou os olhos e franziu a testa.

— Quando foi isso?

— Ha um anno. Não foi grande coisa: cinco shillings por semana. Cinco moedinhas de prata, nada mais. Supprimi o jornal da tarde, alguns cigarros e outras bobagens.

(Continúa na pag. seguinte)

Seu sorriso era forçado.

— Supportaste isso muito tempo, Jim!

Na voz sentia-se uma censura, mas o tom era carinhoso.

— Ora!

Encolheu os hombros e sentou-se:

— Ora! — insistiu. Não era grande sacrificio. Em compensação, tu te sacrificaste por causa do aperto do orçamento.

Com voz tremula, ella respondeu:

— Mas, tu, Jim!

— Estava perfeitamente compensado vendo que podias gozar dessas pequeninas coisas que te fazem feliz.

— E's bom e generoso, Jim!

Todos os tons da admiração, temperada pelo arrependimento, transpareciam nas palavras de Laura.

— E pensar que nunca percebi o teu silencioso heroismo, Jim!

Teve impetos de abraçal-o, mas conteve-se receiando ser ridicula depois de doze annos de casados.

— Estás exaggerando. E' logico que não devemos aborrecer os outros com nossas contrariedades. Que teria lucrado dando-te essa noticia?... Nada!... Affligir-te, apenas!... Afinal, sou um velho empregado; deram-me outras considerações.

— Quanto tempo tens na casa?

— Vinte e dois annos... Não estranhei isso... Pensei sómente que com esse dinheiro podias comprar coisas para ti. Comprehendo que a luta é grande com pouco dinheiro. Poderias ir mais vezes ao cinema... Bem... comprehendes?...

Olhou o relogio e animou-se.

— Talvez eu não tenha sabido apreciar-te como vales. Doze annos que te tenho a meu lado e... Não sei como exprimir-me. Parece-me que... Isto... será ridiculo que t'o diga, mas é que te amo mais do que quando eramos noivos.

Laura poz-se a chorar. Nervosamente o marido se levantou.

— Não chores! Isso me faz mal!

Poz-lhe a mão nos hombros, com um gesto de quem não tem habito de carinhos, e disse em tom mais baixo:

— Não te zangues por te ter occultado uma coisa que nos dizia respeito.

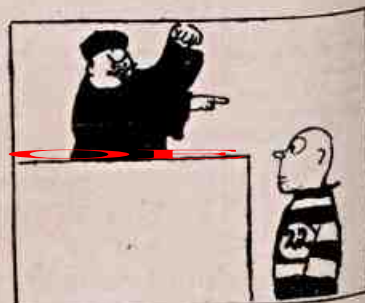
Como ella quizesse falar, o marido justificou:

— Parecia-me que deste modo prolongava o nosso noivado sentimental! Não é que seja romantico, mas confesso-te que ás vezes quizera ser menos velho, para poder ser mais expressivo comtigo.

Ella o olhou e lhe pareceu que o marido crescia e que sua intelligencia augmentava e... emfim, que era o mais amavel dos homens. O coração batia-lhe apressadamente ante o remorso que se insinuava. Quiz dizer qualquer coisa com toda a ternura que vinha do mais profundo do seu ser.

No emtanto, não coordenava suas idéas.

A monotonia dos doze annos de fidelidade inexpressiva se impoz; por ultimo, como prova de extraordinario amor que nella despertava, traduziu seu carinho da unica maneira que lhe permittia a rotina feita segunda natureza:

— Quererias, Jim!...

O promotor. — Sabemos, perfeitamente, que commetteu o crime exactamente como acabo de descrevel-o.

O accusado. — Foi completamente differente, senhor doutor; mas, como a sua idéa não foi das peores, aproveitál-a-ei para a proxima vez.

Parou, sem se atrever completar a pergunta; elle, com olhar meigo, procurou animal-a.

— O que quizeres... Sabes que o teu gosto é o meu!

Os olhos de Laura, cheios de lagrimas, procuraram timidamente os do companheiro...

E ella disse:

— Como és bom, Jim!

— Não tanto como suppões! O que ha é que com carinho tudo é facil. O habito nos torna inexpressivos, mas sentimos do mesmo modo.

Para a mulher sedenta de ternura, a scena a levava ao mundo romantico, que em sua imaginação forjára, porque a voz do marido recobrava as expressões esquecidas ha tantos annos.

Para mostrar que comprehendia o amor do marido, animou-se, e perguntou:

— Queres comer peixe amanhã, Jim?...

— Como te agradeço, querida!

— Não digas isto...

Poz a cabeça sobre o peito do marido, como que procurando o thesouro invisivel cuja presença não adivinhára durante tantos e tantos annos.

NO CAMINHO DA VIDA

(Conclusão)

Mustafa, que devia conduzir, como machinista, o primeiro trem da cidade á communa, parte desta, num troly para, na madrugada do dia seguinte, assumir o commando da locomotiva. Vae satisfeito pelo meio da noite, conduzindo o seu troly, quando em meio do percurso depara um vulto que pretende afastar os trilhos. O troly descarrilla e elle se precipita, de um salto, contra aquelle inimigo que assim procurava destruir a obra da communa. Só então reconhece naquelle vulto o implacavel Fonka. Este sacca rapidamente de um punhal. A luta se desenrola naquelle deserto lugubre como um tragico bailado de sombras. De repente o punhal desce rapido e mergulha nas carnes de um dos lutadores. Ouve-se um grito, depois o silencio volta a imperar novamente.

Na estação inicial, Kolka aguarda em vão o apparecimento de Mustafa. Vendo que este não se fazia ver, dá o signal de partida e o trem segue repleto de convidados em direcção na communa.

Sergejew, rodeado por aquellas creanças que o seu grande amor ao proximo conseguira regenerar, mergulha os olhos na extensão dos trilhos avido por divisar na curva mais proxima o vulto da locomotiva dirigida por Mustafa. Eil-a que surge afinal. A alegria pinta-se em todos os semblantes e uma banda de musica inicia as primeiras notas do hymno de bôas vindas. De repente, o sorriso morre em todos os labios. A locomotiva aproxima-se lentamente e o silvo do seu apito é como um soluço dolorido traspassando todos os corações de dôr. Sergejew, o rosto transmudado, vê cada vez mais proximo o colosso de aço e, percebe, tambem, no primeiro "wagon", o cadaver de Mustafa que Fonka assassinára em meio á noite tenebrosa. Ao seu lado, Kolka, o amigo fiel, curva desolado a cabeça deante do primeiro martyr da communa. E Sergejew, enxugando as lagrimas que lhe correm pelo rosto energico, comprehende, ao contemplar o corpo immovel de Mustafa que a sua obra, com o sangue daquella victima, lançara as suas raizes definitivas no coração daquellas pobres creanças.

TORRE DE BABEL

(Conclusão)

loloway e sua orchestra, Stoopnagle and Budy Vallée e outras celebridades do radio. Tommy, que finalmente conseguiu burlar a vigilancia da sua enfermeira, chega ao local a tempo de apresentar e fazer acceitar a sua proposta.

Ao mesmo tempo, o professor faz com Peggy uma excursão pelo hotel no seu automovel de viagem. Sobrevem, ardendo em colera, o general Petronowitch, com uma porção de assalariados para a vingança, estabelecendo-se uma correria em que o Codorniz faz sossobrar pela terceira e ultima vez o vestibulo do hotel.

Afinal Peggy e o professor, auxiliados por Tommy e Carol, alcançam o telhado do hotel, e os quatro, com o medico, e a enfermeira, dali largam vôo, a tempo de escaparem á ira do general.

LITERATURA DA GUERRA

HOUVE um tempo, logo após o armisticio de 1918, em que a literatura da guerra infestou o mundo. Com o successo de Croix de Bois, L'Ouest rien de noveau, etc., surgiu uma serie enorme de livros sobre a conflagração europea, na sua maioria de uma mediocridade assustadora. Felizmente, tiveram, quasi todos, vida ephemera e aos poucos foram desapparecendo. Seguiu-se o chamado periode des memories. Joffre, Foch, Lurdendorff, Hindemburg, Kromprinz, Poincaré, etc., lançaram no mercado, com enorme espectaculosidade, as suas "memorias", que, diga-se de passagem, de "m e m o r i a s" nada tinham, pois não eram sinão "defesas e accusações", as mais improprias e v e x a t o r i a s da literatura-militar do mundo. Si analyzarmos esses dois periodos de "aprés-guerre", veremos que elle nada deixou de sincero e definitivo, e que até hoje a historia verdadeira da guerra européa ainda está por fazer, com toda a sua tragica belleza. Cada um nos contou a historia "puxando a sardinha para a sua braza"; e, quando algum critico mais corajoso repontava, havia a falta de detalhes e de verdade, acompanhada de uma resposta unica: "Impossivel dizer-se a verdade tal como foi ella durante a guerra. Segredos de Estado e complicações diplomaticas nol-o impedem"... E tudo fica nisso. Só uma revista, com uma temeridade espantosa, vem de lançar uma "Histoire de la guerre", em 3 numeros consecutivos, que causaram tanto escandalo, pelas suas revelações, que o governo francez resolveu apprehender os seus exemplares. Chama-se ella Crapouillot.

Crapouillot era um jornalzinho f e i t o no "front" por alguns "poilus". Terminada a guerra, transformou-se elle em uma admiravel revista mensal, especializando os seus numeros (um delles, exclusivamente, sobre "Les Anglais", a pedido do governo inglez, foi aprehendido, pela policia.) Seu redactor-chefe, Jean Galtier—Boissière, grande mutilado da guerra, é o que se chama entre nós um homem que não tem "papas na lingua". De uma coragem inaudita, "sans peur", leva o seu amor á verdade ao ponto de nos revelar coisas sobre a guerra da França que nos dão a absoluta certeza do grande "bluff" que foram os famosos generaes do periode de 1914 a 1918. Pela força nós já sabiamos que a França não ganhara a guerra, e agora, de-

pois das revelações do "Crapouillot", *ficamos certos de que tambem "moralmente" ella não a ganhou. Esses numeros da revista parisiense, hoje famosos e procuradissimos, são um depoimento que mette por terra toda a literatura de Guerra e de memorias, collocando os pontos nos ii de uma fórma quasi que anti-patriotica. Negociações e negociatas, incompetencias e villanias, despeitos que custavam milhares e milhares de vidas á França, documentos secretos e... mentirosos, pactos e allianças secretas contra os proprios interesses dos Alliados e até o resumo das sessões secretas da Camara e do Senado da França, tudo nos é revelado de uma tal fórma, que chegamos a ter odio e a detestar aquelles mesmos homens que hontem representavam para nós a legendaria figura dos herões.*

E, depois de lermos tudo isso, pensamos na inutilidade do sacrificio de milhões de vidas feito pela vaidade dos generaes d a q u e l l a época e chegamos a detestar todo o enthusiasmo e patriotismo, elevados ao mais alto gráo pelas mentiras officiaes.

Esses n u m e r o s do "Crapouillot" deviam ser conhecidos no Brasil. Aliás, nelles, como em toda e qualquer publicação feita em França sobre a guerra, nunca se tocou no nome do nosso paiz. A maior parte dos francezes não sabe que fomos "alliados" e, na sala reservada ao museu da Grande Guerra, nos Invalidos, nós não figuramos senão com uma bandeirazinha, posta por "caridade", pelos portuguezes, na sua propria sala. E por que não agimos? — Paris agosto 33.

BRICIO DE ABREU

Ventura Garcia Calderón não é só o admiravel diplomata que o Brasil conhece, mas ainda um formoso estylista e um *conteur* de fama universal. Prova-o o seu novo livro — "Virages", que as Edições Grasset veem de lançar em Paris, com um enorme successo. Esse livro, que traz a dedicatoria — "A Alfredo Guimarães. — Rio de Janeiro — Natal de 1932" — compõe-se de 23 contos, que encantaram a critica franceza, principalmente a Jean Vigneau, critico do "Petit-Parisien", que chama o se uautor de "o maior *conteur* do seculo".

O admiravel espirito de Louis Barthou continúa a deleitar-nos com a sua enorme erudição historica. Tendo organizado *chez* Albin Michel a Bibliotheca dos Grandes Revolucionarios (Estudos historicos), deu-nos elle, como primeiro volume, um s o b e r b o "Danton", de sua autoria. Agora lança um "Marat", de autoria de Gerard Walter, que tem suscitado viva discussão na imprensa de Paris.

"Ma vie avec mon père" — é o titulo do livro de Alexandra Tolstoi, que vem de lançar Rieder, e que nos revela os ultimos annos de vida do grande apostolo de Iasnaia-Pohana. As enormes divergencias, a luta cruel de Tolstoi com sua mulher, Sophia Andriedna, nos são reveladas de uma fórma viva e cheia de sinceridade. A fuga do grande escriptor, que motivou a sua morte, nos é revelada em episodios até hoje ignorados, e que causam uma enorme polemica, neste momento, em Paris, pois

(Cont. na pag. seguinte)

NOVIDADES LITERARIAS DA EUROPA

(CONCLUSÃO)

foi ella devida á propria mulher de Tolstoi, que conta entre os intellectuaes francezes grandes defensores, como Romain Rolland. O livro de Alexandra, filha mais moça de Tolstoi, accusando sua mãe, obtem um grande exito.

Albin Michel é, positivamente, o editor de moda. Após o successo obtido com o *Fort de France*, de Pierre Benvit, já traduzido em 8 linguas, lança elle — *La vie de Stanley*, de Jacob Wassermann, uma narrativa admiravel da vida do grande explorador; *Le Colonel Durant*, do famoso Jean Martet, um dos maiores nomes da actualidade literaria franceza; *Les Yeux du Soldat Inconnu*, romance de Paul von Hahn, traduzido do allemão por Paul Genty, e que é a explicação exacta do modo como as mulheres fazem a guerra.

Bernard Grasset, que allia ás suas qualidades de escriptor reputado as de editor de renome, acaba de lançar, nesta temporada, uma série de livros cujo successo se faz notar. *Au dessus des Nuages*, do famoso stratospherista Piccard, nos relata as suas experiencias acima das nuvens. *"La Jeunesse en Russie sovietique"* é uma emocionante reportagem de Klaus Mehnert sobre os soviets de hoje, tão diversos dos soviets de 1920. *"Vers les terres hostiles de l'Ethiopie"* é o ultimo livro de Manfreid, que se celebrizou com a "Criosiere du hachche". Finalmente, *Ma vie avec Lowrence*, de Mabel Dodgeluhan, revela a vida do famoso escriptor inglez nos seus detalhes mais intimos, com o escandalo dos seus innumeros admiradores.

Poucas obras foram tão mal comprehendidas como as de Frederic Nietzsche, porque, para se conhecer a obra de um philosopho, é necessario conhecer o homem, não somente nos detalhes de sua existencia, mas ainda nos motivos que a animaram durante toda uma vida de soffrimentos moraes e physicos. A esse proposito, as Edições Ruders vêm de lançar dois admiraveis livros — *La vie de Frédéric Nietzsche, (d'aprés sa correspondance)*, de Georges Walz, e *Nietzsche*, de Ernest Bertram, que dissiparão mais de um malentendido e imporão a revisão de muitos julgamentos. Livros de *élite* e editados para um publico de estudiosos, já se acham na 120ª edição.

Alphonse de Chateaubriand é um nome já imposto á admiração mundial. Prova-o o seu ultimo livro — "La reponse du seigneur", que Grasset vem de lançar no mercado. O tempo é curto para falar do seu successo, pois o livro foi lançado ha apenas dias, mas o que é certo é que a imprensa franceza é unanime em elogial-o.

BRICIO DE ABREU

AMARRAÇÃO INUTIL

SOLICITA-SE a qualquer pessôa que, com um lenço commum, nos áte os dois pulsos, um no outro, como se vê na figura n.º 1. Collocam-se juntas as palmas das mãos e os dedos estendidos.

Depois pediremos á mesma pessôa, ou a outra qualquer pessôa, que introduza, por entre os dois pulsos, como se vê na figura n.º 1, por cima do lenço, uma corda grossa, que não tenha nenhum nó e bastante comprida, 4 a 5 metros, pelo menos. Outra pessôa pegará nos dois extremos da corda e diremos que puxe com força. (Veja o livro "Segredos da Magia").

Feito isto, annunciaremos ao auditorio que, sem cortar a corda, sem afrouxar uma das extremidades, e sem desatar os pulsos, vamos libertar-nos da corda. Com certeza que parecerá impossivel.

Para realizarmos isso, bastará dobrarmos uma das mãos para dentro e com o dedo medio agarrar a parte da corda que ficou entre os pulsos. (fig. 2). Em seguida, damos alguns passos para a frente, para que a corda afrouxe um pouco, e passemos agora por cima da mão a parte da corda que tinhamos agarrado com o dedo medio.

Pedimos novamente á pessôa em questão que segure nos ex-

tremos da corda, que puxe por ella, e a corda cahirá livremente. Com effeito: ella terá escorregado entre o lenço e a mão.

Será preciso que durante o trabalho agitemos as mãos em todos os sentidos para que ninguem perceba os movimentos que fazemos com os dedos (figura 3).

Esta sorte é de um extraordinario effeito e com um pouco de exercicio se consegue realizál-a com perfeição.

ACHAR UMA CARTA QUE NÃO SE CONHECE

EXECUÇÃO — Baralho commum, do qual se faz tirar uma carta ao acaso. Formam-se dois maços do baralho. A carta é posta no meio pelo espectador. Pede-se-lhe que esténda todas as cartas, uma a uma, sobre a mesa, de costas para cima. Propõe-se que elle ache de novo a carta escolhida, o que parece muito difficil. O operador hesita um pouco, passa, dobrarmos uma das mãos para dentro e com o dedo medio agarrarmos a parte da corda que em que ordem, quer dizer em desordem completa e em todos os sentidos, sem linha. De repente, colloca o dedo sobre uma carta e diz ao espectador:

— Qual é mesmo a sua carta?

— Az de espadas.

Levanta-se a carta sobre a qual se havia posto o dedo; é o az de espadas.

Explicação — Conta-se um certo numero de cartas, por exemplo quatorze, a começar da parte inferior do baralho. Forma-se um monte com essas car-

tas e colloca-se esse maço sobre o outro, de dezoito cartas. Mas, segurando-se este ultimo monte com a mão esquerda, dobra-se o dedo minimo por cima, o que estabelece uma separação mui-

(Continúa na pag. seguinte)

O ESPELHO

MINHA mulher e eu entrámos no pequeno salão. Respirava-se um acre cheiro de môfo e humidade.

Quando fechámos a porta, entrou uma forte baforada de vento, que moveu um monte de papeis arrumados no ângulo do compartimento. Approximámo-nos. A luz alumiou esses papeis, e vimos velhas cartas e imagens medievaes. Das paredes — verdes de tempo e humidade — pendiam os retratos dos bisavós. Nossos passos resoavam em toda a casa. A missa tosse respondeu um éco formidavel: o mesmo éco que havia respondido, sem duvida, a meus avós, muitos annos antes...

E o vento gemia e se lamentava. No tubo da chaminé parecia que uma voz chorava, angustiadamente. Grossas gottas de chuva batiam nas janellas, cantando uma melopéa fúnebre no meio das sombras.

— Oh, avós! — exclamei, suspirando. — Si eu fosse escriptor, escreveria uma longa novella, inspirando-me em vossos retratos. Todos são velhos e velhos!... E' que nenhum delles foi moço um dia? Olha, por exemplo, essa velhinha, minha bisavó. Essa feia, horrivel mulher tem sua historia, no emtanto. Vês aquelle espelho, no canto?

E indiquei a minha mulher um grande espelho, com uma moldura de bronze negro, que estava ao lado do retrato de minha bisavó.

— Esse espelho possúe qualidades milagrosas — prosegui eu. — Por sua causa minha bisavó foi infeliz. Ella o comprára por uma somma fabulosa, e não se separou delle até o dia de sua morte. Mirava-se nelle continuamente, de dia e de noite, e até quando comia e quando bebia... Ao deitar-se, levava-o para junto da cama. E, antes de morrer, pediu que o collocassem ao lado de seu cadaver, no ataúde. Seu desejo só não foi cumprido porque o espelho não cabia no caixão.

— Era muito vaidosa?

— Talvez o fosse. Em todo caso...

— Mas não tinha, porventura, outros espelhos? Por que se apaixonára por esse? Não poude encontrar um espelho mais bonito?...

— Não, querida. Em tudo isso se esconde um segredo terrivel, um mysterio. A lenda diz que nesse espelho estava o diabo, e que a bisavó sentia fraqueza pelos diabos. Naturalmente, isso é bobagem. Mas é indubitavel que o espelho possuia uma força mysteriosa.

Pouco a pouco, nos approximáramos do espelho da bisavó. Tirei, com a mão, o pó que o cobria, e, ao olhar-me, não pude deixar de soltar uma gargalhada. A meu riso respondeu um éco surdo. Como não rir? O espelho deformava completamente minha physionomia, torcendo-a e dando-lhe as mais estranhas combinações: o nariz apparecia na face esquerda; o queixo, partido em dois, pendia das orelhas; os olhos olhavam de qualquer parte, menos de seu logar habitual.

— Que gostos mais esquisitos tinha minha bisavó! — disse, rindo.

Minha esposa, vacillando, indecisa, sob a impressão da historia dos diabos e de minha ruidosa reacção deante do espelho milagroso, se approximou delle, lentamente. E, de repente, aconteceu qualquer coisa terrivel. Minha mulher empallideceu, começou a tremer da cabeça aos pés, e um grito agudo escapou-lhe dos labios. O candelabro cahiu-lhe das mãos, rodou por terra e a luz se apagou. Estavamos em uma escuridão completa.

Nesse momento senti cahir ao chão um corpo: minha mulher desmaiára.

Trucs e illusões

(Conclusão)

to claro entre o dito monte e o de quatorze, que se colloca em cima. A separação entre os dois maços fica do lado do operador, invisivel, pois, ao publico.

Do lado do publico, o baralho igualado apresenta um aspecto normal. Dispondo as cartas, para fazer a escolha de uma, separam-se bem os dois montes. Afastam-se bastante as outras cartas, uma da outra; mas é preciso lembrar-se do ponto em que se deverá, pouco depois, separar o baralho. Para

MILAGROSO

O vento gemia ainda mais lamentosamente. Os ratos faziam ruido nos papeis amontoados... Meus cabellos arrepiaram-se quando, de uma das janellas, se desprendeu o crystal e cahiu fóra com um ruido alarmante. Felizmente, appareceu a lua.

Segurei minha mulher, e, com a força que dá o desespero, levei-a do quarto dos avós. Só voltou a si no dia seguinte.

— O espelho! O espelho! — disse, apenas abriu os olhos. — Onde está o espelho?... Quero o espelho!...

Durante uma semana não quiz beber, nem comer, nem dormir. Continuamente rogava que lhe trouxessem o espelho. Como não a attendiamos, chorava, arrancava os cabellos, tinha convulsões.

O médico declarou que sua saúde estava em perigo; que, a seguir assim, o mais provavel era que morresse por falta de alimentação e por excesso de nervosismo. Então, procurando dominar o espanto que me invadia á só recordação daquelle aposento, voltei lá, e trouxe o espelho de minha bisavó.

Ao vêl-o, minha mulher começou a rir, com um riso de felicidade. Em seguida, o agarrou, dando-lhe muitos beijos, e continuou olhando-o com os olhos muito abertos.

* * *

PASSARAM-SE dez annos depois disso.

Minha mulher mira-se sempre no espelho da bisavó. Como ella se olha nelle de dia e de noite. Terá o diabo voltado a morar no espelho?

— E' possivel que esta seja eu? — murmura.

E eu seu rosto ha uma expressão de beatitude.

— Sim, esta sou eu. Todos mentem, excepto este espelho. Mentem os outros, mente meu marido! Si eu me houvesse visto antes... Si eu me houvesse visto tal como sou na realidade, não me casaria com um homem assim. Elle é indigno de mim! A meus pés devem prostar-se todos os homens.

Um dia pude — afinal! — descobrir o terrivel mysterio. Encontrava-me ao lado de minha mulher e, por acaso, levantei os olhos até o espelho da bisavó, que pendia, com sua moldura de bronze negro, deante a nós.

Fiquei deslumbrado: no espelho vi uma mulher de surprehendente belleza; um rosto como não vira outro em minha vida. Era uma milagrosa creação da natureza; uma harmonia perfeita de linha; uma expressão de graça, de amôr... E essa era minha mulher!... Que succedeu? Em que consistia o enygma? Por que minha feia, feiissima mulher, parecia um anjo no espelho?

A razão era muito simples: o espelho, torcendo o disforme semblante de minha mulher, movendo e mudando a disposição de seus traços, os corrigia inteiramente; e, por essa transposição, a transformava numa obra prima de formosura.

Agora, os dois, eu e minha mulher, nos sentamos deante do espelho, e o contemplamos longamente: meu rosto é horrivel; o nariz muda para a face esquerda; o queixo apparece não importa onde... Mas eu olho apenas minha mulher — bella, encantadora — e sinto que uma paixão louca, insensata, me domina. E emquanto me inclino para ella — olhando o espelho, naturalmente — e a beijo e a abraço, ella murmura como em extase:

— Como sou bella! Como sou bella!

ANTON CHEJOV

---

não o perder, apoia-se a extremidade do indicador direito debaixo dá carta do maço de quatorze.

A carta escolhida é posta, pelo espectador, sobre o monte da esquerda. O operador põe em cima desse maço o de quatorze cartas, — ou treze cartas, se a escolhida tiver sido tirada desse maço. Emquanto o espectader estende suas cartas com capricho e fantasia, como lhe foi permittido, o operador conta: um, dois, tres... até quatorze ou quinze. Porque elle sabe que a decima quarta ou a decima quinta carta, que elle não conhece, é evidentemente a escolhida.

ROMANCE FALADO

FOI um habito que ha algum tempo, Baldane tomou: toda a vez que se sente muito triste, que a sua amiguinha Lucette Bruncorsage o torna muito infeliz, entra numa dessas lojas onde se gravam as vozes.

Na *cabine*, de pé, deante do microphone, póde, emfim, exhalar o seu desgosto, dizer tudo o que sente. Começa quasi sempre assim:

"Pela ultima vez, minha querida...." E termina geralmente com este conselho:

"Ouve isto para teu governo. Bôa noite."

Esse "bôa noite", sêcco, produz um som que não desagrada a Baldane. Levanta-se, arranja as lunetas e faz apontar, com um gesto ameaçador do queixo, a sua barba sal e pimenta.

O empregado, que mette no envelloppe o disco formato pires exhalando essas phrases fortes, pensa, certamente:

"Aqui está um que não é para brincadeiras!"

Baldane deita um olhar, cumprimenta, endireita-se e sae.

Em pleno ar o seu orgulho cáe bem depressa. Em breve é apenas, entre os que passam e o acotovellam, um homem velho atormentado, um homem velho pouco corajoso.

Esses discos! Actualmente, possúe uma collecção. Quando começou? Foi quando encontrou Lulu nos braços do dançarino argentino, nos joelhos do boxeur inglez, em intimidade com o joven galã que promettêra fazêl-a figurar num grande film?

Não sabe mais! Uma vez, veiu descarregar deante do microphone um coração usado, que uma paixão tardia faz bater muito depressa.

Depois voltou...

Evidentemente, é engraçado, tão engraçado que elle proprio ri — a ponto das lagrimas lhe virem aos olhos.

Um homem velho e timido que joga, depois de ter feito fortuna, toda a sua felicidade sobre uma cabeça de vinte annos, não mais bonita que as outras, apesar dos cabellos louros e da tez clara.

Conheceu-a vendedora de armarinho, secção de gravatas. Com que chic desenvoltura apresentava "ragatas" e "borboletas"!

Deixava-se guiar por ella na escolha.

Uma vez, fez-lhe comprar uma "lavallière" com bolinhas!

Uma "lavallière"! A elle!...

Isso divertina e puzéra-se a rir.

E' gracioso um sorriso de mulher.

Por vezes, basta constatál-o para se ficar apaixonado.

Nessa noite, Baldane misturou-se com os que espiam, na rua, a saida do pessoal.

Lucette, com o seu "cloche" e o seu "manteau" de dois vintens, pareceu-lhe menos imponente que por detraz do balcão.

Isso encorajou-o.

Falou-lhe. Não foi mal acolhido. Voltou.

Algumas semanas mais tarde, fazia-lhe acceitar um pequeno apartamento mobiliado que lhe permittiam viver sem trabalhar.

Em summa, uma bôa mocinha, si não houvesse, em sua volta, esses franganotes aproveitando-se da sua inexperiencia.

Na sua presença, desde que ella abaixasse o cenho, desarmado, perdia todos os seus meios, e não ousava reprehendêl-a com médo de passar por "ranzinza".

Aliás, ninguem como ella sabia explicar o inexplicavel com uma apparencia candida.

Talvez um pouco mentirosa, como todas as mulheres! Apesar disso, si soubesse como o fazia soffrer...

Um dia poria um disco na victrola e, de longe, a observaria...

Queria vêr! Quem sabe si a creança, aterrorisada, não tomaria melhores sentimentos?

Quando se viveu quasi meio seculo num escriptorio do Sentier e sem cortejar ninguem desde uma longa viuvez, por vezes, tem-se illusões!

De Huguette Garnier

Baldane subiu a escada que conduz á sua terna amiga.

Devagarinho, metteu a chave na fechadura.

Na ponta dos pés, penetra no salão, põe o seu disco no prato de velludo, substitúe a agulha de aço por outra de madeira.

Prompto!

Está preparado.

Hoje mesmo, si mlle. Bruncorsage lhe fizer novos aggravos, ouvirá, saindo do apparelho, a voz da razão.

Escondido, depois de uma saida falsa, elle espiará.

Mas hoje — acaso? presciencia? — Lucette está encantadora, não o contradiz e parece mesmo, ó prodigio!, interessar-se pelo que elle diz.

Que pena que tenha de ir, daqui a pouco, fazer quarto a sua madrinha, que está doente!

Quando o despede, ao fim do dia, o sexagenario, inebriado, esquecerá completamente o disco.

Só se lembra delle em casa, muito tarde, de noite.

Bem Deus! Comtanto que a pequena não tenha dado por nada!

Realmente, não era occasião, depois das suas bôas disposições, de desencorajál-a com uma severidade inhabil!

Felizmente que ella não deve estar em casa.

Uma sorte!

Voltará lá para retomar o seu disco e regressará depressa.

A amada não desconfiará de coisa alguma.

E' bem aborrecido tornar a descer á rua escura, deixar um interior agradavel onde se está no quente.

Tanto peor!

Nervosamente, Baldane enfia o sobretudo, põe o chapéo.

Na rua, chama um taxi.

Como ha pouco, um tanto offegante, sobe os degráus, abre a porta.

Mas pára ao limiar, petrificado: é a sua propria voz que o recebe.

Nunca pensou que ella pudesse causar-lhe tanta sensação.

"Ouve isto para teu governo. Bôa noite".

Gargalhadas retumbantes, barulho de beijos, exclamações de alegria sublinharam essa peroração escolhida. Que successo! E' delirante.

— Mais! — reclama Lucette. — Mais!

E' de arrebentar de riso!

— Segunda edição! — annuncia, brincando, um desconhecido, que o autor do discurso em vão busca identificar.

De novo, a agulha de madeira vae rodar sobre a ebonite.

E' como uma farpa que entrasse na carne de Baldane.

Empallidéce. Mas, depressa, tápa as orelhas para não ouvir a explosão de alegria provocada pelo seu exordio:

"Pela ultima vez, minha querida..."

Com passos discretos, a fronte baixa, dirige-se para a porta.

E' bem a ultima vez; com effeito a experiencia está feita.

Sem que suspeitassem da sua presença, vae-se embora...

Vae-se embóra...

Fóra, cáe uma garôasinha gelada.

Baldane levanta a gola, curva as espaduas para dar menos presa ao vento.

E' sinistra essa hora nocturna, debaixo da chuva...

Alguma coisa começa a morrer nelle, alguma coisa que era a sua razão de viver, o seu tormento.

Não voltará nunca mais.

Mas não é mais verdade que as palavras vôam.

Restam-lhe os discos, folhas negras do seu romance fallado.

Uma noite, irá buscál-os, um por um, no armario onde os guarda e as suas mãos tremerão um pouco.

Serão como outras tantas corôas funebres, sellos sombrios collados sobre o seu ultimo amôr.

Os segredos da Torre Eiffel

De Lala Gomes Vaz de Carvalho

HA uma Torre Eiffel disseminada em centenas de milhares de exemplares conhecidos no mundo inteiro; reproduzida em estampas coloridas, em cartões postaes, em metal dourado, em broches, em alfinetes de gravatas, em louça ou vidro que todos nós já vimos e tocamos innumeras vezes. E' a esbelta torre de metal que ha mais de quarenta annos parece querer furar o horizonte de Paris com sua aguda ponta de aço que, em tempos, horrorizou os engenheiros e os artistas que só viram nella uma especie de ultraje á capital e á arte contemporanea. Esta é a Torre Eiffel com suas plataformas successivas de 57, 115, 276 e 300 metros de altura, dados téchnicos que ninguem contesta. Ha, porém, uma outra Torre Eiffel historica e anecdotica que bem poucos conhecem, vivendo de uma obscura vida calamitosa que os homens lhe deram sem consultál-a. Não é della a responsabilidade dos suicidios e dos dramas de amôr que se desenrolaram entre suas vigas de aço e, no emtanto, ha quem lhe attribúa uma influencia nefasta sobre os neurasthenicos e os deprimidos, talvez por causa de sua fórma ondulada, de sua altura vertiginosa e das quatro patas aduncas que se agarram ao solo numa area de mais de mil metros quadrados. O velho Popaul, o decano dos guardas da torre, deixa-se por vezes levar a contar os segredos tragicos do ambiente em que vive ha mais de 30 annos.

Foi elle quem ajudou a preparar o recanto onde os recem-casados, em 1900, se fizeram photographar algumas horas antes de se jogar do penultimo andar da torre sobre o cascalho onde pousa o immenso monstro de aço.

Ninguem soube a causa que os levou áquelle áquelle tragico fim quando tudo lhes deveria sorrir na vida, mas Popaul affirma que foi o mau sopro da alma de ferro da torre que os enlouqueceu repentinamente. Até ainda ha pouco tempo havia, no primeiro andar, um café que occupava quasi todo o centro da plataforma.

Ahi se podiam admirar grupos de dançarinas bailando aos rythmos de orchestras exoticas, assim como alguns espectaculos dramaticos de arte mediocre. Em volta prolificavam os mais estranhos mercadores a vender penninhas, cartões postaes, quadrinhos e toda especie de lembranças da torre. Havia tambem uma fauna caracteristica, que já não existe, constituindo um dos grandes attractivos do passeio até a Torre Eiffel.

Era a *mulher vidente*, que lia o futuro dos clientes perscrutando os astros com um telescopio cuja extenção não chegava nem á altura da grade da plataforma. Ao lado della, podia se consultar uma "Esphinge" que, por 2 francos, revelava a idade, as paixões e os amores dos incautos que lhe procuravam arrancar o segredo da vida. No andar superior se podia alugar binoculos, para attingir com a vista os pontos mais afastados da immensa cidade e tambem os livros da bibliotheca cheia de trabalhos e documentos sobre a Torre. O commum dos mortaes póde chegar até a terceira plataforma, mas o quarto andar é interdicto aos profanos.

(Continúa no proximo numero)

O que occorre a muitos que se não quizeram conformar com o emphatico «não» de seus «ideaes», no dia em que lhes declararam suas vulcanicas paixões...

O barbeiro (ao cliente que chega). — Entre, entre! Dentro de tres segundos estará tudo acabado."

A esperança, o soffrimento e o sonho são os degráus da escada que nos conduz ao céo do amôr...

* * *

A duvida amorosa é a mais dolorosa de todas as duvidas...

* * *

O sol do amôr produz uma sombra que é a saudade...

* * *

O coração que ama, para ser feliz, deve preoccupar-se apenas em amar e não em ser amado...

* * *

Um amôr que nasce sobrepuja um amôr que morre, e feliz do coração porque assim é...

* * *

O amôr é a moeda de ouro com que se vende o esquecimento e se compra a saudade...

* * *

A felicidade amorosa é fructo mais da imaginação que da realidade...

* * *

O amôr que começou num beijo poderá ter o seu fim num sorriso; mas o amôr que começou num olhar acabará sempre numa lagrima...

* * *

O amôr não admitte experimentações em torno delle...

* * *

As grandes alegrias são proprias dos pequenos amores, e as pequenas tristezas são proprias dos grandes...

* * *

Ninguem soffre porque perde um amôr, mas sim porque deseja reencontral-o...

* * *

Tres cousas abstractas tornam concreto um amôr: a esperança, a illusão e a saudade...

* * *

O verbo amar é elle só e não quer saber de synonimos. Não se queira bem nem se estime. Ame-se...

* * *

O coração poderá se cansar de ser amado, mas não se cansará, nunca, de amar...

* * *

Si é bem verdade que só o amôr correspondido produz flôres e fructos, não é menos verdade que o amôr sem esperança produz uma sombra bemfazeja, sob a qual se abriga o coração que vê preterido o seu amôr...

* * *

O ciume em amôr foi feito para ser usado sem se abusar do seu uso...

* * *

Mais faz soffrer um só amôr na imaginação do que dois ou tres na lembrança...

BAZAR DE AMOR

Quando se amou verdadeiramente, em se perdendo um amôr, lembra-se com mais facilidade as dores que elle nos causou do que os prazeres que nos proporcionou...

* * *

A experiencia, que é mestra da vida, é discipula do amôr...

Os peccados que o amôr commette é que o santificam...

* * *

Quem ama verdadeiramente faz do seu amôr um rosario de dores e acha uma alegria em cada conta desse rosario...

MAURO DE ANDRADE

SONHO DE ALVORADA

UMA advertência ao amigo leitor.

Ai de vós si me acreditaes! Algumas histórias, que vivo contando, sei apenas por ouvir dizer... Franqueza! Fazem-me participante de tanta novidade, tanta nova curiosa, que fico quasi certo de nada escrever em novo. Comtudo, como para alguma coisa possam servir certos casos, vou passando-os adeante na bôa fé! Vou contando as *ranidades* a mim contadas, quiçá, sem coisas novas, mas de uma nova maneira (*non nova sed nove*) como passatempo de alguns leitores de ninharias.

Dizem pessimistas, em tom doutoral: no Brasil ninguém lê! Não é tanto assim.

Depois de haver entrado em voga o dynamismo, com a sua origem na sciência das fôrças moventes, já ninguém aguenta dynamites literários: obras maçudas! Nada de complicações: nem explosão nem pêso!

Hoje em dia, a não ser a leitura da biographia romantizada, já se não tolera a erudição no romance, nem se lhe admittem grandes divagações nem descripções de céus, terras e mares: só a exposição do facto ou da série de factos. A chrónica tem de ser mui subtil; o trabalho de erudição, incisivo mas singelo; a obra didáctica, simples no tom, léve na fórma, para ser lida com agrado; o conto, real ou imaginário, bem synthético e com graça e leveza.

Neste se narra ás vezes uma história, recheada de incidentes, a qual se poderia desenvolver num livro de muitas páginas.

E, por falar nisso, procurando cada vez mais ficar *ambientado* ás idéas novas e correntes, portanto á ideologia literaria, ahi vae mais um conto, cuja authenticidade fica por conta... Para mim é lenda, mas póde ser... póde acontecer...

* * *

Quatorze annos apenas. Evidentemente, uma encantadora menina, mas era já espôsa. Espôsa aos quatorze annos...

No dia do casamento, tudo aquillo lhe parecia um arremedo de alguma história artística de fada. Comtudo, no quarto nupcial, mirava-se de vez em vez no espelho. Concertava a maquilagem. Compunha os cabellos. Ageitava as sobrancelhas. Andava de um lado para outro lado. Parava. Olhava em derredor do compartimento. Afigurava-se-lhe algum brinquedo vêr alí tanta prenda delicada.

Chegára o espôso. Abraçára-a. Déra-lhe um collar de beijos, a arfar-lhe o peito de ansiedade cheio...

* * *

Tinha elle vinte e nove annos. Ella, quatorze.

Quando solteiro, um dia estava elle triste.

Uma cigana immunda vira-o muito triste. Pediu-lhe quinhentos reis.

Déra-lhos.

Quizéra lêr-lhe a buena-dicha. Não lho permittira.

Então, a ladina cigana lhe dissera ao acaso que não desprezasse a fortuna, pois uma bôa estrella o acompanhava. O seu procedimento era elogiado por todos. Tinha bom caracter. Era trabalhador. Era honesto. era talentoso. Para que, pois, pensar na desgraça? De amôr carecia o coração moço? Amasse; e a felicidade já vinha perto... mas fôsse bondoso, extremamente delicado. Fizesse as vontades á mulher querida. Fôsse prudente para alcançar a felicidade relativa no lar. Conquistasse a amizade da futura companheira. Fizesse della sua verdadeira amiga...

Com uma coisa aquella cigana immunda acertára: nunca tinha, até aquelle momento, gostado de mulher alguma!

Descarregou a consciência a vêr si esta lhe revelava alguma coisa occulta... Lembrou-se: havia muito, o seu olhar acompanhava com bastante attenção os passos de uma collegial.

E o coração despertára deveras. Amou a collegial. Casou.

* * *

Elle, com todas as veras do coração, amou.

Ella, porém, não fôra ainda attingida pela setta de Cupido. Casára sem amar. Casára porque a quizeram casar. No dia do casamento o coração, que não obe-

De Hormino Lyra

decs ao império da vontade de ninguém, nada sentia: desempenhava apenas o papel de órgão central do apparelho respiratorio.

Elle, emtanto, era feliz, porque a amava; ella, comtudo, não era infeliz, porquanto não sabia ainda o que era o amôr, a paixão sexual.

O amôr é o peccado. E a joven espôsa era uma santa. Santa, porque a sua vida podia ser um exemplo, porque era bella como devem ser as santas do céu.

Após alguns annos, certa vez um esperto cidadão quiz induzil-a em êrro.

O peccado é attrahente; e o gênero humano tem a volúpia da infracção.

Era humana e estava sujeita a violar a observancia da fé jurada ante o juiz, num contraste; ante o sacerdote, num sacramento.

O marido, porém, muito intelligente, observou num simples olhar de ambos a extensão da desgraça que poderia cair sôbre a espôsa. Era amigo della, queria-lhe muito bem, amava-a e tinha obrigação de zelar a companheira, de lhe ser leal. Ao invés de andar espreitando-a como a qualquer criminosa, achára melhor aconselhál-a, mostrando-lhe a vida com as vicissitudes de afflicções e alegrias.

Começára por lhe perguntar si ainda não havia notado a insistência do esperto cidadão, aliás *amigo seu!*... Terminou por explicar a razão pela qual certos conquistadores de corações preferem as mulheres casadas: por asseio, por economia. Mais por economia: uma senhora casada não lhe vae explorar a bolsa!

Ouviu-o ella. Negou. Chorou.

Comprehendêra perfeitamente a subtileza do espôso. Tornára-se sua admiradora por lhe descobrir a superioridade intellectiva. Só um homem perspicaz lhe descobriria o *flirt* que não gostava muito de praticar; só um homem muito fino lhe falaria daquelle modo, naquella situação de espirito.

Por fim, a amára igualmente, com todas as veras do coração.

O esperto cidadão não comprehendêra a mudança radical observada na divina criaturinha que procurava seduzir. Não achava explicação razoavel. Continuára, por isso, a perseguil-a; mas era tal a indifferença da senhora, que julgára de bôa táctica simular um arrufo.

Inutilmente: fingira nada perceber!

O caricato D. João Tenório enfiou. Desconfiou. Encolheu-se.

* * *

Não sabia ainda o espôso quanto era amado pela espôsa.

Manhãzinha, cêdo, vae elle certo dia ao gabinete concluir um trabalho de advocacia.

A consorte dahi a pouco, se erguêra do leito, caminhára em direitura ao gabinete de estudos, chegára perto do outro consorte pé ante pé, passára-lhe a mão pelos cabellos, beijára-lhe a face.

Abraçára-a com ternura, sentára-a sôbre as pernas, retribuíra-lhe o beijo com dezenas de beijos ardentes.

— Que desejas, minha adorada?

— Ficas aqui encerrado durante tanto tempo, que já estava com saudades tuas...

— Sim?

— Não acreditas, de certo, disse-lhe, quasi queixosa e com meiguice.

— Por que não?!

— Desconfio...

— Pois não desconfio de ti, porque te quero sempre e muito...

— Jura!

— Por Deus do céu! Que queres mais?

— Que conserves sempre na retina a tua mulher.

— A imagem da meiga mulherzinha me está gravada no peito.

— Minha felicidade em ti repousa...

— Sou tanto amigo teu, quanto és tu minha amiga.

Sorriu pittorescamente a espôsa. O sorriso era um enigma surprehendente, mas fez-se claro. O espôso, sem disperdiçar um instante, sondára-lhe o estado da alma para lhe penetrar os pensamentos, apanhára bem a chave do enigma, decifrára-o: o despertar seguro da vida esponsal.

Levantou-se de repente e suspendeu-a como a dôce crianceinha e beijou-a de novo e saiu a correr com ella ao collo: um sonho da alvorada...

A HONRA DOS MALCOLM

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Não sei, minha senhora. Isso depende do muito ou pouco que me distrahir.... Ah! diga-me lá, mordomo, quem é aquelle senhor de cara toda rapada, além, que não tira os olhos de nós?

— E' Sua Eminencia o bispo de Birmingham, sir. Costuma olhar muito de fito para a gente. Já muitas pessoas se têm queixado do mesmo.

E, brincando com o guardanapo, foi ao "buffet" buscar um calix de licor.

De passagem, segredou ao sujeito de cara rapada, que não era outro senão um policia secreta.

— Não olhe assim para a gente, imbecil! Você incommoda ás pessoas para quem olha.

Quando voltou á mesa, Lovell perguntou-lhe:

— Diga-me uma coisa, mordomo, conhece por acaso, um certo Sherlock Holmes?

— Sherlock Holmes? repetiu o mordomo muito surprehendido. Temos o rapazito encarregado do ascensor, que tem esse nome.

— Que asno! murmurou Lovell.

E, em voz alta:

— Não é este; o famoso policia, de quem os jornaes falam tanto. Pelo menos, ha de conhecel-o de vista?

— Oh! respondeu Sherlock, com accentuada expressão de idiotismo, estudada para este papel, gente dessa não vem a este hotel.

O trio trocou um sorriso. Que idiota que o mordomo era! Julgava que todos os passageiros eram pessoas de representação.

Já ia adiantada a noite quando elles se levantaram, sem mais demora, quando Lovell disse, como tomado de subita inspiração:

— Vou dar um girosinho comsigo, conde. O ar livre ha de fazer-me bem; desde esta manhã que não me mexo daqui. Lá em baixo ha um corretor de serviço toda a noite.

A um signal de Sherlock, Harry desappareceu por uma porta lateral, e mal cuidavam os dois homens, que eram seguidos por um individuo que, como quem vae de passeio, caminhava na sombra do outro lado da rua. Era o proprio Harry Taxon.

Neste meio tempo Sherlock foi deitar-se na cama do quarto 28, e como nada se oppunha a que descançasse um bocado, deixou-se enlevar num somno reparador.

Acordou pela manhã, ao ruido que Lovell fez quando entrou. Este deitou-se logo. Com a certeza de que o passaro não sahia da gaiola tão depressa, teve occasião de seguir, bem disposto de espirito, as differentes pistas que se lhe apresentavam.

Ainda de noite, foi a casa, onde encontrou Harry Taxon, que dormia profundamente.

— Pobre rapaz! disse Sherlock, curvando-se para elle, não posso deixar-te dormir. Esta noite que vem será outra coisa: tão verdade como eu existir, até lá estarei senhor dos assassinos.

Vamos lá, acorda, filho, gritou-lhe o mestre, e dize-me o que sabes.

— Oh! desgraçadamente nada tenho que contar-lhe. Os dois typos estiveram duas horas sentados no café Paris; beberam whisky até mas não poder. Não pude aproximar-me delles: ter-me-iam reconhecido. A' sahida tomaram um carro e deram ao cocheiro o endereço do Hotel do Globo. Julguei desnecessario seguil-os para ahi, e aproveitei o tempo numas pequenas indagações. Entre os alugadores de carros de noite, procurei os que empregam para os animaes palha de aveia. Só encontrei um, cuja morada aqui está.

— E dizes que não tens nada para contar-me, Harry. Pois eu julgo que este bocadinho de palha me vae conduzir á verdade.

Sherlock poz-se a caminho, e chegou ao alvorecer á casa do tal alugador de carros.

— Venho perguntar-lhe, sr. Johnston si se lembra das pessoas que conduziu ante-hontem á noite.

— Ante-hontem? Ah! sim, recordo-me, por signal que fazia um nevoeiro de trinta mil diabos. Eu mesmo é que andava no giro; não quiz confiar ao

Mozaicos

A ARTE DE ESCREVER NO CÉO...

Não se trata de nenhuma novidade, pois, em Berlim, ha muitos annos que se escreve periodicamente no céo, e em outras cidades tambem se effectuaram, com éxito lisongeiro, provas deste atrevido systema de escripta.

Como se escreve no céo? O aeroplano sóbe com um machinario especial, que produz fumaça.

Com essa fumaça tem que escrever no céo, e isso não póde ser feito sem grande aprendizagem.

Para se escrever no céo, as letras são feitas com fumaça, de tráz para deante e de grande tamanho, afim de que os transeuntes das cidades as possam lêr com a maxima facilidade. Geralmente, os artistas do ar escrevem a 300 metros de altura.

O MENOR LIVRO DO MUNDO

Em uma livraria da praça São Carlos, em Turim, está em exposição o menor livro do mundo. E' assignado por Galileno, e tratase de uma carta enviada a Maria Christina de Lorena. Foi impresso em 1897. O texto foi composto em corpo quatro e o seu tamanho é de 18 millimetros por 13.

A ACADEMIA FRANCEZA

A Academia Franceza está completa. Consta de quarenta membros, havendo preenchido a ultima vaga François Mauriac, que tem apenas 47 annos. O decano dos academicos é Jules Cambon, que tem 88

cocheiro nem o carro nem o cavallo. Mas a coisa durou pouco: ás doze horas estava em casa.

— Muito bem sr. Johnston. Ainda assim teve um freguez, não teve? Interrogo-o de um modo preciso, porque se trata de um negocio muito grave. Aqui está o meu cartão, peço-lhe que me responda o melhor que possa.

O bom do velho coçou-se atraz da orelha.

— Que desgraça! respondeu. Com a policia nunca a gente sabe á quantas anda. Que quer então que eu lhe diga?

— Desejava simplesmente saber se usa trazer dentro do seu carro alguma coisa com palha.

— Não, senhor; mas trago debaixo da cadeira uma caixa com uma provisão de forragens. Foi algum freguez que se queixou? Effectivamente, um dia destes, vi que havia umas palhasinhas dentro do carro.

Os olhos de Sherlock luziram.

— Não; ninguem fez queixas. Umas palhasinhas de mais ou de menos, não fazem mal ao caso. O que eu necessito saber é se transportou alguem nessa noite, a que horas e para onde.

— Isso é facil. Primeiro, uma senhora que foi da Estação de Victoria para o Hotel do Globo.

— Ah! Ah! E, essa dama, pouco mais ou menos, como era?

— Não posso dizer-lhe porque levava a cabeça enrolada num grande véo. Ia acompanhada por um cavalheiro. Este mesmo foi o segundo freguez. Fui leval-o — raios me partam se eu sei aonde! — foi, Johnson...

— A Russel-road, talvez?

— Ora essa! Como foi que adivinhou?

— Não adivinhei: sei isso ha muito tempo. Bom! diga-me agora, que cabeça tinha esse freguez, e a occupação que parecia ter.

— Era baixinho, enfesado, de poucas carnes. De longe, cuidaria a gente que fosse um garoto. Barba, bem signal. Tinha olhos negros como um carvão. Pela pallidez do rosto e brilho dos olhos, parecia enfermo...

— Hum! Não tem isso nada de extraordinario: machinava o crime...

— Quem? por Deus, que está o senhor dizendo?

— Não leu nos jornaes que lady Malcolm foi assassinada? Provavelmente, o assassino andou no seu carro, e trata-se agora de saber se é capaz de o reconhecer, quando eu lh'o apresentar.

— Isso sim, reconheço, infallivelmente. Como é que o senhor quer que se esqueça uma cabeça daquellas? Mas não comprehendo, porque foi justamente o meu freguez que commetteu o crime!

— Porque levou na sola das botas um bocadinho de palha, que deixou na casa, e porque foi o unico homem que lá entrou nessa noite.

— O senhor engana-se. Ha la um criado que veio abrir-lhe a porta e o acompanhou.

— Tem a certeza disso?

E Sherlock olhou para elle, com muitissimo interesse.

— Certeza? Se tenho! Mas o senhor está a olhar para mim, como para um velho inutil! exclamou Johnston, um tanto aborrecido. Talvez pense que eu não sei o modo de tratar com a policia secreta? Apesar do nevoeiro, que era de se cortar á faca, vi muito bem o criado. Quando avistou o cavallo, abriu a porta, e fechou-a cuidadosamente depois do freguez entrar.

— Ha de perdoar, observou Hherlock, mas isso não adeanta; meia hora mais tarde estava a porta entreaberta.

— E' possivel meu caro senhor. Eu digo-lhe só o que vi, e eu vi o creado, um homem já de certa idade, fechar a porta. Ouvi até uma grande chave dar volta na fechadura. Pensei que o homemzinho, meu freguez, fosse o filho da casa, e que o esperavam.

— Que horas seriam?

— Disse que ás doze estava de volta. Podiam ser umas doze menos um quarto, quando o freguez se apeou.

— E não sabe mais nada?

— Nada mais... Voltei logo para casa por motivo do nevoeiro.

— E a dama que levou ao Hotel do Globo era alta e forte?

— Não, senhor; era de estatura mean e elegante. Tinha voz clara e nitida. Ouvia-a conversar acaloradamente com o companheiro.

— Percebeu algumas palavras da conversa? Isso teria para mim grande importancia?

(*Continúa na pag. seguinte*)

---

annos, e, entre os de idade avançada está Paul Bourget, com 81. Paul Valery, que tem 62, figura entre os mais jovens da laureada casa.

A CRISE DA INDUSTRIA DE LOCOMOTIVAS NA ALLEMANHA

Presentemente, só existem na Allemanha nove fabricas de locomotivas, das vinte que existiam antes da guerra.

Durante o anno de 1931 fabricaram-se, para as estradas de ferro da Republica, 109 locomotivas, sendo de notar que a média da entrega annual, antigamente, era de 1.200.

A exportação allemã reduziu-se, no anno de 1931, a 266 machinas, e, antes da Grande Guerra, essa exportação representava cincoenta milhões de marcos...

A Sociedade Henschell, uma das grandes fabricas allemãs, registra uma diminuição de 500 para 41, na sua entrega annual de locomotivas para as estradas de ferro allemãs, sendo que a sua exportação de machinas e caldeiras, que, em outros tempos, era de 570, está reduzida a 130.

UMA HOSPEDARIA LITERARIA

A poucos kilometros de Madrid, em um povoado muito pobre, uma escriptora, Sofia Blasco, abriu uma hospedaria, ou, melhor, uma casa de repouso para escriptores e artistas. Tratamento familiar, preços reduzidos e optimo logar para descansar os nervos e o espirito, taes são os caracteristicos da hospedaria de Nuevo Baztán.

Sofia Blasco é filha de Eusebio Blasco, humorista hespanhol, que tem sido tão infrutuosamente imitado.

— Se o senhor estivesse, como eu, no alto da cadeira, com receio dos seus cavallos partirem as pernas ou o pescoço por causa de abrir o postigo da frente para escutar a conversa dos freguezes?

— Não; tem você razão; provavelmente não o faria. Obrigado, por todas as suas indicações, e se a fortuna se dignar conceder-me o favor de me pôr nas mãos o criminoso, hei de confrontal-os, para ver se o reconhece.

Sherlock foi dalli ao palacio Malcolm, e lá, esperando que o lord estivesse vizivel, teve uma conversa com as creadas.

Soube que nem Pedro, sempre sem se saber onde estava, nem o cocheiro, tinham dormido em casa, e que a senhora se servira de um automovel, em vez de carruagem.

Foi Betsy que lhe disse tudo isto. Era a unica pessoa que naquella casa tinha recuperado a serenidade e presença de espirito. Estas indicações serviram de muito a Sherlock Holmes.

— Diga-me cá, minha filha, perguntou elle, era muito amiga de sua ama?

— Quem não o havia de ser? respondeu a rapariga, com os olhos rasos de agua. Todos nós lhe eramos muito dedicados.

— Mesmo o Pedro?

— Esse, mais que ninguem, sr. Holmes. Vejo que está mal disposto a seu respeito. Mas eu metteria as mãos no fogo como elle está innocente deste crime!

— Havia de gostar de a ver vingada? Pois bem; prometto-lhe uma boa recompensa pecuniaria se me contar absolutamente tudo o que tem ouvido dizer sobre o passado e a vida conjugal de lady Mary. Tem algum motivo para crer que o lord tivesse ciumes de sua mulher?

— Pelo contrario. Mais razão teria ella de ter ciumes delle; o senhor sabe tão bem como nós, que Mylord havia reatado relações com a sua antiga paixão, como é publico e notorio; as relações... com a bella Ellen Brewer, que foi sua amante.

— Isso teria sido um motivo para milady se consolar com um outro.

— Mas não o fez! milady tinha a pureza de um anjo. Recebia cartas e varias declarações de amor! Isso fazia-a rir, mas deixava-a fria e indifferente.

Houve um momento de silencio. Depois, o policia voltou-se para Betsy:

— Vou confiar-lhe uma coisa, Betsy, e a menina vae ajudar-me. Reparei hontem no "boudoir" de milady, num indicio, que, talvez, possa pôr-me nas pegadas do criminoso. Precisava lá estar uma hora, até hora e meia, somente, sem que ninguem me interrompesse. E' capaz de conseguir que me não aborreçam nesse espaço de tempo?

— Cuido que sim. Só se o lord quizesse entrar...

— Oh! é necessario que não entre ninguem, e muito menos elle. Tome sentido: se o lord se levantar e quizer, lá ir, entretenha-o de algum modo até que eu saia. Prometto-lhe despachar-me o mais depressa possivel.

— Vá, sr. Holmes, que eu velarei.

O policia foi para o quarto, onde lady Mary se conservava deitada no caixão já fechado, com a propria tampa.

Sherlock Holmes aferrolhou muito bem a porta. Approximou-se da caixa da parede, levantou o Gobelin, e experimentou as suas chaves falsas.

A fronte do policia suava em bica, quando a porta cedeu e elle poude metter a mão na abertura.

Depressa encontrou a mola. Uma parte da parede girou e Sherlock apanhou um pacote de cartas.

Este pacote queimava-lhe as mãos. Parecia-lhe, que a morta ia erguer-se do sarcofago e reprehendel-o por assim penetrar os seus segredos.

Apertou os dentes uns contra os outros, e o seu olhar tornou-se fixo.

— Com todos os diabos! murmurou elle, sei muito bem que me não move um vil sentimento de curiosidade, mas sim a esperança de descobrir o segredo da tua morte e de poder vingar-te, Mary! Vamos, Sherlock Holmes! meu velho camarada, terás tu medo do que vaes conhecer?

Foi á janella e desatou o pacote.

Logo no cabeçalho da primeira carta reconheceu a calligraphia fina e angulosa, que vira na vespera. E leu:

"Minha querida, tu, a quem adoro perdidamente, quererás exaltar o meu mais ardente voto? Permittirás que eu renove essas horas de ineffavel ventura que um dia me concedeste? Não me infelicites por mais tempo, Mary. Sei que o malvado que te possue por força de lei foi viajar, e eu voarei para ti. Juro-te pelo amor que outrora me votaste no delirio dos nossos beijos!"

Por baixo destas linhas faltava um paragrapho. Holmes deixou cahir a carta soltando um tenue gemido.

Assim se realizavam os seus receios: Mary não era a mulher pura, que elle julgava ser.

Pegou na carta seguinte. Tambem continha vehementes protestos de amor, e, entre outras, esta phrase, que provava que Mary tinha cedido.

D. FEIA — (Ao José Lucena)

D. Feia! eras tão magra
que eu tinha quasi horror quando te olhava,
ou quando — inda peor — me approximava
de ti — horrivel e infeliz Tanágra...

Teus braços eram finos... Tua bôcca
que me beijava voluptuosamente,
machucava-me os nervos numa louca
e estranha obsessão impertinente...

E quando te chamavam a "pequena
mais feia da cidade", e iam passando,
ficavas pállida, e, a me olhar, serena,
rias, para eu não ver que estavas soluçando...

Punhas, nos teus abraços, alegrias,
e delirios, num beijo natural...
— Então, fechando os olhos, tu não vias
que essas caricias me faziam mal?!...

"Com algumas palavras te provarei o meu profundo reconhecimento, Mary. Até á minha morte, proxima sem duvida, conservarei a lembrança das horas inolvidaveis que hontem passei comtigo. E agora, eis os rogos que te faço, as supplicas que renovarei até que te dignes attender-me: Vem commigo, sê minha mulher, segue-me para longe, muito longe, até esses paizes longinquos onde não ha inveja nem odio que possa interromper a nossa ventura!...."

E as outras cartas, em numero de seis ou sete, eram no mesmo tom.

Uma coisa extraordinaria impressionou Sherlock; nenhuma destas cartas estava datada. Somente as dobras e o seu estado e nitidez indicavam que tinham sido escriptas em épocas differentes. Uma dellas tinha a assignatura de "Leonel".

Sherlock tirou essa do masso, metteu-a na sua carteira muito bem dobrada, e pôz as outras onde estavam.

— Preciso desta, murmurou elle. O lord não dará pela falta, e caso dê, é-me absolutamente indispensavel. Aconteça o que acontecer, estou satisfeito de ter podido commetter este pequeno roubo á minha vontade.

Tornou a fechar o esconderijo, e dirigiu-se ao ataúde, levantando a tampa.

O formoso rosto ainda não estava alterado; e illuminava-o um delicioso sorriso.

Sherlock Holmes soltou um profundo suspiro.

Curvou-se e collou com veneração os seus labios á mão delicada, hirta e fria sobre os vestidos brancos.

Depois, afastou com precaução as rendas que escondiam o pescoço alvo á sua vista.

Os traços azulados da mão criminosa ainda estavam mais distinctos.

Tirou a sua lupa da algibeira e examinou-os. Neste momento, não era mais que um policia secreta. Descobriu, então, alguma coisa que lhe tinha escapado. Um dos signaes de pollegar era sensivelmente menor que o outro, se bem que fosse ainda delgado para ser o de um homem feito.

Graçou cuidadosamente na idéa a fórma e a grossura dos sinistros vestigios.

Depois, compôz as rendas, fechou o caixão, e disse em voz alta:

— Só um athleta poderia deste modo estrangular a desgraçada victima. Era um homem baixo, delgado de corpo, mas dotado de uma força herculea. E' necessario que eu o procure nas cervejarias de artistas.

Quando voltou ao pateo, encontrou Betsy; ella esperava-o e pôz um dedo nos labios.

— Mylord acaba de levantar-se, disse ella, e póde vir de um momento para o outro.

— Betsy é uma rapariga muito intelligente. Olhe que daria um policia de primeira ordem!

E, sem esperar que o lord apparecesse, sahiu.

CAPITULO VI

VINGANÇA DE MULHER

Harry Taxon dormia como um bem aventurado. De repente, acordou em sobresalto. Ainda cheio de somno, pareceu-lhe ouvir o telephone tocar de modo especial, combinado entre mestre e discipulo.

— Sou eu, Taxon, disse o rapaz, já ao apparelho. Quem fala, é o mestre?

— O sr. Sherlock está em casa? respondeu uma voz desconhecida.

— Não; respondeu Taxon furioso de ser acordado por um desconhecido.

— Quando estará? Tenho que dizer-lhe coisas muito importantes.

— Quem é que fala?

— O nome não importa. Basta-lhe saber que se trata de uma coisa das mais serias.

— O sr. Sherlock occupa-se neste momento de um negocio importantissimo. Duvido que elle queira encarregar-se de outra coisa.

— Sim bem sei, respondeu a voz, que Taxon estava entreconhecendo. O assassinato de lady Malcolm. Podia poupar-se a esse trabalho; toda a gente está convencida de que foi Pedro, creado da casa, o autor do crime.

— Acabou-se! gritou Taxon, raivoso, ao telephone. Descançou os receptores, e foi vestir-se ás pressas, de modo febril a despeito do desesperado tocar do apparelho.

Convenceu-se agora, de que estivera a falar com aquelle homem de bigode loiro da vespera.

— Se esses animaes descobrem que tratamos das suas pessôas, previnem-se e são capazes de escapar-nos. Para o hotel é o meu caminho, e já, se não, o passaro bate as azas.

Meia hora depois o corrector estava no seu posto no pateo do Globo.

Soube que Mr. Lovell pedira a conta, mas que ainda se conservava no hotel.

— Julga que seja elle o assassino? perguntou o director.

Elle encolheu os hombros, e respondeu:

(Continúa na pag. seguinte)

E eu, sem querer, tomava-te nos braços
talvez porquê
tu lembravas, nos teus minimos traços,
uma velhinha de François Coppée...

Mas tu querias ser como a flôr sem espinho
que a gente cólhe e todo o mundo quer...
E eras apenas animado esqueletinho,
eras só uma sombra de mulher...

Hoje, tu és a imaginaria musa
que me apparece, em desalento,
como uma sombra vaga e intrusa
ainda no meu pensamento...

D. Feia! Eras tão fina
(quem te chamára de Sereia?...)
e eras tão magra, tão franzina...
D. Feia! D. Feia!...

STENIO DE SÁ

— Não sei o que a esse respeito o sr. Holmes pensa.

— Mas porque é que o não prendem, visto que suspeitam delle?

— Porque não é elle só o culpado. Se o prendermos, os outros ficam prevenidos e fogem. O sr. Sherlock bem sabe o que faz: deixe o negocio por sua conta. Elle não é homem que descubra o seu jogo, mas ganha sempre a partida.

A's nove horas, o mordomo entrou de serviço. Trouxe comsigo alguns agentes da policia que apresentou ao director, a quem pediu a liberdade de acção.

Foi um postado no ascensor, outro no vestibulo, o terceiro de vigia ás portas dos ns. 27 e 28. Ninguem poderia desconfiar que eram da policia. Estavam vestidos á paisana, e pareciam-se com quaesquer hospedes.

— Vou ainda assistir ao almoço, disse, baixo, Sherlock a Taxon. Depois da refeição, sahio. Hoje, tenho que trabalhar em tres sitios, ao mesmo tempo. Só assim os poderei filar, até á noite.

— Uma palavra só, sr. Holmes: quem lhe parece que seja culpado?

— E' um que nós não conhecemos, meu filho. Creio que o havemos de encontrar no hotel entre os outros passageiros. Tenho disso a prova quasi certa. E', talvez, um athleta, um saltimbanco, um typo a que vulgarmente chamam "artista". Tem os dedos compridos e delgados e uma das mãos maior que a outra. Necessito primeiro constatar a identidade desse pretenso conde, que jantou hontem com os outros.

— Está a parecer que o ha de ver esta noite, porque Lovell disse ao loiro, á despedida: até amanhã.

— Melhor. Olho vivo, Taxon. Bem sabes que hoje é que jogaremos as ultimas.

— Sei, sei, meu caro mestre, assim como sei tambem que os resultados são sempre os mesmos, quer o senhor trabalhe de graça por amor á arte, ou por amor de alguem. Olhe... não vê! que virá aqui fazer lord Malcolm?

— Effectivamente, era o lord que entrava no pateo. Dirigiu-se ao escriptorio, onde Taxon o seguiu, como quem não quer a coisa.

Lord Malcolm perguntou se Miss Brewer tinha pedido de Paris que lhe reservassem um quarto, e quando chegaria essa senhora.

— De Paris interpellou por sua vez o empregado, consultando o seu registro... nós só esperamos de Paris o senhor barão Balliéres.

— E' isso: um parente dessa dama. E quando deve chegar?

— Não sabemos. Os quarto estão reservados, ha tres dias.

— Miss Brewer deve chegar hoje, proseguiu o lord, segundo me participam. Quando vier, queira entregar-lhe esta carta e dizer-lhe que por ora, não posso cumprimental-a pessoalmente.

O lord acabava de sahir do escriptorio, quando o mordomo entrou.

— Peço-lhe que me ceda por um instante essa carta do lord.

— Isso, é que não póde ser, sr. Holmes. Já vê que eu não devo violar o segredo da correspondencia. Demais disso, o lord não faz parte das pessoas cujos actos o senhor investiga.

— Como sabe que não faz? perguntou o policia. E de tal modo olhou para o director, que este entregou-lhe a carta.

— Daqui a dez minutos virei trazel-a. Dá licença que me demore aqui um bocado?

— Ora essa! Esteja como na sua casa.

O policia sentou-se. Tirou da algibeira uma seringa minuscula, introduziu a extremidade no sobrescripto, e injectou-lhe um pouco de ar.

A parte engommada do papel cedeu sem difficuldade, e Sherlock Holmes abriu a carta e leu:

"Minha querida amiga:

"Já deves saber que minha mulher acaba de ser victima de uma terrivel morte. Estrangularam-na. Não me é possivel ir ver-te. Faze idéa da minha commoção. Se tiveres alguns esclarecimentos para dar-me a este respeito, peço-te que m'os envies immediatamente. Deves estar lembrada de que foste tu a primeira e a unica pessoa que me revelou a traição de Mary. Se o miseravel que escreveu a carta entra por alguma forma no crime, eu o saberei, e estou decidido a perseguil-o, ainda que seja á custa da minha deshonra, ou, em caso contrario, a deitar um véo de esquecimento por sobre tudo isto.

Dá-me noticias tuas o mais brevemente possivel.

Henry"

Sherlock soprava, por entre dentes, um silvo que mal se ouvia.

— Ah! murmurou elle, a bella Ellen Brewer está atraz dos bastidores da peça... Vamos ver como ella descalça a bota.

Dizendo isto, tornou a collar o enveloppe com uma esponjinha, e fechou-o como estava.

— E' melhor, disse elle com um sorriso sarcastico, não mostrar, nem ao director nem a ninguem, este pequenino instrumento da minha invenção. Não seria prudente deixar a correspondencia dos hospedes á mercê d'uma indiscreção; nem todos neste mundo são desinteressados como eu.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Casa de Saude Dr. Francisco Guimarães

RUA ARISTIDES LOBO, 115

PHONE 2-1266

Secção de Maternidade

PARTO COM INTERNAÇÃO EM ENFERMARIA COM 4 LEITOS.... 300$000

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM AOS ANEMIADOS, VELHOS, CONVALESCENTES

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS

ARTIGOS PARA TODOS OS SPORTS

VOLLEY-BALL — Rêdes, bolas, postes.

BASKET-BALL — Rêdes, aros e bolas.

Patins, discos, dardos, pesos, martellos, varas para saltos, bastões de revesamento, medicine balls, etc.

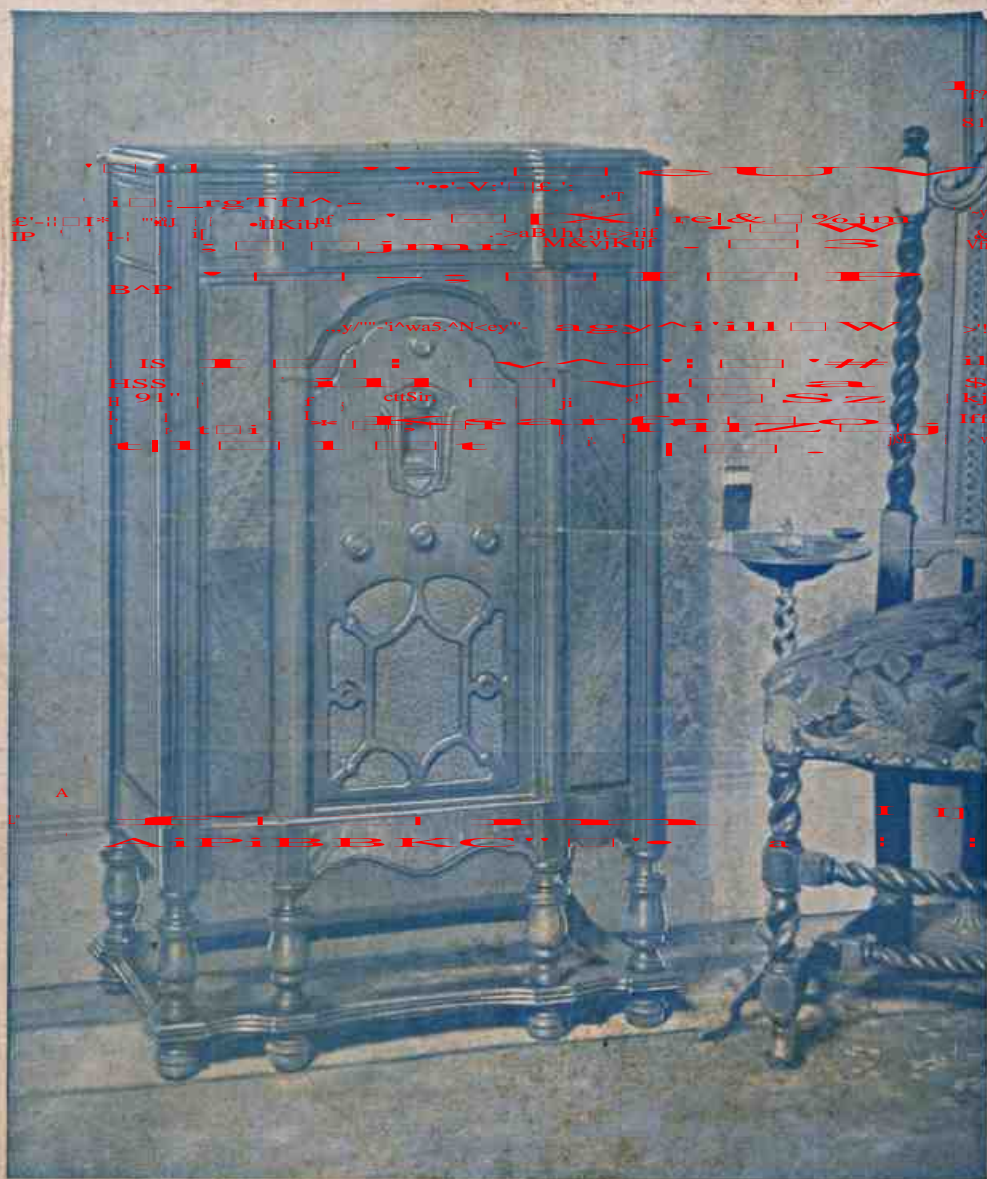
Encordoamento de rackets, 40$

A melhor casa de artigos para sports

RAUL CAMPOS

35, Rua dos Ourives, 37 — Rio de Janeiro

REMETTEM-SE CATALOGOS

RADIO ELECTROLA RCA VICTOR

Modelo RE-80

Um bellissimo movel e um instrumento incomparavel. A mais perfeita electrola em combinação com um radio de 8 valvulas, possante e de grande selectividade.

Vendas em 10 prestações ou no Christoph Club em 50 prestações com dois sorteios semanaes.

Distribuidores Geraes

Paul J. Christoph Company

Ouvidor, 98 | S. Bento, 35
Gonç. Dias, 64 | Direita, 25
Av. Rio Branco, 122-Rio | S. Paulo